

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
CENTRO DE ARTES
CURSO DE DANÇA – LICENCIATURA



Trabalho de Conclusão de Curso

ENSINO DE DANÇAS URBANAS HOJE:

um estudo sobre práticas artístico-pedagógicas contemporâneas na
cidade de Pelotas – RS, a partir do olhar docente

TAISON FURTADO DUARTE

Pelotas, 2016

Taison Furtado Duarte

**Ensino de Danças Urbanas Hoje:
um estudo sobre práticas artístico-pedagógicas contemporâneas na cidade de
Pelotas – RS, a partir do olhar docente**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Dança -
Licenciatura do Centro de Artes da
Universidade Federal de Pelotas, como
requisito parcial para a obtenção do
título de Licenciado em Dança.

Orientador: Prof. Dr. Thiago Silva de Amorim Jesus

Pelotas, 2016

Taison Furtado Duarte

Ensino de Danças Urbanas Hoje:
um estudo sobre práticas artístico-pedagógicas contemporâneas na cidade de
Pelotas – RS, a partir do olhar docente

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado, como requisito parcial, para obtenção do
grau de Licenciado em Dança, Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa:

Banca examinadora:

.....
Prof. Dr. Thiago Silva de Amorim Jesus (Orientador)
Doutor em Ciências da Linguagem pela Universidade do Sul de Santa Catarina

.....
Prof. M. Sc. Flávia Marchi Nascimento (Examinadora)
Mestre em Educação Física pela Universidade Federal de Pelotas

.....
Prof. M. Sc. Josiane Franken Corrêa (Examinadora)
Mestre em Artes Cênicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Este trabalho é dedicado a todos os jovens negros e periféricos que, assim como eu, lutam, apesar da negligência diária do Estado, buscando, através da educação, dias melhores para si e seus familiares.

Agradecimentos

Primeiramente meus pais, Iolete Duarte e Sergio Duarte, também aos meus irmãos Lisandra Duarte, Michael Duarte, Luis Roberto Duarte e Vitória Xavier pelo apoio durante todos os passos da minha vida, sendo eles de dança ou não. Amo vocês!

A minha sobrinha Laisla que nasceu deixando minha vida mais leve. Amo muito!

A minha tia Vera Lucia Furtado, por me apoiar e incentivar todas as minhas escolhas de vida.

Aos demais familiares que de alguma forma me apoiaram e incentivaram.

Ao meu orientador, Prof. Thiago Amorim, por ser um grande mestre durante todo o percurso dentro da graduação, por tornar os momentos de orientação descontraídos e de grande aprendizagem como todas as conversas que temos como aluno e professor ou como amigos.

Aos meus amigos de infância e experiências em dança Giovani Teixeira (bob), Tiago Meirelles, e Cristian Mendes (Gaucho).

Aos amigos que conquistei no Grupo Piratas de Rua durante sua existência, em especial agradeço ao grande amigo e mestre Uanderson Farias (Vovô) pelos ensinamentos em Danças Urbanas. Obrigado por me permitirem fazer parte dessa história!

Aos colegas de trabalho da Cia da Dança que me receberam de braços abertos e me dão total suporte durante esses 6 anos de caminhada juntos.

Aos colegas de Abambaé Companhia de Danças Brasileiras, em especial Diego Rodrigues, Iza Paula Nogueira, Íris Neto e Jaciara Jorge, aprendi muito com vocês.

Aos meus amigos da Rua em Cena Companhia de dança, por acreditarem em mim. Vocês são responsáveis por muitas das coisas boas que estão acontecendo em minha vida. Obrigado por escolherem caminhar junto comigo, pelas parcerias dentro e fora de cena.

A cada um dos entrevistados que dispuseram alguns minutos do seu dia para contribuir com esse estudo.

E a todas as pessoas que de alguma forma participaram da minha trajetória artístico-pedagógica e que me inspiraram ingressar na universidade e a realizar esse trabalho.

Gratidão por todos vocês!

Resumo

DUARTE, Taison Furtado. **Ensino de Danças Urbanas Hoje: um estudo sobre práticas artístico-pedagógicas contemporâneas na cidade de Pelotas - RS a partir do olhar docente.** 2016. 173p. Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Licenciatura em Dança, Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2016.

O presente estudo buscou através de pesquisa de campo proporcionar reflexões a partir do olhar dos docentes de Danças Urbanas sobre a prática de ensino e aprendizagem do gênero na cidade de Pelotas-RS, também objetivou traçar comparativos entre minha atuação na Rua em Cena Companhia de Dança com os demais docentes da cidade. Foi constituído através de entrevista, no qual foram nove professores entrevistados, que por sua vez atingiam os pré-requisitos de mínimo cinco anos de atuação na área das Danças Urbanas e dois anos de atuação como docente desde gênero de dança, intercruzando com a minha experiência pessoal anterior e durante atuação na Rua em Cena. Tem como principais referências os autores: Emerson Camargo (2013), Rafael Guarato (2007), Márcia Strazzacappa (2001) (2010) e Isabel Marques (2008). A partir do presente estudo foi possível discutir aspectos artístico-pedagógicos inerentes aos modos de ensino das Danças Urbanas. Algumas considerações finais trazidas no trabalho foram que a maioria dos professores de Danças Urbanas participantes do estudo são constituídos de uma base semelhante de ensino do gênero que é herança da existência do Grupo Piratas de Rua, também que alguns poucos professores ainda fazem uso de conhecimento empírico sem reflexão aprofundada acerca do ensino de Danças Urbanas e foi possível ainda detectar aproximações e distanciamentos nas formas de ensino dos sujeitos de pesquisa em relação à Rua em Cena Companhia de Dança.

Palavras-Chave: Danças Urbanas; Ensino; Docência; Pelotas

Abstract

DUARTE, Taison Furtado. **Teaching Urban Dances Today: a study of artistic and contemporary pedagogical practices in the city of Pelotas - RS from the teacher look.** 2016. 173p. Completion of course work. Degree in Dance, Performing Arts Center, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2016.

The present study searched through field research provide reflections from the look of the urban dance teachers on the practice of teaching and learning of its genre in the city of Pelotas, also aimed to draw comparisons between my performance in the Rua em Cena Dance Company with others teachers of the city. It was made through interviews, in which nine teachers were interviewed, who in turn reached the minimum of pre requisite five years of activities in the area of urban dance and two years of experience as a teacher of this genre, joining with my experience personal ,before and during acting on Rua em Cena. It have as main references authors: Emerson Camargo (2013), Rafael Guarato (2007), Márcia Strazzacappa (2001) (2010) e Isabel Marques (2008).From the present study it was possible to discuss artistic and pedagogical aspects inherent in the urban dance teaching modes. Some final considerations brought in the study were that most of the urban dance teachers participating in the study are made up of a similar basis of gender education that is the legacy of the existent group Piratas de Rua, also that a few teachers still use of knowledge empirical without deep reflection about urban dance education and was also possible to detect similarities and differences in the forms of teaching of individuals, in relation to Rua em Cena.

Keywords: Urban Dances; Teaching; Pelotas

Lista de Figuras

IMAGEM 1- B.Boy Neguin dançando Breakin'	22
IMAGEM 2 - Don “Campbellock” Campbell dançando Lockin’	23
IMAGEM 3 - Mr. Wiggles dançando Poppin’	24
IMAGEM 4 - Todos os integrantes do Elite Force Crew	25
IMAGEM 5 - Caleaf Sellers dançando a House	26
IMAGEM 6 - Tight Eyez dançando o Krumpin’	27
IMAGEM 7 - Shabba-Doo executando movimento de Wacking	28
IMAGEM 8 - Willi Ninja executando movimentos de Vogue	29
IMAGEM 9 - Dançarinas executando movimentos de Azonto	33
IMAGEM 10 - Dançarino executando os movimento do Passinho	34
IMAGEM 11 - Dançarinos executando os movimentos de Dance Hall.....	34
IMAGEM 12 - Grupo Piratas de Rua e projeto Piratas de Rua da E. E. de E. F. Nossa Senhora dos Navegantes em Curitiba - PR – 2004.....	36
IMAGEM 13 - Participação do Grupo Piratas de Rua da E. E. de E. F. Nossa senhora dos Navegantes na mostra de dança Hip Hop Summer em Tramandaí – RS em 2006	37
IMAGEM 14 - Carlos Machado, eu, Uanderson Vovô e Jones Conceição no palco alternativo do Festival de Dança de Joinville 2006.....	38
IMAGEM 15 - Grupo Piratas de Rua com o troféu de segundo lugar na categoria sênior no Festival de dança de Joinville 2006	39
IMAGEM 16 - Integrantes do Grupo Piratas de Rua com alguns dos troféus e medalha conquistados no Porto Alegre em Dança no ano de 2007.....	40
IMAGEM 17 - Print Screen do Jornal Folha de São Paulo em sua versão online dos 10 destaques do Festival de Dança de Joinville no ano de 2008.....	41
IMAGEM 18 - Grupo Piratas de Rua nos bastidores do Festival de Dança de Joinville 2008, minutos antes de subir no palco e apresentar a Coreografia Búzios	42
IMAGEM 19 - Minutos antes da apresentação do espetáculo Tá Valendo?, construído pelos alunos sob orientação da prof. Josiane G. Franken Corrêa na disciplina de Montagem de Espectáculo do curso de licenciatura em dança da UFPEL	44

IMAGEM 20 - Caroline Paz e Taison Furtado (eu) no ensaio para estreia do espetáculo Sóis, da Abambaé Companhia de Danças Brasileiras no ano de 2014 ..	45
IMAGEM 21 - Ensaio de palco da coreografia de abertura do espetáculo América Unida no ano de 2013	45
IMAGEM 22 - Rua em Cena Companhia de Dança fazendo participação na mostra de final da Cia da Dança	46
IMAGEM 23 - Integrantes da Rua em Cena comemorando o prêmio de segundo lugar na categoria adulto e modalidade conjunto, no Dança Bagé em 2015.....	47
IMAGEM 24 - Pôster de divulgação de espetáculo – Atividade avaliativa da disciplina de Montagem de Espetáculo I.....	48
IMAGEM 25 - Panfleto de divulgação de espetáculo – Atividade avaliativa da disciplina de Montagem de Espetáculo I	48
IMAGEM 26 - Material de divulgação do espetáculo Relógio de Areia	49
IMAGEM 27 - Foto de divulgação da Rua em Cena Companhia de Dança	62
IMAGEM 28 - Elenco completo da Rua em Cena Companhia de Dança no final do ensaio no dia 16 de abril de 2016	63
IMAGEM 29 - Ensaio da Rua em Cena durante processo de montagem do espetáculo	65
IMAGEM 30 - Integrantes do extinto Grupo Piratas de Rua participando do ensaio da Rua em Cena	66
IMAGEM 31 - Ensaio da Rua em Cena Companhia de Dança durante processo de montagem de espetáculo	67
IMAGEM 32 - Registro de aula durante o processo de montagem do espetáculo Relógio de areia	69

Lista de Tabelas e Gráficos

Tabela 1 - Panorama do elenco63

Gráfico 1 - Influência do Grupo Piratas de Rua na formação dos sujeitos77

Sumário

Apresentação	13
Introdução	15
1 Sobre Danças Urbanas na contemporaneidade	18
1.1 <i>Street Dance</i> , Dança de Rua ou Danças Urbanas?	18
1.2 Origem das Danças	19
1.3 A diversidade das Danças Urbanas e suas subdivisões	20
1.3.1 <i>Breakin'</i>	21
1.3.2 <i>Lockin'</i>	23
1.3.3 <i>Poppin'</i>	24
1.3.4 <i>Hip Hop Free Style</i> ou <i>Hip Hop Dance</i>	25
1.3.5 <i>House Dance</i>	26
1.3.6 <i>Krumpin'</i>	26
1.3.7 <i>Wacking, Waacking ou Punkin'</i>	27
1.3.8 <i>Vogue</i>	28
1.3.9 Variações dentro dos subgêneros	29
1.4 Chegada das Danças Urbanas no Brasil	30
1.5 Danças Urbanas na Contemporaneidade	32
2 A Rua entrou em Cena	35
2.1 Primeiros passos	35
2.2 Ficando adulto, o ápice e alguns pontos finais.....	36
2.3 Novos rumos	43
2.4 Rua em Cena Companhia de Dança	46
3 Reflexões sobre o ensino de Dança Urbanas.....	51
3.1 Formação	51
3.2 Algumas reflexões sobre metodologia de ensino	54
3.3 Diferenças entre gêneros de dança	55
3.4 Características artístico-pedagógicas inerentes aos modos de ensino das Danças Urbanas.....	57
3.5 Ensino de Danças Urbanas em Pelotas.....	59
3.6 Ensino de Danças Urbanas na Rua em Cena: reflexões iniciais	61
3.6.1 Características do contexto	62
3.6.2 Processo pedagógico no ensino de Danças Urbanas: Experiência pessoal e coletiva da Rua em Cena	64

4	Metodologia	71
5	Análise dos dados	75
5.1	Indicadores analíticos.....	75
5.2	Da análise.....	75
6	Considerações finais.....	93
	Referências	96
	Apêndices.....	99
	Anexos	103

Apresentação

Anterior à universidade, iniciei meus estudos na dança através das Danças Urbanas. No início do ano letivo de 2004, ainda no ensino fundamental, fui convidado pela professora Luciane Aldeia da escola Nossa Senhora dos Navegantes, escola em que eu estudava, a ingressar no novo projeto extracurricular que estava para ser iniciado em parceria com o Grupo Piratas de Rua.

Já nas primeiras aulas, a dança me seduziu, e a partir de então perder um dia de aula era algo fora de questão para mim. Naquele projeto, eu me sentia valorizado, familiarizado, visto que as aulas de dança que aconteciam extracurricularmente na escola eram parte da cultura urbana da qual eu e todos os outros jovens éramos e somos atravessados cotidianamente.

Minha trajetória na dança se inicia neste projeto, no qual tive muitas experiências importantes. Ao término deste, ingressei no Grupo Piratas de Rua, no qual permaneci durante alguns anos e tive outras grandes experiências, como passar de bailarino a coreógrafo. Foi ainda dentro deste grupo que iniciei minha prática docente, dando aulas e coreografando alguns trabalhos em parceria com colegas ou sozinho. Quando resolvi percorrer outros caminhos da dança e sair do grupo, me tornei professor e coreógrafo da Cia da Dança em 2010.

Ingressei na Universidade Federal de Pelotas em 2011 com interesse em aprender a projetar, produzir e executar espetáculos de dança, e tinha também expectativa de em algum momento dentro da graduação ampliar meus conhecimentos em Danças Urbanas. No entanto, as Danças Urbanas não faziam parte da grade curricular do curso, nem na teoria, nem na prática, assim como outros gêneros de dança. Diferentemente, hoje, o currículo novo, em vigor desde 2013, proporciona espaço para a prática de alguns gêneros de dança, incluindo as Danças Urbanas.

Entretanto, o curso em questão forma licenciados em dança, o que faz sua estrutura disciplinar ser voltada para tal formação. Uma vez dentro do curso, passei a pensar a posição de docente e a exercitá-la de formas diferentes em diversas experiências, como práticas pedagógicas, seminários expositivos, aulas simuladas, etc.

Como já mencionado, desde meu ingresso na universidade eu já praticava a docência, e isso foi enriquecedor no sentido em que eu buscava colocar em prática os aprendizados vindos do curso, com o objetivo de melhorar minha prática docente.

Também no ano 2011 tive a oportunidade de ingressar na Abambaé Companhia de Danças Brasileiras, na qual exerci a função de bailarino e posteriormente, por um breve período, de ensaiador também. Durante esse percurso, fiz parte do elenco de dois de seus espetáculos e também tive o privilégio de fazer parte do casal que representou a companhia e o Brasil no projeto América Unida, do qual falo com mais detalhes na página 44.

Em 2014 fundei, com dois grandes amigos e companheiros de dança, Tauana Oxley e Thiago Meirelles, a Rua em Cena Companhia de Dança, uma companhia independente que desenvolve seus trabalhos a partir do gênero das Danças Urbanas. Hoje, como integrante, ocupo as funções de intérprete, professor, coreógrafo e diretor geral, e nesse espaço continuo pensando a docência.

Por aqui encerro essa apresentação que tem o intuito de proporcionar um melhor conhecimento de quem é o autor, porém mais aspectos da minha trajetória como artista e professor serão apresentados ao longo desse estudo porque o trabalho tem também este caráter biográfico.

Introdução

A dança se transforma ao longo do tempo, novos gêneros vão sendo criados e recriados permanentemente, e isso não é diferente para as Danças Urbanas. Este gênero emerge da cultura negra popular norte-americana. Depois de seu surgimento foram criadas muitas divisões e estéticas que dialogam com essa poética ao longo do tempo.

Por ser uma dança popular e por ter sua origem na rua, sua forma de ensino foi se consagrando ao longo de sua trajetória histórica sem o uso de um método organizado, isto é, a instrução sempre foi caracterizada pelo compartilhamento de ensinamentos.

O viés que escolhi neste trabalho é a perspectiva pedagógica do ensino deste gênero, chegando ao seguinte problema de pesquisa: qual o olhar dos docentes de Danças Urbanas da cidade de Pelotas – RS sobre a prática artístico-pedagógica no ensino deste gênero?

A respeito desse problema, levantei três hipóteses: primeira: os atuantes não têm formação pedagógica formal/acadêmica para ensinar; segunda: eles fazem uso prioritariamente da experiência empírica, de modo a reproduzir o que aprenderam sem uma reflexão tão aprofundada; terceira: possivelmente existam semelhanças e diferenças entre os modos de ensinar Danças Urbanas dos sujeitos pesquisados.

Este trabalho é importante para mim, pois minha história como artista, indivíduo e professor está ligada inteiramente à poética das Danças Urbanas. Ao ingressar na universidade, passei a olhar aquilo que eu fazia sob outras perspectivas, revendo meu modo de ensinar através dos conhecimentos adquiridos nas disciplinas pedagógicas de ensino da dança, o que dialoga diretamente com o que me interessava.

A partir de determinado momento, criei, junto a outros dois amigos, a Rua em Cena Companhia de Dança que desenvolve seus trabalhos através das poéticas das Danças Urbanas, na qual atuo sob a perspectiva do ensino desta linguagem. Logo, toda essa minha vivência, dentro e fora da universidade, fez renascer em mim a necessidade de desenvolver um trabalho nesse viés, traçando um comparativo entre os modos de ensino na companhia e os demais profissionais da cidade de Pelotas.

O trabalho em questão é também importante para a companhia, pois é a documentação de parte de sua existência, bem como ajudará a visualizar o

processo metodológico de seu trabalho e, assim, auxiliará a companhia a pensar os próximos passos na perspectiva da metodologia de ensino de Danças Urbanas.

Essa pesquisa contribui para o meio acadêmico por ser um estudo sobre Danças Urbanas, gênero de dança que apresenta pouquíssimas publicações (dado esse comprovado durante a feitura do presente trabalho), e contribuição maior por tratar das metodologias de ensino deste, sobre as quais, até o presente momento, encontrei apenas uma publicação.

Esta pesquisa pretende averiguar como se dá o ensino das Danças Urbanas na cidade de Pelotas, investigando práticas artístico-pedagógicas contemporâneas de docentes do gênero. Mais especificamente, proponho investigar quais aspectos são considerados importantes para o professor de Danças Urbanas no desenvolvimento de sua atuação docente e comparar experiências metodológicas de ensino do gênero realizadas no contexto da Rua em Cena Companhia de Dança com as de outros contextos da cidade de Pelotas.

Os principais autores utilizados nesse estudo são: Emerson Camargo (2013), Rafael Guarato (2008), Isabel Marques (2008), Márcia Strazzacappa (2001) (2010), e J. J. S. Fonseca (2002).

O trabalho é uma pesquisa de campo, no qual foram entrevistados nove docentes que atuam com o ensino de Danças Urbanas na cidade de Pelotas, com entrevistas realizadas no período de 20 a 27 de maio, mais observações das atividades da Rua em Cena companhia de Dança realizadas no período de Março a Junho de 2016.

Deste modo, o presente trabalho está organizado da seguinte forma: o primeiro capítulo, *Danças Urbanas na contemporaneidade*, trata sobre o conceito de Danças Urbanas, a estrutura de suas subdivisões, sua chegada ao Brasil e seu estado na atualidade. Nessa parte do trabalho são abordadas as características que estão associadas ao gênero e suas transformações.

A Rua entra em Cena é o segundo capítulo deste estudo e refere-se aos acontecimentos importantes de minha trajetória com a dança, passando pelos momentos de maior relevância em minha formação até a fundação e desenvolvimento do trabalho da Rua em Cena Companhia de Dança, bem como os motivos que auxiliam a entender como está configurada minha atuação hoje.

Já no terceiro capítulo, *Reflexões sobre o Ensino das Danças Urbanas*, abordo as formas do ensino da dança de maneira ampla e, mais especificamente, do

ensino de Danças Urbanas. Este capítulo também reflete sobre as peculiaridades do ensino do gênero passando pelo contexto da Rua em Cena Companhia de Dança.

Passados os capítulos de fundamentação teórica inicial, é apresentada a metodologia do trabalho, na qual são descritos a caracterização da pesquisa e a configuração dos instrumentos de coleta de dados.

Na análise de dados são trazidas todas as informações levantadas através das entrevistas, questionários e diário de campo, na tentativa de buscar cruzar estas informações com outros autores.

Já nas considerações finais, volto para as principais ideias desenvolvidas ao longo do trabalho e encaminho uma conclusão parcial, fazendo reflexão da bibliografia utilizada, da ida à campo e os conhecimentos que o trabalho construiu.

Por fim, seguimos para o campo dos pós-textuais com as referências, anexos, apêndices, e assim está concluído o trabalho. Boa leitura a todos.

1 Sobre Danças Urbanas na contemporaneidade

1.1 *Street Dance*, Dança de Rua ou Danças Urbanas?

Tem-se uma noção, um conhecimento empírico, de que a primeira nomenclatura para se referenciar às Danças Urbanas foi o termo *Street Dance*, em inglês, cabendo à imprensa americana ser a primeira a utilizar a expressão.

Durante a crise de 29¹, surgiu nos EUA um momento em que artistas desempregados foram às ruas, usando-as como palco para seus shows, na tentativa de ganhar dinheiro e garantir seu sustento durante o processo de crise econômica (CARMARGO, 2013). Foi nesse contexto que este nome foi utilizado pela imprensa. Porém, como poderá ser observado ao longo desse estudo, as técnicas e estéticas que conhecemos hoje como *Street Dance* ainda não haviam sido criadas. Em qual momento ou como aconteceu esse trânsito, não sei afirmar, não encontrei nenhuma evidência que pudesse esclarecer essa questão.

Em uma tradução literal do termo para o português, obtemos Dança de Rua. Entretanto, para os praticantes norte-americanos, a palavra *street*, do termo em inglês, tem seu sentido ligado ao que seria a palavra *urbano* no Brasil.

Porém, no Brasil, o nome Dança de Rua enfrenta alguns preconceitos. Alguns anos atrás, quando os festivais de dança incluíram as Danças Urbanas como parte dos eventos de dança, depois de muita resistência dos organizadores, utilizavam o nome em inglês, *Street Dance*, para se referir ao gênero. Até hoje muitas das academias de dança do país não utilizam o termo em português por acreditarem ser um nome não comercial e menos atrativo.

Trabalhando como professor nas academias de dança, também percebo que existe preferência dos proprietários em adotar o termo em inglês, chegando ao ponto de ouvir certa vez de um deles a justificativa de que os pais dos alunos não queriam dizer para seus amigos que os filhos praticavam Dança de Rua, preferiam usar o termo *Street Dance* por ser em inglês e, para eles, menos agressivo.

Se para algumas academias de dança o nome Dança de Rua não é comercial e atrativo, para possíveis patrocinadores de espetáculos de dança, grupos,

¹Também conhecida como “A grande depressão”, foi uma crise econômica de grande proporção que atingiu os EUA no ano de 1929 e se estendeu durante toda a década dos anos 30, até o início de 1940. Para saber mais sobre esse contexto, indico *História do mundo contemporâneo*, de Norman Lowe.

companhias e festivais também pode não ser. Contudo, essa não foi uma dificuldade apenas brasileira, o que fez com que um profissional da Alemanha pensasse em uma alternativa, o que inspirou outro brasileiro, como afirma Torres (2015, p. 35):

Storm Robitzky² começou a utilizar o termo *Urban Tanz*³. Frank Ejara⁴, conhecendo o dançarino, traduziu o termo para danças urbanas e começou a utilizar a nomenclatura, a qual apresentou bons resultados para sua companhia, a Discípulos do Ritmo.

Entre os praticantes de Danças Urbanas na atualidade, é possível perceber que essa é a expressão mais utilizada no Brasil. Porém, o termo *Street Dance* também pode ser usado, não caracterizando um erro, mas um nome que também se aplica ao gênero pelo conceito imbricado na expressão. O que saliento é que, no Brasil, há alguns anos atrás, o termo *Street Dance* era usado por festivais de dança e ainda é usado por algumas academias para desvincular a sua relação às periferias e às classes menos favorecidas da sociedade. Já os americanos utilizam esse termo no sentido de dança popular, que emerge do povo e que é urbana.

1.2 Origem das Danças

Existem muitos subgêneros que compõem o gênero das Danças Urbanas, no entanto, é difícil relatar seus surgimentos porque até mesmo nos dias atuais novos subgêneros estão surgindo em várias partes do mundo. Porém, podemos dizer que a origem do gênero Danças Urbanas está nos Estados Unidos. Para este estudo, buscarei discorrer brevemente sobre os aspectos que foram importantes para o surgimento do gênero.

Sobre esse *start* existem algumas versões, e partirei das influências da cultura negra norte-americana vinda do meio rural para o meio urbano, assim como afirma Colombero (2011). Um movimento importante para este gênero foi a migração nas décadas de 1930 e 1940 de negros do sul dos Estados Unidos para as grandes

² Dançarino e coreógrafo alemão, tem grande prestígio no mundo inteiro. Para conhecê-lo, acesse: <http://www.stormdance.de/>

³ Termo em alemão, criado por Storm Robitzky. Traduzido para o português, significa Danças Urbanas.

⁴ Dançarino, coreógrafo, professor de Danças Urbanas e Diretor da companhia Discípulos do Ritmo da cidade de São Paulo - SP.

idades do norte do país, que levavam para onde fossem sua cultura, assim difundindo os gêneros musicais *Blues* e *Soul*.

Após a migração, anos mais tarde, mais precisamente na década de 1960, fomos contemplados com o surgimento de um grande nome da música, James Brown⁵. Ele é o responsável pela difusão da música *Funk*, criada através da influência de vários ritmos negros como o *Blues*, *Jazz*, *Soul* e *Rhythm and Blues*.

De acordo com Camargo (2013), James Brown não foi responsável apenas por disseminar a música *Funk*, mas uma atitude, uma forma de ser, de se vestir, de dançar. É através das *Social Dances*⁶ – maneira solta de executar e criar os passos de dança, que possibilita a qualquer pessoa dançar (pensamento este disseminado pelo *Jazz* anos antes) – que a dança *Funk* ganhava espaço.

Antes do surgimento das danças *Lockin*⁷, *Poppin*⁸ e *Breakin*⁹, tidas hoje por muitos como os primeiros subgêneros das Danças Urbanas, a *Funk* possuía mais características do gênero das Danças Urbanas.

No entanto, outro momento que podemos considerar crucial para as Danças Urbanas foi o surgimento da *Break Beat*, que teve seu início com a chegada do DJ Kool Herc aos EUA. De acordo com Camargo (2013, p. 47), “entre 68 e 69, o jamaicano Kool Herc chega aos EUA fugido das lutas civis de seu país e trazendo consigo as primeiras *Block Parties*, as festas de quarteirão, realizadas nas ruas do *Bronx*, utilizando os *Disco-mobiles*.”

A partir da chegada de Kool Herc aos EUA, levando consigo sua cultura Jamaicana, esta passa a pertencer a esse novo país ao ser permeado pelos costumes nativos, se recria e começa a se espalhar nas periferias proporcionando o surgimento de uma nova cultura, a Cultura Hip-Hop.

1.3 A diversidade das Danças Urbanas e suas subdivisões

Este é um gênero que comporta muitos subgêneros que, por sua vez, têm também suas variações. Cada um dos subgêneros é constituído de técnicas e

⁵ Cantor norte-americano e grande expoente da música no mundo.

⁶ Danças sociais norte-americanas, realizadas em festas, reuniões dançantes em família, entre outros ambientes de sociabilidade.

⁷ Subgênero de Danças Urbanas a ser explicado mais detalhadamente na página 22.

⁸ Subgênero de Danças Urbanas a ser explicado mais detalhadamente na página 20.

⁹ Subgênero de Danças Urbanas a ser explicado mais detalhadamente na página 21.

estéticas próprias; no entanto, também existem variações de técnicas de alguns subgêneros.

Sendo as Danças Urbanas um gênero que se constitui através da mistura de outras técnicas de dança, e por ser algo que está em constante transformação e ampliação, criaram-se divisões para diferenciar dentro deste gênero as danças que lhe deram origem daquelas que vêm surgindo ao longo do tempo.

Esta subdivisão se dá entre *Old School* ou *Old Style* e *New school* ou *New Style*. As danças *Lockin'*, *Poppin'* e *Breakin'* são consideradas *Old School*, que significa Velha Escola em português, tidas por muitos de seus praticantes como as danças originais do gênero por serem as primeiras a surgirem. Isso nos diz que as técnicas de Danças Urbanas surgidas nos finais dos anos 60, 70 e início dos anos 80 podem ser chamadas de *Old School*.

Já a *New School*, que em português significa Nova Escola, são as danças que surgiram após aquelas que compõem a *Old School*, sendo elas *House*, *Hip Hop Dance*, *Vogue*, *Wacking*, *Krumpin'* e todas as outras. Logo, isso significa que as técnicas dos subgêneros de Danças Urbanas que surgiram durante os anos 80 até o presente momento são consideradas *New School*.

Buscarei, aqui, através da informação de alguns autores e de meus conhecimentos obtidos como intérprete, coreógrafo e professor de Danças Urbanas, discorrer sobre as características inerentes a algumas técnicas do gênero em questão.

1.3.1 Breakin'

É a primeira dança a fazer parte da cultura Hip Hop, constituída de quatro elementos, representados pela figura do *Mc*, *DJ*, *Grafite* e o *Breakin'*. Para Camargo (2013, p. 73), esse subgênero:

já existe há pelo menos 40 anos e, no final dos anos 60, teve sua formulação com surgimento da B.Beat. Seu termo foi criado pelo Dj Kool Herc, teve sua formatação entre os anos 70 e 80 e vem se expandindo desde então.

Grandes marcas mundiais patrocinam praticantes desse subgênero. Profissionalmente, dentro do gênero de Danças Urbanas, talvez seja a vertente em

que os praticantes mais conseguem obter lucros financeiros somente atuando como dançarino, sem necessidade de tornar-se professor.

Acontece em sua maior parte na linha horizontal, com os movimentos de *footwork* e *freeze*, ou seja, no chão. Mas também tem como característica o *Top Rock*, movimento com muitas marcações dos pés no chão, virando de um lado para o outro e que também pode ter influência de outras danças, como a Salsa e outros subgêneros das Danças Urbanas. Sobre isso, Camargo (2013, p. 78) afirma que:

O *Breakin'* foi a força motora nos anos 70 e 80, surgindo depois do *Original Funk*, aproveitando movimentos acrobáticos, ginástica olímpica, artes marciais, sapateado e outros, sempre usando bem as articulações, limites do corpo e o contato com o chão. O estilo praticamente permanece igual como quando foi criado no final dos anos 60, entretanto, mesmo com a tradição sendo mantida desde o início da Cultura Hip Hop pelos B.Boys, as manobras têm alcançado complexidade cada vez maior com o passar do tempo.

Apesar do *Breakin'* permanecer praticamente igual ao longo dos anos, mas elevando seu grau de dificuldade nos movimentos acrobáticos, como afirma o autor, este subgênero, assim como todos os outros deste gênero de dança, também defende que cada praticante desenvolva a sua forma de dançar, podendo agregar outros conhecimentos a sua técnica e desenvolvendo uma identidade própria.

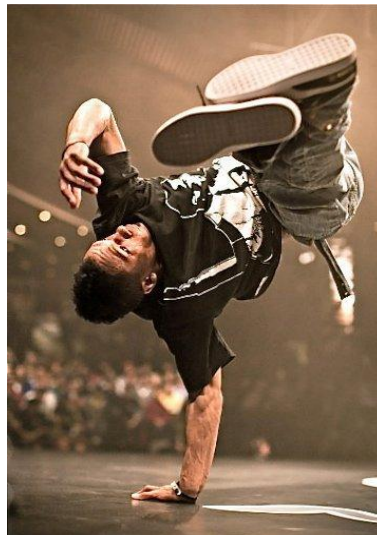


IMAGEM 1- B.Boy Neguin dançando Breakin'
FONTE: caras.uol.com.br

No Brasil temos um grande exemplo desse subgênero, tido como um dos melhores *B.Boys*¹⁰ do mundo na atualidade: Fabiano de Carvalho, mais conhecido como *Bboy* Neguin, desenvolveu sua identidade no *Breakin'* utilizando conhecimentos advindos de sua vivência com a Capoeira. Por conta disso, ganhou destaque no mundo, o que o levou a participar de quatro shows no Brasil no ano de 2012 da *MDNA Tour*, turnê da cantora norte-americana e ídolo *pop* mundial, Madonna.

1.3.2 *Lockin'*

A dança *Lockin'* surge dançada sobre o gênero musical *Funk*, e se utiliza da movimentação de pés da dança *Funk*, tendo como característica uma expressão alegre, tida por algumas pessoas também como cômica. Foi criada por Don “Campbellock” Campbell em Los Angeles – Califórnia nos anos 60, criador do grupo *The Lockers* em 1972 (CAMARGO, 2013). Para Colombero (2011, p. 2), ela é “caracterizada por movimentação rápida dos braços em música *Funk*, assim como movimentos de “travar” os joelhos, produzindo a impressão de uma ruptura, congelando em certas posições e depois continuando rápida como antes.” Algumas destas características podem ser visualizadas na imagem a abaixo:



IMAGEM 2 - Don “Campbellock” Campbell dançando Lockin’
FONTE: lacumbredelego.wordpress.com

¹⁰ Nome dado a figura associada ao gênero masculino que dança *Breakin'*. Já, quando se trata de uma pessoa a figura associada ao gênero feminino, o nome dado é B.Girl. A letra b no início do nome significa *breakin'*.

Don Campbell, juntamente aos demais integrantes do grupo *The Lockers*, realizou durante a década de 1970 algumas apresentações no famoso programa de televisão *Soul Train*. Essas *performances* podem ser visualizadas ainda hoje através do *site* de vídeos *YouTube*, sendo sempre enriquecedor assistir e reassistir.

1.3.3 *Poppin'*

Segundo Colombero (2011), com o passar dos anos a música foi se modificando e foram sendo incorporados a ela novos instrumentos musicais, como a flauta de gás hélio. Logo, isso também teve reflexos na dança, proporcionando o surgimento da dança *Poppin'*. Criada por Sam Salomon, também conhecido como “*Boogaloo Sam*”, entre as décadas de 1970 e 1980, criador do grupo *Electric Boogaloo Lockers*, que mais tarde passou a chamar-se somente *Electric Boogaloo*.

Ele começou a desenvolver seu próprio estilo e em 75 formou o grupo. O *Boogie*, apelido retirado de uma música de James Brown, ou apenas *Poppin'*, é quase a descrição da palavra *Pop* que expressa tique que interrompe ou determina o intervalo entre um movimento e outro, mas também é a evolução de uma dança antiga, o *Robot*, que era somente a cópia dos movimentos mecânicos de um robô, quase o que conhecemos hoje como “vitrine viva” e ainda com a influência do programa *The Clinkers*, com a atuação dos atores cômicos, Robert Shields e Lorene Yamell, que imitavam o gestual de robôs, no ano de 1977, no canal da CBS, além da influência do *Funk Robot*, dançado na época (CAMARGO, 2013, p. 86).



IMAGEM 3 - Mr. Wiggles dançando Poppin'
FONTE: www.mrwiggles.biz

Um grande difusor desse subgênero foi o Astro e Rei do *Pop* Michael Jackson¹¹. Nos shows ou videocliques, quando dançava sozinho em momentos das coreografias para destacar-se, ele dançava de maneira predominante o *Poppin'*, contraindo a musculatura, deslizando de um lado a outro do palco e “imitando” um robô com toda a genialidade que tivemos o privilégio de conhecer.

1.3.4 Hip Hop Free Style ou Hip Hop Dance

A dança tem seus movimentos básicos e um fluxo no tronco que impulsiona o corpo para baixo. Segundo Colombero (2011), tem sua origem nas danças sociais norte-americanas, e ao fazer parte de videocliques de cantores, os dançarinos começaram a quebrar seus movimentos. Teve influencia do *Breakin'*, *Lockin'* e *Poppin'* em sua constituição.



IMAGEM 4 - Todos os integrantes do Elite Force Crew
FONTE: www.eliteforcecrew.com

No mundo, o grupo referência nesse subgênero é a *Elite Force Crew*, composto por Emilio Austin Jr., mais conhecido como Buddah Stretch, Henry “Link” McMillan, Jamel “Lose Joint” Brown, Ejoye Wilson, Terry “Brooklyn Terry” Wright e Bobby “Mileage” Barnette. Hoje é uma dança muito difundida no Brasil. Edson Luciano Gonzaga, mais conhecido Edson Guiu, diretor da Ritmos da Family Companhia de Dança, é o principal nome referência desta dança.

¹¹ Famoso cantor norte americano, mas também dançarino, compositor e empresário. É um dos artistas que mais vendeu álbuns no mundo.

1.3.5 House Dance

Tem como característica marcante os *staps*, marcação de pisadas no chão. Alguns passos desse subgênero com este aspecto são *Farmer*, *Skate*, *Swril*, entre outros.

Na *House Dance*, segundo Colombero (2011 p.5), “o movimento é executado para cima, enquanto o corpo está descendo, trabalha com muita movimentação de pernas.”

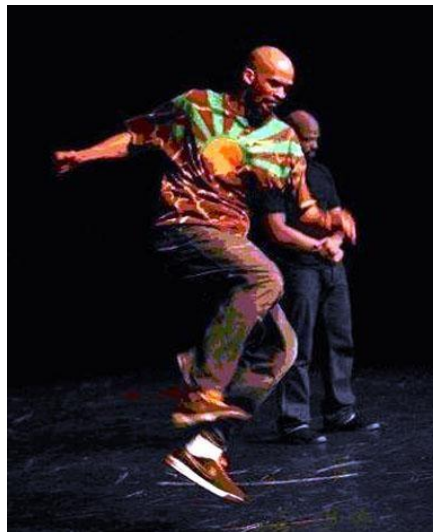


IMAGEM 5 - Caleaf Sellers dançando a House
FONTE: dancespring.ru

Ainda se encontram influências de danças latinas, africanas e de manifestações da cultura popular brasileira, como a Capoeira. De certa forma, é um subgênero que permite uma vasta possibilidade de diálogos com outras danças e manifestações culturais.

1.3.6 Krumpin'

É uma dança que impressiona visualmente em um primeiro momento. Desavisados podem acreditar que se trata de um ato de violência, por tamanha expressão de agressividade criada por quem a dança, conforme pode ser apreciado na imagem abaixo.



IMAGEM 6 - Tight Eyez dançando o Krumpin'
FONTE: i.ytimg.com

Esta técnica é uma “evolução” do *Clownin'*, porém, é mais sinistra, usada como uma exagerada e dramática expressão de raiva ou liberação de emoções violentas, através de movimentos. *Krumpin'* originou-se na comunidade afro-americana do centro sul de Los Angeles, com influência em diversas danças dos EUA, entre elas as danças das culturas indígenas da América do Norte, mas, também a Maori Warrior Dance, de origem aborígine do continente da Oceania (CARMARGO, 2013, p. 102).

Por outro lado, também percebo um pouco da influência da técnica do *Poppin'*, juntamente à contração para executar os movimentos e assim trazer uma atmosfera ainda mais explosiva a esse subgênero.

1.3.7 *Wacking, Waacking ou Punkin'*

Surgiu nas boates gays americanas entre os anos 1970 e 1980, o que contribuiu bastante para que, a partir de então, as mulheres passassem a incorporar características mais femininas dentro das Danças Urbanas. Um dos principais nomes que contribuíram para o crescimento dessa dança foi Shabba-Doo, integrante do grupo *The Lockers*, como afirma Camargo (2013, p. 121):

O *Wacking* pode até ser considerada uma versão gay do *Lockin'*, pois a comunidade em questão desenvolveu o estilo a partir e dentro dos conceitos da técnica de *Campbellock*, porém, ambas as técnicas andavam em caminhos diferentes, até que Shabba Doo, do grupo *The Lockers*, fez a ponte entre as mesmas, desenvolvendo o chamado “*Shabba Doo Style*” que começou a ser difundido tanto nos clubs gays quanto nas ruas.



IMAGEM 7 - Shabba-Doo executando movimento de Wacking
FONTE: www.shabba-doo.com

Em um leve comparativo entre as imagens do *Lockin'* (ver Página 23) e *Wacking* referenciadas nesse estudo, fica claro a distinção de estéticas visuais entre elas, o que, por sua vez, nos diz que as duas realmente não são uma única técnica, mas que possivelmente exista influência de uma sobre a outra.

1.3.8 Vogue

Assim como o *Wacking*, o *Vogue* surgiu nas boates gays americanas entre os anos 70 e 80. No entanto, as duas danças apenas dividem o mesmo contexto, pois não foram desenvolvidas sob os mesmos princípios. O *Vogue* é uma dança inspirada nas poses de bailarinas clássicas, atrizes de Hollywood e revistas de moda, das quais se originou o nome da dança.

A dança *Vogue* também é conhecida como *Vogue In Dance* e *Voguing*.

O *Vogue* também abrange outras formas de dança e movimentos, como o *Modern Jazz*, o *Ballet Clássico*, a *Ginástica Rítmica*, as *Artes Marciais*, o *Breakin'*, a *Yoga* etc. Alguns historiadores de dança pontuam que o *Breakin'* e o *Vogue* desenvolveram-se juntos em um estado de mútua troca, com artistas de ambos os lados interagindo com outros do Central Park, na cidade de Nova York, West Side Piers, no Harlem e no Washington Square Park durante os anos 70 e 80 (CAMARGO, 2013, p. 122).

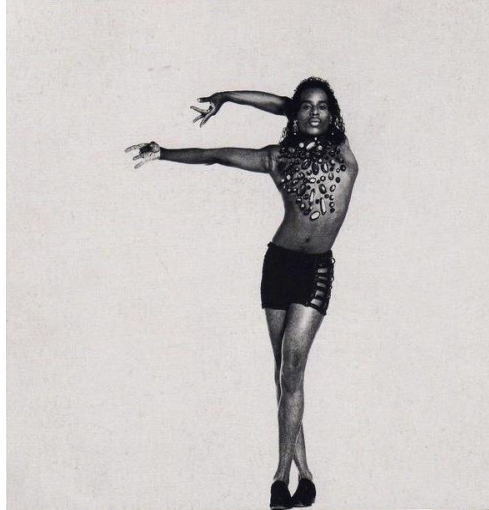


IMAGEM 8 - Willi Ninja executando movimentos de Vogue
 FONTE: s-media-cache-ak0.pinimg.com

A principal responsável pela difusão do *Vogue* pelo mundo foi a estrela norte-americana e rainha do *pop*, Madonna, visto que, após incorporá-la aos seus shows e videoclipes, a dança tornou-se popular.

1.3.9 Variações dentro dos subgêneros

Muitos dos subgêneros das Danças Urbanas têm variações técnicas, tanto na *Old School* quanto na *New School*. Para explicar essas variações usarei o *Poppin'*, que é uma dança da *Old School*, e o *Vogue*, dança da *New School*.

O *Poppin'* se consiste em movimentos que em sua maior parte são simétricos e terminam com contração muscular. No entanto, existem dentro dessa dança outras variações, como o *Tutting*, o *Isolation* e o *Robot*, entre outras, que partem da técnica do *Poppin'*, com peculiaridades inerentes a cada vertente.

O *Vogue* é uma dança de poses inspirada em bailarinas clássicas, revistas de moda e atrizes de Hollywood (e todas as influências descritas na seção acima, dedicada a explicar sobre o referido subgênero). Essa forma de dançar *Vogue* é conhecida como *Old Mode*, forma anterior aos anos 90. A partir de então, o *Vogue Femme* e o *Dramatic Vogue* trouxeram a execução de mais desenhos geométricos, poses com contorções de membros juntos, movimentações com a articulação dos pulsos que geram certa ilusão de óptica, entre outras contribuições que caracterizam o *New Mode* (CAMARGO, 2013).

Estes exemplos foram utilizados para demonstrar as variações existentes dentro dos subgêneros. Até onde se sabe, vários subgêneros apresentam variações; no entanto, seria muito difícil citar cada um deles e suas variações nesse estudo.

Porém, para não correr o risco de passar despercebido, retomo que as Danças Urbanas são divididas entre *Old School* ou *Old Style* e *New School* ou *New Style*, entre subgêneros, e também entre variações de subgêneros.

Destarte, entendemos que as Danças Urbanas conformam um gênero extremamente amplo e complexo. Nesta subseção foram abordadas algumas modalidades que foram disseminadas pelo mundo, ou seja, isto é apenas um recorte. Existem várias outras técnicas desse gênero que estão ganhando cada vez mais espaço na atualidade. Por outro lado, esse estudo não tem por objetivo descrever e/ou documentar todos os subgêneros existentes e suas variações. Esta foi uma tentativa de buscar contextualizar o leitor acerca da pluralidade do gênero abordado.

1.4 Chegada das Danças Urbanas no Brasil

Segundo Emerson Camargo (2013), as Danças Urbanas chegaram ao Brasil na década de 1980, não sozinhas, mas com toda a cultura da qual fazem parte e com grande influência da mídia através de filmes, videocliques e comerciais de televisão:

Em todos os cantos era a mesma história, garotos e garotas de luvas brancas, vestindo calças quadriculadas, roupas coloridas, óculos escuros e um enorme rádio gravador a tiracolo mostrando os primeiros passos do que se tornaria mais tarde, a presença de uma cultura bem mais complexa (CAMARGO, 2013, p. 57).

No cinema, o filme *Breakin'*, no Brasil chamado de *Breakdance*, foi um grande disseminador do gênero e, para este autor foi aí que “o Brasil começou a entender um pouco mais os elementos do Hip Hop original.” (2013, p. 58).

Para Guarato (2007, p. 70), a mídia teve grande contribuição nessa difusão, como escreve ao falar sobre a Dança de Rua de Uberlândia:

Creio que Michael Jackson, Prince, James Brown, os filmes *Breakdance*, *Flashdance*, tenham sido utilizados por dançarinos em diversos locais do

Brasil, como em Santos, São Paulo, Belo Horizonte, Brasília, pois tinham uma circulação maior, o *funk*, o *break* e principalmente os passos de Michael Jackson. Mas o que é importante frisar é que em Uberlândia houve uma associação de todas essas referências, dando origem a algo diferente, que posteriormente ficou conhecida como dança de rua.

É possível perceber que o autor se refere a outro subgênero de Danças Urbanas, o qual denomina como Dança de Rua, que apresenta aspectos de *mixagem*, entre outras técnicas que acabam, por sua vez, dando origem a uma nova maneira de dançar.

Por outro lado, é inevitável falar de Danças Urbanas no Brasil sem falar em Marcelo Cirino e o Grupo Dança de Rua do Brasil.

[...] muitos concordam sobre a inegável importância de Marcelo Cirino e o Grupo Dança de Rua do Brasil, considerando-o como principal precursor do gênero no país. Talvez não seja o único como alguns afirmam, mas seu trabalho teve a iniciativa e definiu o caminho da Dança de Rua, abrindo as portas para que a modalidade deixasse de ter uma conotação marginal e iniciasse um reconhecimento técnico merecido (CAMARGO, 2013, p. 59).

Logo após seu surgimento, o Grupo Dança de Rua do Brasil, criado por Marcelo Cirino¹² na década de 1990, tornou-se uma grande referência em Danças Urbanas no Brasil. Segundo Camargo (2013, p. 60) “devido à hegemonia do grupo, que conquistava seguidos prêmios nos festivais pelo país, o formato coreográfico vencedor começou a se repetir por todos os lados e sem demora.” Algo que acontece comumente ainda hoje é o fato de que os grupos que mais se destacam nos festivais de dança se tornam referência para os demais grupos. Desse modo, acontece um esgotamento destes modos de se dançar.

Entretanto, nos anos finais da década de 90, professores de outros países começam a ministrar aulas em solo brasileiro, ampliando o acesso à informação, de acordo com Camargo (2013, p. 61):

Diferente do início, quando tivemos contato com a *Breakdance* nos anos 80 e tínhamos muita dificuldade em obter informação, da metade dos anos 90 em diante, professores norte-americanos, europeus, etc, começaram a desembarcar no Brasil, possibilitando um maior acesso, não só aos criadores com melhor poder aquisitivo e que viajavam à procura de conhecimento, mas também a uma parcela de interessados com menos recursos, o que abriu horizontes com opções de diferentes estilos sem ter que dispor de grandes quantias.

¹² Líder, professor e coreógrafo do Grupo Dança de Rua do Brasil.

No ano de 2004, quando iniciei minha trajetória com as Danças Urbanas, o principal meio de obter informação sobre a dança era participando de festivais de dança, como o Festival de Dança de Joinville – SC, ou como o Festival Internacional de Hip Hop na cidade Curitiba – PR, específico para o gênero de Danças Urbanas. A partir de 2006, com a possibilidade do acesso à *internet* por milhares de brasileiros, torna-se fácil e rápido o acesso à informação sobre muitos assuntos, dentre eles, a dança.

É difícil precisar um local de chegada das Danças Urbanas no Brasil. Até mesmo por influência da mídia, é possível que este gênero tenha chegado a vários locais quase simultaneamente, construindo seu espaço. Atualmente, ele leva milhares de pessoas a festivais de dança pelo país; na *internet*, vídeos “pipocam” em redes sociais com milhões de visualizações. A todo momento, as Danças Urbanas conquistam mais e mais espaço.

1.5 Danças Urbanas na Contemporaneidade

Comparado a outros gêneros de dança, as Danças Urbanas formam um gênero ainda recente, surgido de 40 a 50 anos para cá. Cultura que vem do povo e que, como muitas outras, rompeu preconceitos, quebrando barreiras ao longo de sua trajetória histórica.

Como vimos, é inegável a contribuição da mídia televisiva, através da indústria do cinema e dos videoclipes, para a disseminação do gênero e para a estimulação de novas técnicas e estéticas.

Com a ampliação das possibilidades de acesso à *internet* em vários países desde o início dos anos 2000, principalmente em países menos desenvolvidos economicamente, passou-se a ter melhor ideia do alcance das Danças Urbanas. É através dessa conexão que conseguimos ter acesso às informações logo que elas acontecem, e muitas vezes é assim mesmo que ocorre. Profissionais de Danças Urbanas do mundo inteiro estão conectados via *internet*.

Hoje é perceptível o quão imerso nas mais diversas camadas sociais mundo afora está esse gênero. Cantores e cineastas do mundo inteiro buscam profissionais das Danças Urbanas para seus trabalhos. Os eventos de dança desse gênero – como *Just Debout*, na França, *Red Bull BC One*, realizado em diferentes países a

cada edição, *Battle Of The Year*, na Alemanha, *World Of Dance*, nos Estados Unidos, *Festival Internacional de Hip Hop* e *Rio H2k*, no Brasil, entre outros – mobilizam participantes do mundo inteiro. No Brasil, talvez esse seja o gênero de dança que mais consegue realizar festivais exclusivos para seus praticantes, com números bastante expressivos de participantes.

O gênero também está imerso em outras linguagens da dança: várias companhias de dança contemporânea se utilizam de algumas técnicas e/ou estéticas das Danças Urbanas para desenvolver seus trabalhos, como é o caso da brasileira Companhia Urbana de Dança, dirigida por Sonia Destri. Vale ressaltar que este estudo é uma pesquisa de graduação em dança, o que, por sua vez, revela outra imersão.

As Danças Urbanas se relacionam diretamente com a cultura Hip Hop. Ambas fazem parte uma cultura urbana que não exclui novas influências, e através da mixagem e do sampleado, saem dos Estados Unidos e chegam a outros países, dialogando com a cultura local e criando novas técnicas e estéticas do gênero.

A todo momento as Danças Urbanas estão sendo criadas – como o *Azonto* em Gana, o *Passinho* no Brasil – ou redescobertas pelo mundo, como é o caso do *Dance Hall* na Jamaica. O que se pode dizer de fato é que essa dança é algo vivo, que está em constantes transformações desde suas primeiras manifestações e emerge da cultura popular e urbana, e onde chegar, provavelmente dialogará com as culturas locais, proporcionando novas criações e possibilidades de expressões.

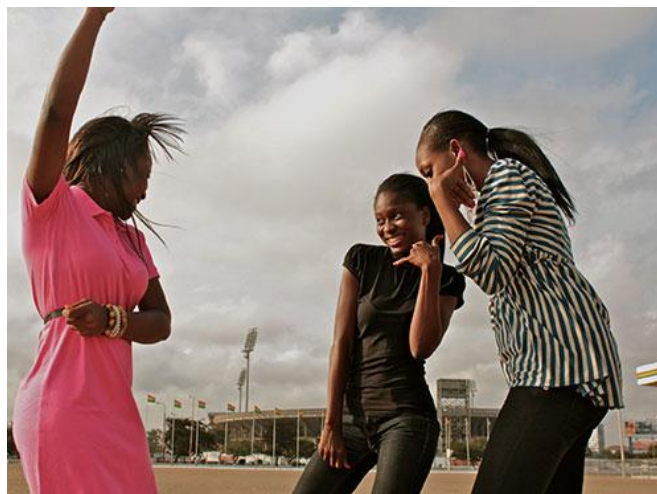


IMAGEM 9 - Dançarinas executando movimentos de Azonto
FONTE: americanethnologist.org



IMAGEM 10 - Dançarino executando os movimento do Passinho
FONTE: intervalocultural.blogspot.com.br

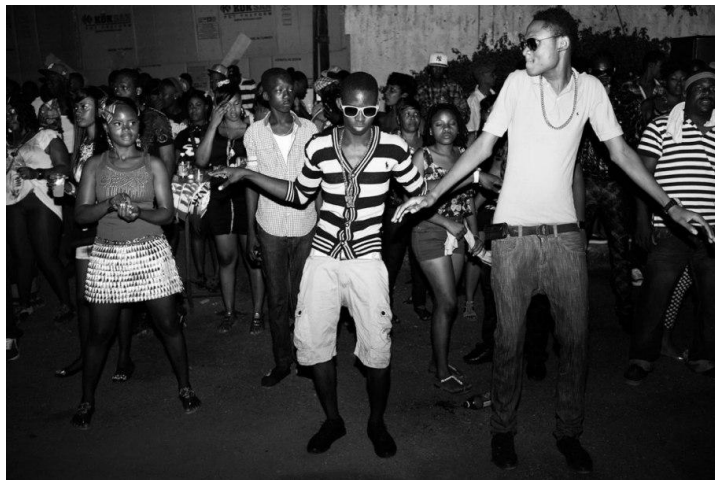


IMAGEM 11 - Dançarinos executando os movimentos de Dance Hall
FONTE: www.unfinishedman.com

Os diferentes subgêneros ligados às Danças Urbanas são poéticas bastante presentes em minha trajetória. A partir desses conhecimentos, e juntamente a outros dois colegas, foi criada a Rua em Cena Companhia de Dança, que será apresentada no próximo capítulo.

2 A Rua entrou em Cena

2.1 Primeiros passos

Para esse capítulo, é necessário que eu revise a minha trajetória nas Danças Urbanas, buscando relatar aqui os acontecimentos de maior relevância.

Meu primeiro contato expressivo com as técnicas deste gênero aconteceu em 2004, entre meus 13 e 14 anos de idade. A convite de uma professora, ingressei no projeto social de um grupo de Danças Urbanas chamado Piratas de Rua¹³, em parceria com a Escola Estadual de Ensino Fundamental Nossa Senhora dos Navegantes, situada no bairro onde moro e, na ocasião, pertencente ao corpo discente desta.

O projeto era denominado Piratas de Rua da Escola Nossa Senhora dos Navegantes. Nele, estavam incluídos crianças e jovens de 10 a 17 anos de idade divididos em duas categorias: a infanto-juvenil, de 10 a 14 anos, e a juvenil avançado, de 15 a 17 anos. O grupo não era somente aberto a alunos da escola, ao contrário, toda comunidade podia participar.

Apesar de ingressar com 13 para 14 anos, idade do subgrupo infanto-juvenil, por ser muito dedicado, desenvolver uma boa relação com a técnica e ter facilidade para entender e dançar as sequências coreográficas, fui colocado na categoria acima, a juvenil avançado.

Permaneci neste projeto durante dois anos, nos quais tive oportunidade de participar de vários festivais de dança dentro do estado do Rio Grande do Sul e do Festival Internacional de Hip Hop, na cidade de Curitiba, obtendo muitas premiações junto ao grupo e iniciando minha formação na dança. Esse espaço me proporcionou experiências tão importantes que definiram a direção dos próximos passos da minha vida.

¹³ Grupo de Danças Urbanas que existiu de 2002 a 2010 na cidade de Pelotas. O primeiro da cidade a participar de festivais de dança nacionais e internacionais.



IMAGEM 12 - Grupo Piratas de Rua e projeto Piratas de Rua da E. E. de E. F. Nossa Senhora dos Navegantes em Curitiba - PR – 2004
FONTE: Arquivo pessoal

No entanto, ousou dizer que a experiência mais importante que tive foi logo nos primeiros meses do projeto, quando participamos de uma mostra de dança realizada no Teatro Sete de Abril, em Pelotas. Vale ressaltá-la, visto que foi a primeira vez que entrei em um teatro, e foi logo na condição de artista: as pessoas estavam lá para *me ver*; elas aplaudiram ao final de nossa apresentação, e foi nesse exato momento que eu descobri o que eu iria fazer da minha vida dali em diante.

2.2 Ficando adulto, o ápice e alguns pontos finais

Em 2005, aos 15 anos, ainda pertencente ao projeto que deu origem à minha trajetória na dança, fui convidado por Uanderson de Oliveira Farias, mais conhecido como Vovô, o criador, diretor e coreógrafo do Grupo Piratas de Rua, a dançar juntamente ao grupo em um trabalho coreográfico na categoria avançado no extinto Porto Alegre em Dança¹⁴, que é referente ao nível adulto.

Essa foi minha estreia na categoria avançada, aos 15 anos de idade, dançando trechos do trabalho no palco do Porto Alegre em Dança, com direito à premiação em primeiro lugar. No entanto, nessa mesma edição do festival, subi ao

¹⁴ Festival de Dança que acontecia na cidade de Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul. O festival teve 11 edições, sendo a última realizada em 2008.

palco mais três vezes em coreografias divididas entre as categorias juvenil e juvenil avançado, obtendo premiações em todos os trabalhos.

Meses depois, em 21 de janeiro de 2006, todo o elenco juvenil avançado que fazia parte do projeto Piratas de Rua da Escola Estadual de Ensino Fundamental Nossa Senhora dos Navegantes, incluindo dois outros dançarinos do Piratas de Rua, participamos do *Hip Hop Summer* como grupo avançado, mostra de dança promovida pela LIBRAF¹⁵ na cidade de Tramandaí – RS.



IMAGEM 13 - Participação do Grupo Piratas de Rua da E. E. de E. F. Nossa senhora dos Navegantes na mostra de dança Hip Hop Summer em Tramandaí – RS em 2006
FONTE: Arquivo pessoal

Em 2006, o projeto de dança do Grupo Piratas de Rua em parceria com a escola chega ao final, e com o término do projeto, o elenco juvenil avançado participou da primeira e única audição do Grupo Piratas de Rua no mês de fevereiro do mesmo ano, contando com toda aprovação do elenco que, oficialmente, fazia parte do Grupo Piratas de Rua a partir de então. Contudo, mesmo fazendo parte do grupo, ainda éramos jovens para sermos da categoria avançada, e isso fez com que o grupo passasse a ser dividido em duas categorias: a avançada, na qual o grupo surgiu, e a sênior, que vai dos 15 até 17 anos de idade, a qual corresponde à categoria juvenil avançado.

¹⁵ Liga Internacional e Brasileira de Ginástica Aeróbica e Fitness.

No mês de maio, o grupo foi aprovado para participar das noites competitivas que aconteceram no mês de julho do Festival de Dança de Joinville¹⁶ em ambas as categorias. A seleção para participar do referido festival acontece até hoje por avaliação do trabalho coreográfico gravado em vídeo. Na ocasião, participei dos dois elencos existentes no grupo e, dessa vez, fui protagonista nas duas categorias.

Porém, um mês antes do início do festival fui retirado da categoria avançado, a pedido da organização, por ser jovem demais. Sendo assim, minha participação no festival competitivamente foi somente na categoria sênior. Contudo, dançava algumas vezes trechos da coreografia do grupo avançado e outro trabalho em conjunto com outros três dançarinos do elenco avançado nos chamados “palcos alternativos”, de caráter não competitivo, que são palcos abertos localizados no local do evento e espalhados em alguns lugares da cidade.



IMAGEM 14 - Carlos Machado, eu, Uanderson Vovô e Jones Conceição no palco alternativo do Festival de Dança de Joinville 2006
FONTE: Arquivo pessoal

A participação do grupo nesse festival foi extremamente positiva nas duas categorias: ambos os trabalhos foram premiados com o segundo lugar da competição, com destaque à coreografia do elenco sênior, que proporcionou a indicação de coreógrafo revelação da 24ª edição do Festival de Dança de Joinville

¹⁶ Festival de dança que acontece na cidade de Joinville, no estado de Santa Catarina, eleito pelo *Guinness Book* o maior festival de dança do mundo.

ao coreógrafo Vovô. Pessoalmente, essa edição trouxe muitas inspirações, pois nos anos anteriores eu assistia às gravações das noites competitivas do gênero Danças Urbanas e me espelhava em alguns grupos participantes. Assistir a alguns deles nessa edição e ser cumprimentado pelas premiações e pelo desempenho nas apresentações foi muito gratificante, especialmente quando se dança exclusivamente para Edson Gonzaga¹⁷, conhecido como Guiu.



IMAGEM 15 - Grupo Piratas de Rua com o troféu de segundo lugar na categoria sênior no Festival de dança de Joinville 2006
FONTE: Arquivo pessoal

Depois de uma carga grande de inspiração no Festival de Dança de Joinville, o grupo participou de mais uma edição do Porto Alegre em Dança. Nessa edição, foram três trabalhos apresentados divididos em duas categorias, juvenil e avançado, e duas modalidades, conjunto e grupo. Destas, só não participei do conjunto e do grupo avançado, pois tinha apenas 16 anos de idade.

Essa edição foi importante, visto que foi nesse momento que comecei a entender que eu estava entrando no ápice das minhas performances de dança. Logo, passei a ter essa percepção no próprio decorrer do evento através de alguns acontecimentos, como descer do palco após a primeira apresentação e ser levado diretamente à bancada de jurados, a pedido de Dona Toshie Kobayashi¹⁸, jurada

¹⁷ Especialista nos subgêneros *Hip Hop Freestyle* e *House Dance*. Criador e diretor da Ritmos de Rua Companhia de dança, atualmente chamada de Ritmos Family.

¹⁸ Uns dos principais nomes do Balé Clássico no Brasil e madrinha da Escola de Teatro *Bolshoi* no Brasil.

nessa edição do festival, para uma conversa sobre presença cênica, técnica de dança, estudos, entre outras coisas. Outro fator que reforça meu pensamento é a própria revelação dos demais jurados de que eu era uma indicação ao prêmio de melhor bailarino do festival. Não posso deixar de mencionar que, nessa edição, o Piratas de Rua ganhou, entre as premiações de primeiro lugar nas categorias que concorreu, o prêmio de melhor grupo de todas as noites competitivas. Ou seja, o prêmio máximo do festival.

Já nos anos de 2007 e 2008, o grupo havia conquistado reconhecimento nacional e o respeito dos demais praticantes de Danças Urbanas no país. Dentre esses anos, destaco a participação do grupo em mais uma edição do Porto Alegre em Dança, que ocorreu em 2007 e figurou minha estreia como coreógrafo.

A convite do diretor do grupo, Vovô, coreografei inteiramente um trabalho para o elenco da categoria sênior, na qual concorremos na modalidade grupo, e também coreografei outro trabalho em parceria com outro colega de elenco sênior, Tiago Meirelles, para a competição na modalidade duo. Ambos os trabalhos concorreram na categoria juvenil avançado e foram premiados com primeiro e segundo lugar, respectivamente. Nessa edição do evento, o grupo conquistou mais duas premiações de primeiro lugar nas modalidades grupo e conjunto na categoria avançado.



IMAGEM 16 - Integrantes do Grupo Piratas de Rua com alguns dos troféus e medalha conquistados no Porto Alegre em Dança no ano de 2007

FONTE: Arquivo pessoal

Em 2008, o grupo tinha apenas um elenco, pois a categoria sênior passou a fazer parte da categoria avançado. Nessa configuração, voltamos ao palco do

Festival de Dança de Joinville, no qual apresentamos a coreografia Búzios, coreografada por Vovô. O trabalho era uma releitura do espetáculo de dança contemporânea também denominado Búzios, coreografado por Berenice Fuhro Souto, popularmente conhecida na área da dança como Berê Fuhro Souto, e interpretado pelo centro contemporâneo Berê Fuhro Souto. O trabalho de Berê é do gênero de dança contemporânea, construído a partir da estética e temática afro-brasileira.

A versão de Búzios que apresentamos rompeu com o padrão que estava se estabelecendo naquela noite, pois era um trabalho a partir do subgênero *Hip Hop Freestyle* com influências de danças afro-brasileiras, assim como a versão de Berê. Sem dúvidas, foi uma concepção coreográfica muito forte, o que nos rendeu boa crítica no festival e até mesmo no jornal *Folha Online de São Paulo*, sendo listado entre os 10 destaques da edição do festival e o único grupo de Danças Urbanas nessa lista.

(20), foi uma das melhores coisas. Durante todo o dia, a população viu e fez aulas de dança. Foi a primeira vez que esta oportunidade foi aberta. Também estrearam no festival as mensagens orientais, gratuitas para todos os participantes. Um dos melhores presentes depois de dias de intenso trabalho...

O melhor do festival

1. Noite de Gala com os solistas do Bolshoi
2. Noite de abertura com o Teatro Municipal do Rio de Janeiro
3. "Don Quixote" na praça
4. Mostra contemporânea em lugares inusitados
5. Grupo Segmento Porão, com a obra "Sem notícias de ti, mon cher", na primeira noite competitiva (17 de julho)
6. Grupo Piratas da Rua, com a obra "Búzios", na última noite competitiva (25 de julho)
7. O jovem Gustavo de Mendonça, como "Arlequinade"
8. A qualidade dos grupos de danças populares
9. Rua da dança
10. Massagem oriental

A jornalista Cristina Baldi viajou a convite da organização do evento ★★ ★

envie sua notícia

Fotos Vídeos Relatos

EM ILUSTRADA

+ LIDAS	+ COMENTADAS	+ ENVIADAS
1	Autópsia confirma que Prince morreu de overdose de analgésicos, diz polícia	
2	Artista faz autorretratos nus em palcos da violência escravagista nos EUA	
3	'Warcraft' é só um 'O Senhor dos Anéis' violento e piorado	
4	Quadrinhos	
5	Para neurociência, motivação não é fator principal em mudança de hábitos	

PUBLICIDADE

IMAGEM 17 - Print Screen do Jornal Folha de São Paulo em sua versão online dos 10 destaques do Festival de Dança de Joinville no ano de 2008

FONTE: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2008/07/426662-confira-10-destaques-do-festival-de-danca-de-joinville.shtml?mobile> Acessado em 10 de Maio de 2016



IMAGEM 18 - Grupo Piratas de Rua nos bastidores do Festival de Dança de Joinville 2008, minutos antes de subir no palco e apresentar a Coreografia Búzios
FONTE: Arquivo pessoal

Pode-se dizer que o ano de 2009 é o começo do fim, visto que muitos dos integrantes do elenco começaram a se afastar pela existência de outros compromissos, como trabalho e estudo.

O Piratas de Rua foi um grupo de competição, nunca uma companhia de caráter profissional. Logo, isso significa que não gerava lucro para seus integrantes, o que fez com que, aos poucos, o elenco fosse se desintegrando. Neste ano, com poucos integrantes, o grupo não participou de competições, só realizou apresentações pela cidade. Os poucos que sobraram eram os que conseguiam estudar e/ou trabalhar e ainda continuar participando das atividades.

Em 2010, com poucos interpretes, o grupo se preparou para participar mais uma vez do Festival de Dança de Joinville, e mais uma vez foi selecionado. No entanto, participei de toda a preparação para o festival, mas encerrei minha história com o grupo um mês antes da apresentação no festival.

O Piratas de Rua foi o grupo de Danças Urbanas pioneiro na cidade em participação de festivais de dança pelo país, formou muitos profissionais da dança da atualidade, foi responsável por dar origem a outros grupos e companhias do mesmo gênero de dança na cidade e no sul do estado. O grupo acabou meses

depois da apresentação realizada no Festival de Dança de Joinville no ano de 2010 com a ida de Vovô, diretor do grupo, para a Argentina.

Contudo, após os relatos de tantas experiências vivenciadas enquanto parte do elenco do Grupo Piratas de Rua, posso afirmar que foi uma grande escola para mim, onde cresci e amadureci enquanto artista e sujeito. Foi o espaço no qual foi construída toda minha base de dança, e em específico, as Danças Urbanas, o que me proporcionou autonomia para que eu pudesse ser um profissional da área e, mais do que isso, me proporcionou leitura de mundo.

2.3 Novos rumos

Ainda em 2010, agora fora do Grupo Piratas de Rua, iniciei meu percurso como professor de Danças Urbanas no espaço da Cia da Dança em Pelotas, por indicação de amigos que trabalhavam ali. Por influência destes amigos, ao obter o resultado da prova do ENEM¹⁹, que realizei no mesmo ano, me inscrevi para cursar dança na Universidade Federal de Pelotas. Consegui a vaga e fui um dos ingressos da turma de 2011.

Hoje, no final de minha graduação, percebo que ela preencheu algumas lacunas da minha formação em dança, vinda anteriormente do espaço informal. O curso de dança, por ser uma licenciatura, contribuiu muito para que eu passasse a me enxergar como professor, melhorou meus planejamentos de aula, minha didática e meu discurso sobre a dança.

Este espaço também contribuiu para pensar a dança cada vez mais enquanto arte e área de conhecimento, passando também a me ver mais como coreógrafo e a entender melhor o fazer artístico. No entanto, exponho que minha maior motivação para ingressar no curso de dança foi minha vontade de aprender a criar, produzir, dirigir e coreografar espetáculos de dança, e posso afirmar que o curso supriu essa necessidade.

¹⁹ Exame Nacional do Ensino Médio, atualmente utilizado por muitas universidades públicas no país como forma de ingresso através do Sistema de Seleção Unificada.



IMAGEM 19 - Minutos antes da apresentação do espetáculo Tá Valendo?, construído pelos alunos sob orientação da prof. Josiane G. Franken Corrêa na disciplina de Montagem de Espectáculo do curso de licenciatura em dança da UFPEL

FONTE: Arquivo pessoal

Também no ano de 2011, ingressei na Abambaé Companhia de Danças Brasileiras, que hoje é dirigida por Thiago Amorim. Nessa companhia, dentre muitas outras experiências, tive a oportunidade de integrar o elenco de dois de seus espetáculos, Amanajé e Sóis. Tive o privilégio de acompanhar a montagem deste último de perto, pois aconteceu no período em que ocupei o cargo de ensaiador da companhia.

Através de meu ingresso na Abambaé, tive a honra de ser escolhido para representar o Brasil no projeto América Unida²⁰ em três de suas edições. Este é um projeto itinerante de Danças Folclóricas, no qual é escolhido um casal de cada país da América Latina para realizar danças típicas de seu país e, assim, formar um único espetáculo com integrantes de países diferentes. Para que se concretize o espetáculo, o projeto conta com um diretor artístico, escolhido a cada edição. São necessários ensaios para definir as ordens de apresentação dos casais e a criação das coreografias de abertura e encerramento do espetáculo.

²⁰ Idealizado por Gustavo Verno, Uruguaio, e professor de danças do folclore uruguaio, o projeto já percorreu países como Uruguai, Argentina e Brasil. Já a edição deste ano de 2016 acontecerá de 12 a 24 de Julho na Colômbia.



IMAGEM 20 - Caroline Paz e Taison Furtado (eu) no ensaio para estreia do espetáculo Sóis, da Abambae Companhia de Danças Brasileiras no ano de 2014
CRÉDITO: Marcel Ávila



IMAGEM 21 - Ensaio de palco da coreografia de abertura²¹ do espetáculo América Unida no ano de 2013
CRÉDITO: Osmar Mercado

Estudar sobre montagem de espetáculos e vivenciar a prática disso foi, sem dúvidas, enriquecedor, assim como estudar sobre a docência e viver o seu fazer.

²¹ Na referida edição, a coreografia de abertura foi coreografada por boliviano Osmar Mercado, professor e coreógrafo de Danças Folclóricas Bolivianas.

Dos conhecimentos que fui adquirindo nestes anos de graduação, sempre busquei ao máximo colocá-los em prática, conquistando aprimoramento na área.

2.4 Rua em Cena Companhia de Dança

Já no ano de 2014, no exato mês de agosto, reuni dois amigos da área da dança, Tiago Meirelles e Tauana Oxley, e expus a ideia de criarmos uma companhia de Danças Urbanas juntos. De imediato, ambos aceitaram o convite, me foi creditado a função de diretor, e juntos criamos a Rua em Cena Companhia de Dança.

Um mês após a criação da companhia, em setembro, promovemos a primeira aula aberta, convidando todas as pessoas que conhecíamos e as que não conhecíamos para participar através das redes sociais. Foram muitas as pessoas que compareceram naquele dia, e algumas delas foram convidadas a ingressar na companhia por seu desempenho na aula. No mês de dezembro, esse elenco recém-formado subiu ao palco para a primeira apresentação da Rua em Cena, que aconteceu durante a mostra de trabalhos coreográficos de final de ano da Cia da Dança, academia de dança que apoiou nossa companhia desde o primeiro momento da sua criação, cedendo espaço para a realização dos ensaios e ações promovidas.



IMAGEM 22 - Rua em Cena Companhia de Dança fazendo participação na mostra de final da Cia da Dança

CRÉDITO: Daniel Neves

Em 2015 foram poucas as ações externas realizadas. No mês de junho tivemos a primeira experiência em um festival competitivo de dança, que foi no palco do Dança Bagé, evento de dança realizado na cidade de Bagé. Foram feitas também algumas apresentações em eventos na cidade de Pelotas.



IMAGEM 23 - Integrantes da Rua em Cena comemorando o prêmio de segundo lugar na categoria adulto e modalidade conjunto, no Dança Bagé em 2015
FONTE: Acervo da Rua em Cena Companhia de Dança

No entanto, creio que o mais importante a destacar é a reestruturação da companhia. No início do ano em questão, reuni o elenco e o dividi em comunicação, que seriam as pessoas que ficariam responsáveis pela divulgação da companhia e suas atividades, e assistência artística, que iria dar suporte a aspectos da produção artística.

Contudo, esse formato não funcionou, e até o mês de setembro eu realizei todas essas funções, incluindo coreografar a companhia e ministrar aulas. A reestruturação começa, de certa forma, com o ingresso no mês de junho de mais três integrantes ao elenco da Rua em Cena através de meu convite. Digo isso pois um desses ingressos foi o de Felipe Santos, que, por demonstrar interesse e possuir formação na área de administração, recebeu meu convite para trabalhar na produção da companhia. A partir de sua ocupação na função de produtor, a companhia adquiriu uma estrutura necessária para seu funcionamento, que vem dando certo para os projetos já realizados e que estão em andamento até o presente momento.

Um dos projetos em andamento é a construção do primeiro espetáculo da companhia. Simultaneamente à sua reestruturação, eu cursava a disciplina

Montagem de Espetáculo I do curso de Dança no segundo semestre de 2015, a qual refere-se à construção de projeto de espetáculo. Nesse momento é importante lembrar que sou aluno ingresso do ano de 2011, e esta não é uma disciplina obrigatória para meu currículo acadêmico, visto que ela passou a ser prevista nesse formato somente no ano 2013, quando entrou em vigor o novo currículo do curso de Dança. Resolvi cursar a disciplina como formação complementar, que é prevista em meu currículo, por ter um interesse na produção, construção e execução de projeto de espetáculo, sendo também este um dos principais motivos que me levou a cursar esta graduação.



IMAGEM 24 - Pôster de divulgação de espetáculo – Atividade avaliativa da disciplina de Montagem de Espetáculo I
FONTE: Arquivo pessoal



IMAGEM 25 - Panfleto de divulgação de espetáculo – Atividade avaliativa da disciplina de Montagem de Espetáculo I
FONTE: Arquivo pessoal

Posto isso, também é importante mencionar que quando fundamos a Rua em Cena, Thiago Meirelles, Tauana Oxley e eu, foi justamente com o propósito de criar espetáculos de dança através das estéticas e técnicas das Danças Urbanas. Ou seja, esse era um caminho previsto desde o primeiro momento da companhia, e iria acontecer de qualquer forma. Porém, percebendo o momento em que a companhia estava vivendo, aliado a um objetivo pessoal, começou a nascer dentro da disciplina de Montagem de Espetáculo I o projeto que seria nosso primeiro espetáculo, com previsão de estreia para junho de 2016.

Intitulado *Relógio de Areia*, o espetáculo busca trazer ao palco atmosferas urbanas, ares de cotidiano de cidades que comportam fluxos de multidões e, assim, a partir da existência de pessoas e suas interações, emergem outros diferentes fluxos, estes fluem, param, recomeçam, obedientes ao tempo que os guia sinuosamente ao longo da obra.



IMAGEM 26 - Material de divulgação do espetáculo Relógio de Areia
FONTE: Acervo da Rua em Cena Companhia de Dança

É possível destacar as técnicas dos subgêneros *Hip Hop Freestyle* e *Poppin'* ao longo do espetáculo, mas predominam a técnica e estética do primeiro subgênero mencionado.

A trilha sonora é constituída pelo *Hip Hop Music*, com influências da música brasileira através da utilização de *samples* e instrumentos percussivos, inteiramente pensada e produzida para o espetáculo.

Baseado na ideia de centros urbanos, o figurino é individual, cada um dos sujeitos tem a sua vestimenta e todos se relacionam através das cores cinza, preto e marrom.

A iluminação cênica é constituída de forma predominante pela luz branca, que é utilizada de ângulos diferentes ao longo da obra. Porém, algumas cores como laranja, amarelo e azul também aparecem em algumas cenas.

A partir de dois seguimentos, o cenário foi projetado pensando na ideia de falar sobre o tempo. O primeiro seguimento é a utilização de sacos pendurados no fundo do palco com cordas, contendo em seu interior areia, que escorre através de uma passagem no fundo de cada saco durante todo o espetáculo. Já o segundo é a utilização de projeção no tecido da rotunda, ou seja, fundo do palco.

A projeção acontece em dois momentos durante o espetáculo: no primeiro momento, ela leva o espectador a um passeio no mundo através das câmeras públicas em grandes centros urbanos, que transmitem o que está acontecendo naquele lugar para o restante do mundo; em um segundo momento, a projeção leva o espectador a um passeio através de câmeras públicas pela cidade de Pelotas, onde acontecerá a estreia do espetáculo. Sendo assim, a ideia de cenário está estruturada na temática do tempo, provoca o espectador a pensar sobre o agora e sua fluidez, mas também sobre espaço, o aqui.

Para esse espetáculo, optei por trazer algumas das influências que tive durante minha vida enquanto artista e sujeito sem discriminar qualquer um dos aspectos que me constituem, e sempre tenho em mente que, independente destas interferências, o resultado final do processo de montagem tem que ser sobre a predominância técnica e estética do gênero das Danças Urbanas.

Esse espetáculo sintetiza um pouco da proposta da companhia, e um dos aspectos mais relevantes desse processo está associado ao desenvolvimento pedagógico que o envolveu, pois demandou muitos meses de ensaios, aulas e encontros, e essa experiência me fez refletir sobre o processo de metodologia de ensino das Danças Urbanas, que discutiremos a partir do próximo capítulo.

3 Reflexões sobre o ensino de Dança Urbanas

Tal qual foi mencionado no capítulo anterior, a Rua em Cena Companhia de Dança e seu momento atual, com a montagem de espetáculo, entre outros aspectos, geraram uma série de questionamentos sobre o processo de ensino das Danças Urbanas na cidade de Pelotas.

O presente capítulo está focado nesse tema de discussão, que é o processo metodológico de ensino da dança e, mais especificamente, das Danças Urbanas.

3.1 Formação

Quando falamos de formação em dança, inevitavelmente falaremos sobre o ensino da dança. Este se dá de maneira formal e não-formal, entre as quais existem algumas distinções.

Em ambientes educacionais, como escolas de educação infantil, ensino fundamental, ensino médio e universidades, o ensino formal de dança pode acontecer. No Brasil, isso é algo recente, sendo a Universidade Federal da Bahia a primeira no país a ofertar uma graduação em dança, na década de 1950.

Todo o ensino formal é direcionado pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que, por sua vez, fornece orientações responsáveis pelo norteamento do ensino. Estes espaços formais são responsáveis pela formação de sujeitos. Contudo, as universidades formam profissionais para atuar em várias áreas de trabalho, sendo a dança uma delas.

Os cursos Superiores de Dança no Brasil encontram-se devidamente regulamentados pelo conselho Federal de Educação e são aprovados pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) que outorga aos graduados a seguinte diplomação: bacharel em dança (Bacharelado – duração 4 anos), licenciatura em dança (Licenciatura Plena – Duração de 4 anos) ou tecnólogo em dança (Técnico Superior – Duração de 2 anos) - (WOSNIAK, 2010, p. 125).

Sobre os deveres e saberes dos profissionais formados através destas diplomações, são previstos:

- o bacharel em dança:

Deve ser capaz de promover a dança como expressão humana por excelência que permita reconhecer as inúmeras possibilidades e potencialidades criativas e comunicativas do próprio corpo e do outro e, assim sendo, possa desenvolver processos, pesquisas e projetos de composições de danças e artes corporais. Deve ser capaz de interpretar e analisar elementos pertinentes sobre questões que envolvem o ser humano em movimento e concretizar projetos e processos artístico-corporais conectados a questões humanas da contemporaneidade (Projeto Pedagógico do curso de Dança – Bacharelado, UFV, 2013, p. 14);

- o licenciado em dança:

[...] Constitui-se um profissional apto a ministrar atividades educativas na área da Dança, na interface com o Teatro, no ensino de sistema formal (educação infantil, ensino fundamental e ensino médio) e não formal, realizada em escolas particulares ou públicas, academias, clubes, indústrias, empresas, centros comunitários, entre outros (Projeto Pedagógico do Curso de Dança- Licenciatura, UFPEL, 2012, p. 11);

- o tecnólogo em dança:

O profissional poderá atuar em atividades de criação e produção coreográfica, de direção de espetáculo, de assistência de coreografia, de ensaiador de dança, de bailarino-intérprete-criador em espetáculos e mostras, bem como realizar performances em espaços alternativos ou multimídias. Poderá atuar no exercício do ensino da dança no âmbito informal (academias, escolas livres, clubes, empresas, associações e em projetos e práticas comunitárias); atuar de forma autônoma prestando consultoria; desenvolver atividades como animador cultural, como técnico em atividades diversas que envolvam a produção de espetáculos de dança²². (Universidade de Caxias do Sul. 2006)

Dadas estas informações, é possível perceber que existe uma proximidade relativamente grande entre o bacharel e o tecnólogo, sendo a licenciatura consideravelmente distinta das duas.

Em um leve comparativo entre esses modos de formação, entendemos que as distinções se focam mais nas formas de atuação do que no percurso de formação. O tecnólogo em dança e o bacharel em dança são os profissionais que atuam na área de produção, criação e direção de espetáculos de dança e, também, como coreógrafos, entre outros. Ou seja, atuam na produção de produtos artísticos ou formação de outros profissionais da dança em ambientes de ensino não-formais.

Já o licenciado em dança é o profissional que atua como professor em espaços educacionais formais, os quais mencionei no início desse capítulo, e sua

²² Disponível em <<http://www.ucs.br/portais/curso423/>>, data de acesso 14 de junho de 2016.

função é criar conteúdos de dança que possibilitem o desenvolvimento da sensibilidade artística e visão crítica de mundo de seus alunos. O licenciado em dança não tem obrigação de formar outros profissionais da dança, e não está restrito apenas ao ambiente escolar, podendo atuar em espaços culturais, sociais e de ensino não-formal.

Todavia, quando falamos dos cursos superiores em dança, o ensino formal da dança irá formar profissionais que atuarão nas diversas formas de trabalhar com a dança. Por outro lado, os alunos da educação infantil, ensino fundamental e ensino médio, ao terem uma formação de dança ao longo de sua trajetória escolar, possivelmente não serão profissionais da dança, mas seres com uma educação sensível, capazes de interpretar os signos desta área do conhecimento.

O ensino não-formal da dança é uma forma de atuação que acontece há anos e que ainda hoje é passada de pessoa a pessoa. Sobre este aspecto, Márcia Strazzacappa afirma (2001, p. 45):

Sabemos que a dança é uma das artes da tradição oral. Ela é transmitida por aqueles que a praticam de forma quase automática. As pessoas aprendem a dançar observando e imitando. O aluno/criança vê e reproduz aquilo que o professor/adulto faz. A figura do professor se confunde com o próprio artista. A transmissão se dá no fazer. É assim que são passadas de geração a geração muitas de nossas tradições dançadas.

Este modo de ensino se dá em espaços que não são de ensino formal, nos quais não existe a obrigatoriedade da participação do aluno, tampouco avaliações que resultarão na formação por aquela instituição de ensino. Ou seja, ele não está incluso dentro da formação educacional obrigatória do aluno formalizada pela instituição.

O ensino não-formal é responsável pela formação da maioria dos profissionais que atuam na área da dança atualmente. Ser informal não significa ter menos valor; ao contrário, esse também é um meio de formação profissional. O tempo, a imersão dentro do gênero ou gêneros, a apropriação técnica, os exemplos e trocas de informações com outros profissionais são aspectos através dos quais se constitui essa formação. Este é o lócus prioritário do ensino e aprendizagem das Danças urbanas, por ser uma dança do conhecimento popular.

No mundo da dança temos professores, coreógrafos, diretores, bailarinos, ensaiadores, entre outros, que nunca passaram pelo ensino formal da dança, e mesmo assim exercem seus trabalhos com total maestria.

Sendo assim, a formação do profissional de dança acontece através do ensino formal ou informal. No entanto, a formação em dança é sempre contínua: sair da universidade com o diploma não significa que seja o suficiente, e assim como o profissional que se constitui através do ensino informal, ambos terão seus estudos e pesquisas se desenvolvendo durante toda sua trajetória profissional.

3.2 Algumas reflexões sobre metodologia de ensino

Existem diversos modos distintos de ensinar, e quem ensina, quando tem conhecimento dessa diversidade, utiliza a forma que melhor supre as necessidades do contexto no qual a ação de ensino se insere, ou ensina da forma pela qual foi ensinado.

Cada modo tem sua peculiaridade. Essa diversidade de métodos de ensino possibilita justamente uma diversidade das formas de aprendizagem, uma vez que o professor pode se utilizar de diferentes abordagens para auxiliar na construção de conhecimento do aluno.

Metodologia de ensino é sempre uma forma de ensinar; no entanto, a metodologia não altera o conceito do que está sendo ensinado, mas o formato da atuação de quem está no papel de educador, o professor.

Visualizemos o seguinte: o professor em uma aula de dança se posiciona em frente aos alunos e demonstra um movimento, a fim de que eles o observem e depois reproduzam o movimento tal qual foi demonstrado. Agora, imaginemos que o movimento demonstrado pelo professor foi o *Wave*, mas, ao invés de demonstrar esse movimento em frente aos alunos, o professor diz: “Posicionem os braços com as mãos abertas em diagonal para baixo, dobrem os dedos da mão, dobrem o restante da mão, projetem o cotovelo para cima e dobrem a mão na direção oposta em que estava, ‘estiquem’ o cotovelo novamente e subam o ombro.” Essas são duas formas de ensinar o mesmo conteúdo.

Os exemplos citados acima poderiam também acontecer em momentos diferentes da mesma aula. O professor não tem a obrigação de ser fiel apenas a

uma maneira de ensinar, ele pode, ou melhor, *deve* utilizar de estratégias diferentes para ensinar quando percebe que existe alguma dificuldade por parte dos alunos em aprender o conteúdo.

Também é possível trabalhar outras questões que estão para além do ensino da técnica, como nos lembra Oxley (2013 p. 59), ao propor possibilidades pedagógicas sobre o ensino do gênero e da cultura Hip Hop na educação formal. Conforme a autora, “oportuniza trabalhar questões de gênero, sexualidade, etnia, diversidade cultural, entre outras, que podem se relacionar diretamente com outros três elementos da Cultura *Hip Hop*²³ e suas respectivas linguagens.”

Cada professor vai também construindo suas metodologias de ensino através dos exemplos que teve/tem em sua formação, embasamento teórico, das suas próprias experiências e reflexões, entre outros aspectos.

3.3 Diferenças entre gêneros de dança

Todos os gêneros de dança têm sua própria história e os aspectos que contribuíram para seus surgimentos. Alguns gêneros têm contextos de surgimento similar, outros nem tanto. De certa forma, as características de surgimento e consolidação da técnica também influenciam os modos de ensino e formação nos gêneros de dança.

Por exemplo, o Balé Clássico é um gênero de dança que construiu ao longo de sua história escolas de formação. Estas escolas de formação têm métodos próprios de ensino, e é justamente este o ponto: existem diferentes modos de ensinar o Balé Clássico.

Nesse exemplo, mais do que dizer que existem diferentes modos de ensino e formação nesse gênero, destaco a palavra *escola*, pois é provável que seja a dança que mais consolidou em proporção global a ideia de ensino e formação. Isso também significa que as diferentes escolas do Balé clássico certamente usam metodologias de ensino diferentes, podendo haver semelhanças, é claro, mas alunos vindos de diferentes vertentes provavelmente irão adquirir ao longo de sua

²³ A Cultura Hip Hop é constituída de quatro elementos, sendo eles, o Dj, Grafite, Mc, e as Dança Urbanas (Nesse caso, alguns estudiosos consideram apenas a dança Breakin', outros as além do Breakin', também atribuem a este movimento as danças Poppin' e Lockin')

trajetória conhecimentos básicos, intermediários e avançados até o final de sua formação no gênero.

Geralmente, o professor desse gênero é alguém que já concluiu o processo preparatório padrão de nove anos, tempo este que varia de escola para escola, ou, em alguns casos, ainda está em formação, mas em grau avançado e já tem certo tipo de propriedade sobre os métodos de ensino utilizados pela escola.

Logo, quem já é formado e tem maior propriedade sobre determinados métodos acaba atuando como professor da escola e, possivelmente, conte com a assistência de outros já formados em suas aulas. Aqui podemos perceber que, além de formar bailarinos, as escolas de dança se constituem por uma organização que também proporciona a formação de novos professores, coreógrafos, e etc.

Porém, existem danças que se constituíram por características que se diferem do exemplo do Balé Clássico aqui mencionado, principalmente os gêneros de dança com características periféricas e populares que emergem das margens da sociedade.

Gêneros que apresentam particularidades acabam construindo uma organização própria, direcionada pelos próprios praticantes ao longo de sua trajetória histórica, incluindo os aspectos de ensino e a formação de novos praticantes. Além das Danças Urbanas, outro exemplo são as danças populares do folclore brasileiro. Quando pensamos no momento em que começamos a aprender a sambar, nos vem à mente a lembrança daquele parente ou amigo que se posicionou ao nosso lado enquanto tocava o samba e foi demonstrando devagar o movimento. Ou, ao contrário, quantas vezes já nos colocamos na situação de ensinar algum amigo ou parente a sambar e acabamos querendo ensinar o próximo quase que instintivamente, de maneira semelhante a que nos foi ensinado?

Isso não significa que é possível ensinar o samba apenas da mesma maneira que aprendemos a sambar, o que é importante destacar aqui é que o ensino é realizado de pessoa para pessoa. Contudo, podemos perceber que as diferenças entre o surgimento e trajetória dos gêneros de dança repercutem na maneira de ensino.

Isabel Marques (2011 p.75) afirma que “mesmo que não estejamos aprendendo repertórios de balé propriamente ditos, estamos aprendendo conceitos, ideias e ideais incorporados e embutidos nessa técnica.” Desse modo, é possível entender que quando falamos no ensino de técnicas de dança, conseqüentemente,

falaremos também sobre o ensino dos aspectos de construção das técnicas em questão e seus ideais. Logo, o ensino de cada gênero está impregnado dos atravessamentos que constituíram a técnica de dança, e esses aspectos proporcionam as diferenças e aproximações do ensino entre os gêneros de dança.

3.4 Características artístico-pedagógicas inerentes aos modos de ensino das Danças Urbanas

Como podemos perceber no primeiro capítulo deste estudo, as Danças Urbanas formam um gênero de dança vasto, com diversas divisões e subdivisões, emerge da cultura popular e também se mostra parte de uma cultura urbana global.

Posto isso, todo e qualquer profissional que atue na área das Danças Urbanas, seja como professor, coreógrafo, dançarino, entre outros, precisa estar imerso dentro dessa cultura, precisa viver esse universo para ter noção mais abrangente e acurada de suas peculiaridades.

Em relação a conteúdos de Danças Urbanas, segundo Tauana Oxley (2013 p. 59), pode se trabalhar:

Espaço, Tempo, Ritmo, Níveis, Planos, Composição Coreográfica, Expressão Corporal, Preparação Corporal, História da Dança, incluindo aqui também outras manifestações corporais brasileiras como: Capoeira, Futebol, Samba, Danças de origem Africana, entre outros.

No entanto, ao estar no papel de professor e levar os conteúdos desse gênero para a sala de aula, não se pode deixar de considerar todo seu contexto social, histórico e cultural, além de estar sempre atualizado e dentro deste contexto. De certa forma, esta configura-se como uma tarefa bem difícil ao considerar que as Danças Urbanas estão sendo criadas e recriadas pelo mundo inteiro a todo instante.

Compreender o fato de que as Danças Urbanas fazem parte de uma cultura que tem por princípio não excluir e que respeita o corpo e a identidade de quem a pratica, faz com que nós professores, enxerguemos além de ensinar apenas a técnica dos subgêneros e os modos de execução do movimento. É preciso

proporcionar aos alunos mais do que o ensinamento técnico, é preciso passar o que é chamado de *feeling*²⁴.

No entanto, para que isso aconteça, é importante que se encontrem formas de fazer com que os alunos vivenciem essa cultura e as diversas formas de sua manifestação, como, por exemplo, levando-os para participar de mostras coreográficas, festivais de dança, *workshops*, entre outros, e principalmente das *Cypher*²⁵ e festas. Não, isso não significa que se deva levar os alunos para uma festa propriamente dita, mas trazê-los a atmosfera de festas que contribuiu para o surgimento de muitas das Danças Urbanas. A atmosfera da qual me refiro trata-se da troca e compartilhamentos de experiências, da observação de outros dançarinos e possibilidades de criação e aprendizagem de forma horizontal, nas quais todos contribuem com o que sabem.

É bem provável que quem ensina não tem apropriação técnica de todos os subgêneros de Danças Urbanas, mas é necessário que se esteja atento para se deparar com alunos na sala de aula que, mesmo sem ter praticado, chega com características corporais que se aproximam das características técnicas de subgêneros das Danças Urbanas.

Nestes casos, se, por casualidade, a predisposição do aluno não seja a técnica ou alguma das técnicas das quais o professor tem maior apropriação, é importante que aconteça um rodízio durante as aulas que contemple a corporeidade desse ou desses alunos. Spessato e Valentini (2013, p. 483), ao proporem estratégias de ensino da dança para crianças, dizem que:

A utilização de modelos, de forma diferenciada, favorece o efeito da demonstração: (1) apresentar fotos na aula de dança, destacando os aspectos fundamentais para a execução do movimento; (2) mostrar filmagens de bailarinos profissionais ou modelos altamente competentes realizando o movimento a ser aprendido; (3) solicitar que as crianças tragam revistas, jornais e figuras que tenham a ilustração do movimento e desafiá-los a reproduzir a ação.

Estas são estratégias que não dependem da demonstração do professor, logo são formas de se ensinar aspectos importantes de técnicas que possivelmente o professor não tenha grande propriedade corporal para ensinar. Ainda nessa perspectiva também é importante que desenvolvamos formas de fazer com que o

²⁴ Palavra da língua inglesa que em português significa sentimento. Para os atuantes das Danças Urbanas o *feeling* diz respeito aos sentimentos provocados por cada um de seus subgêneros.

²⁵ Nome dado a roda de improvisação técnica dos subgêneros de Danças Urbanas.

aluno perceba essa maior disponibilidade corporal para determinada técnica, para que possamos estimular sua prática.

A imagem mental da execução do movimento é o ensaio mental, a recriação mental do movimento de forma concreta, em que, muitas vezes, a pessoa visualiza outra pessoa executando o movimento ou a si própria. A imagem mental metafórica dá elementos subjetivos da realização do movimento, auxiliando na compreensão de conceitos complexos do movimento. (SPESSATO; VALENTINI, 2013, p. 479)

A citação das autoras fala sobre a utilização da imagem mental como meio de aprendizagem da dança. Logo é possível perceber que atualmente é comum que o público que busca praticar este gênero seja um público jovem e que, na maioria das vezes, já apresenta muitas referências visuais ou até mesmo corporais adquiridas através das redes sociais, assistindo a vídeos de Danças Urbanas virais na rede, passando a conhecer muitos grupos e dançarinos de destaque, sendo que às vezes sabem os nomes dos subgêneros e até de alguns movimentos.

Isso pode ser bom, pois faz com que o aluno tenha motivação ao mesmo tempo em que visualiza uma referência de onde chegar tecnicamente, e, assim, já está se inserindo dentro do contexto das Danças Urbanas. Por outro lado, muitas vezes esse aluno chega na aula acreditando que rapidamente sairá dançando tal qual as performances que assiste pela *internet*.

Alguns esperam saltar do nível básico para o nível avançado em pouquíssimas aulas; outros, quando executam um movimento básico, acreditam que já aprenderam o movimento e não precisam aprimorá-lo. Com base em minha experiência, percebo que cada vez mais os alunos têm chegado com algum tipo de conhecimento prévio deste gênero, e procuram as aulas com uma ideia já estabelecida do que irão praticar.

Lidar com a ansiedade dos alunos que já têm algum tipo de conhecimento prévio, proporcionar e/ou guiar sua imersão dentro do contexto das Danças Urbanas, manter-se o máximo possível dentro do contexto do gênero e auxiliá-los para descobrir qual ou quais são os subgêneros que cada um mais se reconhece, são algumas das peculiaridades inerentes ao ensino das Danças Urbanas.

3.5 Ensino de Danças Urbanas em Pelotas

As Danças Urbanas, como já mencionado, conformam um gênero de dança que surge do povo. Sendo assim, seus modos de ensino se deram como em todas as danças de característica popular: foram passados adiante de uma pessoa para outra, ensinando da mesma maneira que aprendeu.

As Danças Urbanas chegam ao Brasil em 1982. Isoladamente, já existiam pessoas que a praticavam, porém, alguns outros praticantes afirmam que foi em 1984 que a mídia veiculou a dança através de comerciais, jornais e filmes. A partir daí, por todos os lados existiam jovens aderindo ao novo movimento que chegava (CARMARGO, 2013).

A cidade de Pelotas é culturalmente negra em sua história: desde sua construção, no período escravagista, caracterizado pela crescente economia baseada na produção do charque e da mão de obra escrava, passando pela gastronomia, com os famosos doces de Pelotas, aos quais também há forte contribuição dos negros, até as festas dos clubes sociais da população negra na cidade, que aconteciam até algumas décadas atrás.

Com o apoio da mídia, outras culturas negras também chegam à cidade e ganham força, o que é presente no relato pessoal de Carlos Eduardo Motta Machado²⁶ (2013, p. 31):

Em meados dos anos 90, aos meus oito anos de idade, minha maior influência era meu tio Antônio Machado, o mais novo entre nove tios e aquele que procurava ensinar a seus sobrinhos cada passo de dança, fosse o Funk ou as coreografias feitas nas festas que frequentava. Meu tio ainda era adolescente na década de 80 quando vivenciou todo um período em que a cultura negra estava fortemente nas discotecas, nos programas de televisão e nos shows.

Até onde tenho conhecimento, assim aconteciam as Danças Urbanas durante os anos 80 e 90 na cidade de Pelotas, em festas *black*, nas periferias, onde amigos se juntavam para praticar o que chegava do gênero até eles.

No final dos anos 90, por influência dos festivais de dança que participavam, algumas academias já tinham aulas de Danças Urbanas, mas utilizavam o nome *Street Dance* para definir o gênero. Estas eram ministradas como um estilo de dança e em muitas academias quem ficava a cargo das aulas eram professoras de Jazz

²⁶ Este autor é egresso do Curso de Dança da Universidade Federal de Pelotas. Escreveu o estudo DANÇAS URBANAS: Busa de identidade e transformação do jovem contemporâneo, sob orientação da Prfª. M. Sc. Alexandra Dias.

Dance, outras poucas academias traziam profissionais de fora para dar aulas ou coreografar.

Já em 2002, surge o Grupo Piratas de Rua na cidade de Pelotas a partir da união de cinco amigos, Cátia Carvalho (2007), porém sob o comando de Uanderson de Oliveira Farias, mais conhecido como Vovô. Este foi o primeiro grupo de maior expressão na cidade de Pelotas durante alguns anos, tendo realizado diversas apresentações em festivais e mostras de dança em território nacional, bem como participações em eventos em países como Argentina e França. Muito da história do grupo está relatada no capítulo anterior a este, no qual falo, dentro outras coisas, de minha formação artística. Em muitos aspectos, minha história se confunde com a história do grupo, pois fui seu integrante durante sete anos, mais da metade de sua existência.

O grupo foi o grande responsável por trazer conhecimentos de Danças Urbanas à cidade em uma época na qual a maioria da população não tinha acesso à *internet*. Ele participava dos festivais e mantinha contato com outros profissionais da área, constituindo conhecimentos essenciais para o gênero.

Na medida em que alguns integrantes foram saindo, novos grupos foram sendo criados, como foi o caso do grupo Trem do Sul, no ano de 2006, comandado por Paulo Renato Monteiro, “o Paulinho”, e o grupo Art Urbana, em 2007, liderado por Carlos Eduardo Mota Machado, mais conhecido como “Gugu”. Com o término do Grupo Piratas de Rua, outros integrantes que permaneceram na área da dança passaram a ministrar aulas nas academias do centro da cidade.

Em conclusão, o ensino de Danças Urbanas se inicia em Pelotas através do conhecimento popular, chega às academias da cidade por influências dos festivais de dança, com aulas ministradas por professoras de *Jazz Dance* ou professores do gênero vindos de fora. Logo depois surge o Piratas de Rua, que formou profissionais que hoje atuam no ensino das Danças Urbanas na cidade.

3.6 Ensino de Danças Urbanas na Rua em Cena: reflexões iniciais

Para pensar o ensino das Danças Urbanas, é preciso pensar também no contexto em que elas acontecem. Sendo assim, faço uma breve contextualização da Rua em Cena Companhia de Dança, espaço construído para desenvolver trabalhos

a partir das poéticas do referido gênero de dança, que é um dos principais ambientes de acontecimento e reflexão da minha prática que dá base para o presente trabalho.

3.6.1 Características do contexto

O projeto começou a ser posto em prática em novembro de 2015, sendo pensada a primeira cena e dando início ao processo de criação artística com dez intérpretes para o espetáculo. A companhia entrou em férias do dia 23 de dezembro de 2015 até 12 de fevereiro de 2016. Ao retornarmos, seguimos o processo de criação, mas com algumas mudanças, como a saída de dois integrantes do elenco e a chegada de outros três.



IMAGEM 27 - Foto de divulgação da Rua em Cena Companhia de Dança
FONTE: Acervo da Rua em Cena Companhia de Dança

Hoje, a companhia é composta por doze integrantes, sendo todos eles intérpretes. Porém, dois integrantes acumulam funções administrativas e de direcionamento artístico: Felipi Santos atua na produção, e eu atuo na parte de direção geral, como já mencionado anteriormente.



IMAGEM 28 - Elenco completo da Rua em Cena Companhia de Dança no final do ensaio no dia 16 de abril de 2016

FONTE: Acervo da Rua em Cena Companhia de Dança

O elenco tem média de idade de 25 anos e é formado por pessoas de experiências distintas em dança, vindas de pesquisas autodidatas, outras companhias, grupos, e alguns de gêneros de dança diferentes, dos doze integrantes da companhia oito são alunos do Curso de Dança da Universidade Federal de Pelotas. Os últimos ingressos foram há poucas semanas. A tabela abaixo ajuda a ilustrar um pouco essa realidade:

Tabela 1 - Panorama do elenco

Nome	Idade	Experiência em Dança	Experiência em Danças Urbanas	Ingresso na cia.
Deivid Garcia	23	8 anos	8 anos	Setembro de 2014
Elias Sanches	25	12 anos	10 anos	Abril de 2016
Felipi Santos	24	12 anos	9 meses	Junho de 2015
João Victor Santos	25	7 anos	7 anos	Abril de 2016
Julie Schiavon	19	4 anos	4 anos	Abril de 2016
Larielly Donini	18	4 anos	4 anos	Setembro de 2014
Luciano Porciuncula	23	10 anos	10 anos	Setembro de 2014
Naiane Ribeiro	21	15 anos	9 meses	Junho de 2015
Rodrigo Nunes	28	13 anos	13 anos	Março de 2015
Taison Furtado	25	12 anos	12 anos	Agosto de 2015
Tavani Paiva	25	12 anos	12 anos	Setembro de 2014
Thiago Meirelles	25	12 anos	12 anos	Agosto de 2015

A Rua em Cena é uma companhia nova, recém percorrendo seu caminho na dança, amadurecendo e construindo sua identidade. Aos poucos, vamos dando passos em direção aos objetivos maiores que almejamos, com movimentos sólidos, pensados e planejados. Como foi ilustrado na tabela acima, todos os integrantes têm experiências de, no mínimo, quatro anos com a dança. Logo, isso revela que a companhia, apesar de nova, é constituída de uma história expressiva na dança. Os projetos estão encaminhados e em andamento, sendo que o mais importante deles no momento, o espetáculo, logo estreará.

3.6.2 Processo pedagógico no ensino de Danças Urbanas: Experiência pessoal e coletiva da Rua em Cena

Como já mencionado no capítulo anterior, minha experiência com Danças Urbanas começa no projeto do Grupo Piratas de Rua em parceria com a E. E. E. F. Nossa Senhora dos Navegantes e posteriormente com o Grupo Piratas de Rua, o que soma um total de seis anos. Sendo assim, minha principal base de conhecimentos técnicos, estéticos, coreográficos e de ensino em relação ao gênero vem desse período de formação.

Ao sair do Grupo Piratas de Rua, onde iniciei meus primeiros passos como coreógrafo e professor de Danças Urbanas, fui contratado para ser professor e coreógrafo do gênero da academia Cia da Dança, e buscando dar continuidade à minha formação artístico-pedagógica, ingressei em 2011 no Curso de Dança – Licenciatura na Universidade Federal de Pelotas.

Todos esses aspectos são fundamentalmente importantes para minha formação e continuidade desta, logo, são também fundamentalmente importantes em minha prática artístico-pedagógica. Ou seja, estão inteiramente ligados e influenciam meu planejamento de aula, minha metodologia de ensino de Danças Urbanas e meu discurso sobre o gênero.

Estando à frente da Rua em Cena Companhia de Dança como professor e coreógrafo, meu fazer artístico nesse espaço é composto pelas experiências que tive, e será também configurado pelas experiências que surgirem ao longo da trajetória da companhia.

E no que se refere a companhia tem três encontros semanais que acontecem no espaço físico da academia Cia da Dança. Nos encontros de segunda e quarta-feira, que se iniciam às 20 horas e se encerram às 21 horas, é utilizada a sala do meio do prédio, pequena para a quantidade de dançarinos que somos. No encontro de sábado, podemos utilizar qualquer uma das outras duas salas existentes na academia, estas com espaço mais adequado para nosso elenco. Este encontro também tem duração maior, se inicia às 14 horas e se estende até às 17 horas, dia em que o grupo consegue comparecer por completo, já que durante os encontros no meio da semana alguns integrantes estudam ou trabalham à noite.

Os três dias de encontros somam uma carga horária de cinco horas semanais, o que acaba sendo pouco tempo para desenvolver os trabalhos coreográficos da companhia, visto que, além de desenvolver trabalhos artísticos, estamos construindo/formando a base técnica em Danças Urbanas do elenco e uma identidade artística. Ao assistir às apresentações de grupos e companhias como a Ritmos Family Companhia de Dança de São Paulo, o Grupo Piratas de Rua de Pelotas e o Grupo Rua em Dança de Niterói, é notável que os três, mesmo dançando o mesmo subgênero de Danças Urbanas, são diferentes entre si. E não falo sobre qualidade técnica, mas de *feeling*, identidade artística coletiva. E é isto que estamos buscando.



IMAGEM 29 - Ensaio da Rua em Cena durante processo de montagem do espetáculo
FONTE: Acervo da Rua em Cena Companhia de Dança

Construir uma identidade que seja marcante por si só não é um processo simples, e com apenas cinco horas semanais de ensaio, esse processo se torna

mais difícil, visto que várias companhias e grupos que apresentam uma identidade consolidada têm carga horária de ensaio de mais de 10 horas semanais. No entanto, pensando em diminuir essa desvantagem, tive a ideia de convidar alguns velhos amigos da época em que fui integrante do Grupo Piratas de Rua para participar dos encontros da Rua em Cena realizados aos sábados, para aprenderem algumas sequências, ensaiarmos juntos e dividir o mesmo ambiente.

Dos oito convidados, cinco compareceram, mas quatro deles foram se afastando do convívio da Rua em Cena por motivos de trabalho e estudo, restando apenas um dos oito convidados iniciais. Desse modo, não foi uma ação mal sucedida, pelo contrário: por mais que o contato com a maioria dos convidados tenha sido rápido, foi o suficiente para inspirar e serem tidos como referência do elenco da companhia. Outro aspecto importante é que o elenco do espetáculo acabou ganhando também um integrante convidado, fruto dessa ação.



IMAGEM 30 - Integrantes do extinto Grupo Piratas de Rua participando do ensaio da Rua em Cena
FONTE: Acervo da Rua em Cena Companhia de Dança

Foi durante essas cinco horas semanais de ensaio que aconteceu o processo de criação do primeiro espetáculo da companhia, intitulado *Relógio de Areia*. A obra fala sobre relações humanas, o movimento dos centros das cidades, o cotidiano, fluxo de pessoas, sentimentos e sensações, mas sobretudo fala sobre o tempo e sua fluidez. Em termos de técnica em dança e escolha de movimento, atualmente é uma obra básica pelo fato dos intérpretes precisarem da construção de uma base técnica em Danças Urbanas, ou uma retomada para preencher lacunas de suas formações.



IMAGEM 31 - Ensaio da Rua em Cena Companhia de Dança durante processo de montagem de espetáculo

FONTE: Acervo da Rua em Cena Companhia de Dança

Com o processo do espetáculo, os integrantes passaram a construir um vocabulário de movimento que é baseado nas movimentações do espetáculo, e isso revela a apropriação do elenco sobre as técnicas utilizadas, inclusive dando segurança para alguns se aventurarem a criar sequências coreográficas.

Também é importante destacar que o processo de montagem de *Relógio de Areia* representa uma parcela da existência da Rua em Cena. O que quero dizer com isso é que, de certa forma, a preparação de montagem desse espetáculo se inicia desde o primeiro momento em que essa companhia foi criada, pois os subgêneros que mais ministrei aulas e coreografei foram o *Hip Hop Freestyle*, presente em todos os trabalhos coreográficos da Rua em Cena anteriores ao espetáculo, e o *Poppin'*, que muito utilizei em aulas, e ambos estão presentes em *Relógio de Areia*.

Referente às aulas, existe um planejamento com distinção entre os encontros que acontecem durante a semana e os que acontecem no sábado, tendo em vista que o horário durante a semana é menor e pelo fato de que não são todos os integrantes que participam durante a semana.

Durante os encontros, o elenco faz seu aquecimento individualmente antes de começar a aula ou o ensaio, mas contam com a minha orientação durante esses momentos, quando observo e auxilio cada um para que não façam nenhum tipo de aquecimento que possa causar algum tipo de lesão. Por ser um elenco que realiza

apresentações, é importante que cada um saiba realizar o aquecimento sozinho, justamente para subir ao palco e correr menos riscos de se machucar.

Quando a companhia tem aula, após o aquecimento individual do elenco, inicio com movimentações básicas da técnica que irá ser trabalhada de forma gradual, começando pelos movimentos mais simples, até chegar em um nível mais complexo, buscando ao máximo que o elenco consiga dançar os movimentos aprendidos e não apenas executá-los. Neste momento, geralmente proponho que todos comecem a experimentar as movimentações, deslocando-se pela sala e/ou apenas buscando não se posicionar de frente para o espelho, deixando à livre escolha a referência de frente da sala.

Após as movimentações básicas e suas experimentações, construo sequências coreográficas a partir delas, misturando com movimentos simétricos. A disposição dos movimentos básicos acaba sendo para compreender a fluência das técnicas utilizadas pela companhia; já a utilização de movimentações simétricas serve para aprimorar a técnica, no que diz respeito a facilitar a compreensão do elenco sobre níveis de movimento, dimensões e cinesfera do próprio corpo.

Por outro lado, quando a companhia ensaia, depois do aquecimento individual inicio o ensino de alguma sequência que já trago pronta, baseado nos conhecimentos que já trabalhei anteriormente em outros momentos com o elenco, ou inicio o processo de limpeza coreográfica através de repetições, reexplicando trechos, proporcionando mais momentos para que os intérpretes percebam seus corpos durante a ação do que está sendo limpado.

Com o início do processo de montagem de *Relógio de Areia*, as aulas passaram a acontecer em sua maioria durante a semana, e o sábado passou a ser um dia de montagem do espetáculo. Porém, em muitos momentos nos sábados optei por iniciar o encontro com formato de aula, sendo que a sequência que passava para o elenco já era aquela programada para algum determinado momento do espetáculo, e nos encontros durante a semana a aula acontecia dessa forma.



IMAGEM 32 - Registro de aula durante o processo de montagem do espetáculo Relógio de areia
 FONTE: Acervo da Rua em Cena Companhia de Dança

De modo geral, o elenco não apresenta tantas dificuldades técnicas no processo de aprendizado, mas, quando surge algum tipo de obstáculo nesse aspecto, busco formas diferentes para explicar o movimento, demonstro, faço junto, ou concedo alguns minutos para que todos pensem ao seu tempo e à sua maneira o movimento que apresenta dificuldade.

Particularmente, faço uso corriqueiramente dos conhecimentos que adquiri nas disciplinas de anatomia aplicada à dança, obrigatórias em minha graduação. Na prática, faço uso desses conhecimentos para explicar de forma mais clara as características do movimento, chamando atenção durante a aula sobre a transferência de peso, a possibilidade de movimento de determinada articulação, entre outros. Por sua vez, isso faz com que não surjam tantas dificuldades ou dúvidas.

Outro ponto importante é a utilização de filmagem das sequências e/ou coreografias, que podem ser acessadas por todos os integrantes da companhia, o que possibilita o elenco rever quantas vezes achar necessário e autoanalisar-se a ponto de se conhecer. Esse é um recurso utilizado quase em todos os encontros.

Com base nas minhas vivências com a dança e os conhecimentos adquiridos, fui construindo minha maneira de ensinar Danças Urbanas. Acredito que o ensino de dança na Rua em Cena é uma metodologia de ensino flexível, que se utiliza de diferentes conhecimentos para o objetivo de mediar o conhecimento de Danças. No entanto, destaco os aspectos de uma abordagem somática para o ensino do gênero, ensino dos subgêneros *Hip Hop Freestyle* e *Poppin'* para construção de uma base

de vocabulário de movimento comum a todos os integrantes, e utilização de vídeos e autoanálise dos intérpretes como mais uma forma de proporcionar autoconhecimento.

4 Metodologia

Este estudo tem como tema as metodologias do ensino de Danças Urbanas e buscará solucionar o problema de pesquisa: qual o olhar dos docentes de Danças Urbanas da cidade de Pelotas – RS sobre a prática artístico-pedagógica no ensino deste gênero?

Baseio-me no método qualitativo, que é um método que aborda a subjetividade, com a interpretação do pesquisador sobre os dados no processo de pesquisa e não necessita de métodos e técnicas estatísticas, porém, nesse estudo foram utilizados em alguns momentos na exposição de dados uma abordagem também quantitativa, método que é possível quantificar resultados dos dados encontrados durante a pesquisa, Kaurak *et al* (2010). Estes métodos se aplicam à presente pesquisa, pois ela não busca resultados quantificáveis, apesar de fazer uso na exposição de alguns dados, tem seu foco voltado para a forma na qual se dá o ensino do gênero de Danças Urbanas.

Pode-se dizer que o presente estudo é uma pesquisa de campo, a qual “caracteriza as investigações em que, para além da pesquisa bibliográfica e/ou documental, dados se coletam junto de pessoas, utilizando diversos tipos de pesquisa (*ex-post-facto*, pesquisa-ação, pesquisa participante, etc.)” (FONSECA, 2002, p.32).

Possui características do tipo de pesquisa exploratório, pois busca explicitar o problema ou as hipóteses e se utiliza do instrumento de entrevista com pessoas que se relacionam diretamente com o problema pesquisado (KAURAK *et al*, 2010). É também descritiva, o que, segundo Kaurak *et al* (2010, p. 29), “visa descrever as características de determinada população ou fenômeno, ou o estabelecimento de relações entre variáveis”; participante, que caracteriza que o pesquisador tem envolvimento e identificação com o objeto de pesquisa investigado (FONSECA, 2002) e bibliográfica, quando acontece levantamento de referencial teórico com base em materiais já publicados, como livros, artigos científicos, publicações eletrônicas, entre outros (FONSECA, 2002).

A pesquisa de campo aconteceu no período de março de 2016 a junho de 2016, que corresponde ao primeiro semestre letivo do ano de 2016. Seu público-alvo/sujeitos de pesquisa foram os professores de Danças Urbanas da cidade de

Pelotas, sendo que os critérios adotados para a inclusão destes como sujeitos neste trabalho foram: ter no mínimo cinco anos de experiências em Danças Urbanas; ter no mínimo dois anos de experiência como professor de Danças Urbanas; e se dispor voluntariamente a participar e contribuir com o estudo.

Aplicados os critérios, cheguei a 14 sujeitos. A partir disso, todos foram contatados e apresentados à proposta da pesquisa; entretanto, obtive o retorno de apenas nove deles, portanto, este trabalho irá contar com nove sujeitos entrevistados.

Farei uma breve descrição do perfil de cada um dos entrevistados. No entanto, mesmo com o termo de autorização de cada um deles, que podem ser acessados a partir da página 160, nos anexos desse estudo, optei por preservar suas identidades e identificá-los ao longo do estudo pela palavra Sujeito, iniciada com letra maiúscula, seguida de um número para realizar a identificação mais precisa de cada um. Essa metodologia ficará clara na descrição dos sujeitos a seguir:

Sujeito 1: 28 anos de idade, do gênero masculino, graduando do curso de Dança – Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas, professor de Danças Urbanas em uma das academias da cidade de Pelotas.

Sujeito 2: 23 anos de idade, do gênero masculino, graduando do curso de Dança – Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas, professor de Danças Urbanas em projeto social na cidade de Pelotas.

Sujeito 3: 28 anos de idade, do gênero masculino, ensino fundamental incompleto, professor de Danças Urbanas em uma das academias da cidade de Pelotas.

Sujeito 4: 27 anos de idade, do gênero masculino, graduando dos cursos de Educação Física: Licenciatura da Faculdade Anhanguera de Pelotas e Educação Física – Bacharelado da Claretiano Rede de Educação, professor de Danças Urbanas em uma das academias da cidade de Pelotas.

Sujeito 5: 34 anos de idade, do gênero masculino, ensino médio completo, dirige e coreografa seu grupo de Danças Urbanas, também atua como professor de Danças Urbanas em uma das academias da cidade de Pelotas.

Sujeito 6: 28 anos de idade, do gênero masculino, graduado em Educação Física – Licenciatura pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e

graduando do curso de Dança – Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas, professor de Danças Urbanas em uma das academias da cidade de Pelotas.

Sujeito 7: 37 anos de idade, do gênero masculino, ensino médio completo, desenvolve seus trabalhos de como professor de Danças Urbanas em espaços cristãos.

Sujeito 8: 25 anos de idade, do gênero feminino, graduada em Dança – Licenciatura pela Universidade Federal de Pelotas, professora de Danças Urbanas em uma das academias da cidade de Pelotas.

Sujeito 9: 25 anos de idade, do gênero masculino, graduando do curso de Dança – Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas, professor de Danças Urbanas em uma das academias da cidade de Pelotas.

Estes são os entrevistados que participaram voluntariamente da coleta de dados, cuja análise será apresentada no próximo capítulo.

Os instrumentos escolhidos para a realização da pesquisa foram entrevista semiestruturada e observação participante.

A entrevista foi realizada com os professores que preenchem os critérios para participação dessa pesquisa. Este instrumento “trata-se, pois, de uma conversação efetuada face a face, de maneira metódica; proporciona ao entrevistador, verbalmente, a informação necessária” (LAKATOS & MARCONI, 2010, p. 179).

A forma de entrevista escolhida foi a semiestruturada, realizada de forma individual com cada entrevistado. Segundo Valdete Boni e Sílvia Jurema Quaresma (2005), ela é um instrumento que se utiliza de perguntas abertas e fechadas e que possibilita que o interlocutor discorra sobre os temas propostos.

A entrevista semiestruturada foi organizada a partir de três eixos norteadores que configuram as categorias de análise do trabalho, que são: 1 - experiência e formação inicial e continuada, 2 - planejamento e organização didático-metodológica, e 3 - comunicação e relações de ensino-aprendizagem. Roteiro disponível na página 97.

Dada minha experiência, todo aspecto que tenho observado na minha prática cotidiana está impregnado de diversos fatores que orientam para como o ensino da dança precisa funcionar e, como esse trabalho tem suas limitações, optei pelos três aspectos citados acima, considerados fundamentais para esse momento da pesquisa.

O segundo instrumento utilizado foi a observação, e a forma escolhida foi a observação participante, na qual pesquisar é parte da situação estudada, se incorpora ao contexto do grupo pesquisado de modo natural ou artificial (KAURAK *et al*, 2010).

Foi construído durante a observação participante o diário de processo, no qual constam aspectos da minha atuação como professor/coreógrafo e relatos dos acontecimentos no cotidiano de ensaios da Rua em Cena Companhia de Dança. Parte desse material pode ser encontrado nas páginas 168 e 169.

Ambos os instrumentos foram analisados através de uma matriz analítica elaborada pelo pesquisador, que é apresentada de modo mais detalhado no capítulo a seguir.

Foram adotados também os procedimentos de leitura e produção teórica para dar suporte à pesquisa. Também foram feitos registros através de fotos e vídeos durante período de ida à campo para coleta e análise dos dados, que serve de material de apoio para o estudo, todavia não configura instrumento de análise de dados.

É importante destacar que a pesquisa não tem função e/ou objetivo de danificar a imagem dos sujeitos participantes, e todos eles e os demais interessados terão acesso a este trabalho futuramente. No entanto, todos os sujeitos assinaram declarações que disponibilizando seus dados e imagem voluntariamente para uso no presente estudo, como pode ser encontrado nos anexos do trabalho a partir da página 160.

5 Análise dos dados

5.1 Indicadores analíticos

Este capítulo é parte importante para a conclusão da pesquisa, pois compreende a análise de dados realizada após imersão no campo estudado. Este campo de análise está dividido em três categorias:

- o primeiro, sobre experiência e formação inicial e continuada;
- o segundo, sobre planejamento e organização didático-metodológica;
- o terceiro, sobre comunicação e relações de ensino-aprendizagem.

Para a análise foram tomados e aprofundados os processos teórico-metodológicos descritos no capítulo quatro. Nesse sentido, é importante retomar também os objetivos específicos deste estudo:

- Investigar quais aspectos são considerados importantes para o professor de Danças Urbanas no desenvolvimento de sua atuação docente.
- comparar experiências metodológicas de ensino do gênero realizadas no contexto da Rua em Cena Companhia de Dança com as de outros contextos da cidade de Pelotas.

Como anteriormente mencionado no capítulo dedicado aos percursos metodológicos nesta pesquisa, os dados foram coletados no processo de investigação que corresponde ao período entre 14 de março de 2016 a 11 de junho de 2016. Nesta etapa, os dados foram registrados através de observações, fotos, vídeos e entrevistas realizados com os sujeitos de pesquisa. Além das três linhas de análise deste trabalho, existe uma quarta parte ao final que está associada a duas questões específicas que foram perguntadas e que são de âmbito mais geral, as quais trazem algumas reflexões que contribuem para a temática abordada neste estudo.

5.2 Da análise

A presente parte do trabalho está configurada a partir de três grandes categorias de análise: a primeira, intitulada *Experiência e formação inicial e*

continuada, se refere às experiências anteriores dos professores, ao que diz respeito às suas vivências artísticas, formações até o presente momento e quais as estratégias adotadas por eles para continuarem aprimorando sua formação, considerando seu papel docente.

Estão associadas a essa categoria as questões: 1 - Qual sua experiência e formação em Dança? Você tem professor/es referenciais na sua formação? Quem e por quê? 2 - Quanto tempo pratica Danças Urbanas? Qual sua trajetória no gênero e nos subgêneros? 3 - Há quanto tempo ministra aulas de Danças Urbanas? E como foi seu percurso até se tornar professor de dança nesse gênero? 12 - Você costuma pesquisar vídeos e músicas sobre Danças Urbanas? Se sim, onde, como e com que frequência? 13 - Você costuma pesquisar livros, artigos e fontes teóricas sobre Danças Urbanas? Se sim, onde, como e com que frequência? 14 - Você participa de cursos, *workshops*, *master classes* e outros eventos de Danças Urbanas visando sua formação como professor? Se sim, explique.

Através deste conjunto de questões, foram trazidas informações por parte dos entrevistados que nos permitem fazer uma análise da sua condição de experiência e formação, vislumbrando o ensino de Danças Urbanas na cidade de Pelotas.

- Qual sua experiência e formação em Dança? Você tem professor/es referenciais na sua formação? Quem e por quê?

Referente à questão, pode-se perceber que em sua maior parte a formação dos sujeitos entrevistados passa pelos conhecimentos adquiridos no Grupo Piratas de Rua ou por profissionais que tiveram sua base no referido grupo. Sendo assim, criei o gráfico abaixo para ilustrar essa situação:

Gráfico 1 - Influência do Grupo Piratas de Rua na formação dos sujeitos



Alguns atribuíram sua formação inicial de outros modos, mas que são inerentes a esse gênero, como nos diz o Sujeito 1: “Formação autodidata onde a gente, a partir de eventos, competição, festival de dança, a gente vai aprendendo na troca.”

Cabe destacar que sete, dos nove sujeitos entrevistados, tiveram como exemplos de professores os integrantes do Grupo Piratas de Rua, que ministravam aulas, e profissionais que são renomados no mundo inteiro e tidos como percussores de vários subgêneros das Danças Urbanas, nomes como Dom Campbell, Henry Link, Buddha Stretch, entre outros.

A grande maioria destaca ter vivências em outros gêneros de dança, como *Jazz Dance*, Dança Contemporânea, Dança Afro, Axé, entre outros, sendo que apenas um dos entrevistados afirma sua vivência somente em Danças Urbanas. Nesse sentido, os entrevistados destacaram os professores que tiveram em outros gêneros e que foram importantes em suas trajetórias. Destacaram também professores que foram importantes em suas formações acadêmicas e acabaram sendo influências do seu método docente.

Dos entrevistados, três não possuem formação superior, um tem formação superior em Dança na modalidade licenciatura, um está em formação no ensino superior em Educação Física nas modalidades licenciatura e bacharelado, um tem formação superior em Educação Física na modalidade licenciatura e está em formação superior em Dança e, por fim, três estão em formação superior em Dança.

Tal qual a maioria dos entrevistados, tive formação semelhante, com base no Grupo Piratas de Rua; no entanto, fui buscar outras referências de outros gêneros de dança, os quais me levaram ao ingresso na Abambaé Companhia de Danças

Brasileiras e ao ingresso no Curso de Dança – Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas, o que me faz ter como referência os colegas do Grupo Piratas de Rua, Thiago Amorim e Jaciara Jorge, da Abambaé Companhia de Danças Brasileiras, e todos os professores que tive contato durante os anos de graduação em Dança.

O que se percebe de modo geral é que a formação dos docentes se dá em parte no âmbito não-formal, visto que a maioria tem também experiências em outros tipos de linguagens da dança. Outro aspecto importante é que seis, dos nove entrevistados, tiveram ou estão em formação em uma instituição de ensino superior.

- Há quanto tempo pratica Danças Urbanas? Qual sua trajetória no gênero e nos subgêneros?

Basicamente os sujeitos participantes dessa pesquisa possuem tempo de vivência extremamente considerável no gênero, sendo o Sujeito 1 aquele que possui maior tempo de imersão dentro das Danças Urbanas, somando um total de 16 anos. O Sujeito 2 e o Sujeito 8 são aqueles que apresentam menor tempo vivência no gênero, oito anos. Já os demais sujeitos têm em média 12 anos de experiência.

O que foi possível constatar a partir das entrevistas é que os sujeitos tiveram experiências em diversos subgêneros das Danças Urbanas, mas seu foco durante o desenvolvimento de trabalhos e ensino era o subgênero *Hip Hop Freestyle*, que alguns deles chamam de *Hip Hop Dance*. Porém, outros subgêneros também foram mencionados, mas em menor quantidade, como o *Poppin'*, *Lockin'* e *Breakin'*. Apenas um dos entrevistados não respondeu essa pergunta de forma que fosse possível identificar sua resposta.

Ao longo de meus 12 anos de vivências em Danças Urbanas, assim como a maioria dos entrevistados, meu foco no desenvolvimento de trabalhos e aulas foi com o *Hip Hop Freestyle*, mas também incluo o *Poppin'*. Já tive experiência com outros subgêneros, no entanto, atribuo a estes dois as minhas maiores apropriações técnicas dentro do gênero.

É possível perceber aqui uma base próxima entre os sujeitos no que diz respeito à trajetória nos subgêneros. Atribuo isso ao fato já constatado na análise da questão anterior referente a este campo, na qual revela-se que sete dos nove entrevistados tiveram seus conhecimentos em Danças Urbanas iniciados quando

estes foram integrantes do Grupo Piratas de Rua ou formaram-se de experiências através das práticas de ensino de seus ex-integrantes.

- Há quanto tempo ministra aulas de Danças Urbanas? E como foi seu percurso até se tornar professor de dança nesse gênero?

Foi possível detectar que a maior parte dos sujeitos envolvidos iniciou seu percurso como dançarino, sendo a única exceção o Sujeito 5, que afirma ter começado sua trajetória com o gênero das Danças Urbanas ao mesmo tempo que iniciou seu percurso como professor, e com base nos movimentos que aprendia, ensinava seus alunos.

Iniciar como dançarino e com o tempo tornar-se professor de Danças Urbanas é algo característico no gênero. Primeiro constrói-se uma propriedade técnica considerável, que depois vai desenvolvendo formas de ensinar esses conhecimentos.

É visível que os sujeitos, assim como eu, e com exceção do Sujeito 5, buscavam, no princípio de seu envolvimento com o gênero, aprender e/ou aprimorar as técnicas dos subgêneros para si, para ser dançarino, e não professor.

Já o tempo de atuação dos sujeitos no que diz respeito à condição de docente tem média de oito anos, na qual também me incluo. Porém, existem grandes distanciamentos de tempo nesse processo de docência entre os sujeitos, tendo o Sujeito 5 o maior tempo de experiência prática nesse âmbito, contabilizando 15 anos, e o Sujeito 2 o menor tempo de experiência prática nesse âmbito, com dois anos.

- Você costuma pesquisar vídeos e músicas sobre Danças Urbanas? Se sim, onde, como e com que frequência?

De modo geral, todos os entrevistados afirmam que costumam pesquisar sobre músicas e vídeos de Danças Urbanas. Entretanto, constatou-se que as ferramentas de busca desses materiais são utilizadas com objetivos diferentes, que ficam claros nas falas de dois sujeitos. O Sujeito 5 nos diz: “Na realidade, eu pesquiso muito os vídeos, pra saber qual é o festival do momento, qual é o grupo que tá no momento, até pra ter uma noção.” Já o Sujeito 6 conta que: “A

gente vai tendo ideias através de vídeos, óbvio, que é o nosso foco principal de pesquisa.”

Essas informações nos dizem que um faz uso de pesquisa de vídeos para ter noção de como está o nível técnico e quais as características dos eventos e festivais de dança que irá participar, enquanto o outro afirma que se inspira nos vídeos para realizar trabalhos coreográficos.

A ferramenta mais citada pelos sujeitos foi o *site YouTube*, mas outras mídias também foram levantadas, como *Facebook*, *Instagram* e *Vimeo*.

Encaro, hoje, essas mídias como fundamentais no suporte ao trabalho que desenvolvo como professor na Rua em Cena Companhia de Dança. Através das mídias, é possível ter ideia do que está acontecendo na atualidade no que concerne às Danças Urbanas. Elas contribuem também para o meu trabalho como professor, pois é a partir desses meios que consigo mostrar exemplos da prática de outros profissionais. Muitas vezes utilizo diferentes exemplos de um mesmo conteúdo, buscando proporcionar uma visão ampla acerca do movimento em questão, ao mesmo tempo em que demonstro outras maneiras de execução, a fim de que eles não fiquem reféns apenas da minha referência.

- Você costuma pesquisar livros, artigos e fontes teóricas sobre Danças Urbanas? Se sim, onde, como e com que frequência?

Nessa questão, quatro dos entrevistados afirmam que realizam constantes pesquisas teóricas acerca das Danças Urbanas. Outros três afirmam que não têm o hábito de ler qualquer literatura e/ou sobre Danças Urbanas. Por exemplo, o Sujeito 3 atribui seus conhecimentos teóricos aos diálogos que teve com profissionais estrangeiros.

Particularmente, me encaixo na maioria que afirma realizar pesquisas teóricas constantes sobre o tema.

Estamos inseridos em um gênero de dança amplo, que se relaciona com diversas culturas e sofre suas influências. Compreender o contexto no qual surgiram os subgêneros e os aspectos desse processo de surgimento nos possibilita compreender melhor o meio no qual estamos inseridos e como passar esse conhecimento adiante.

As pesquisas teóricas – tanto dos sujeitos que afirmam pesquisar quanto as minhas – acontecem através da *internet*, acessando sites próprios do gênero e artigos acadêmicos, entre outros. No entanto, destaco também alguns livros de autores que falam sobre as Danças Urbanas, como Emerson Camargo e Rafael Guarato.

Os sujeitos entrevistados que são acadêmicos aparentemente conseguiram apontar suas fontes teóricas com maior facilidade, mas isso não garante na prática conhecimento teórico consolidado por parte deles.

Esta identificação foi possível através de uma análise geral por parte do pesquisador com base na análise de toda a entrevista realizada com os sujeitos, não apenas de uma única questão. Através dessa análise geral identificou-se algumas contradições sendo possível chegar a esta constatação.

- Você participa de cursos, *workshops*, *master classes* e outros eventos de Danças Urbanas visando sua formação como professor? Se sim, explique.

Sete dos sujeitos entrevistados afirmam participar de festivais e eventos, *workshops* e *master classes* visando sua formação como professor. No entanto, dois dos entrevistados afirmam que não participam. O Sujeito 3 alega que participa para aprimorar os saberes enquanto bailarino; já o Sujeito 6 alega que não participa por motivos econômicos.

Sobre a importância de participação nos mais variados eventos de dança, Strazzacappa (2006, p. 56) afirma:

Os festivais de dança, além de servirem como mostra de coreografias, oferecem cursos (de fato, mais práticos que teóricos), palestras, debates, mesas-redondas, contribuindo com uma formação diferenciada do artista da dança. Ênfase a importância da participação desses profissionais não apenas em festivais, mas em congressos, encontros, seminários e demais eventos, tanto artísticos quanto científicos.

Acredito que todo conhecimento agrega ao professor, e todas as experiências que a dança pode proporcionar a uma pessoa contribuem igualmente. Busco, sempre que possível, estar presente em eventos de dança, mas, para isso, existe uma questão financeira, justamente porque a cidade de Pelotas no momento não

tem oferecido uma vasta possibilidade de vivência no âmbito da dança, o que faz com que seja necessário ir a outras cidades e/ou estados.

No entanto, viajando ou não, busco estar em contato contínuo com outros profissionais para compartilhar experiências e adquirir novos conhecimentos sobre as Danças Urbanas. É importante mencionar também que minha formação através do curso de Dança me proporciona cotidianamente processos que me fazem repensar minha prática como professor através das experiências vivenciadas nas disciplinas de caráter pedagógico e nos estágios docentes.

A segunda categoria de análise do presente trabalho, intitulada *Planejamento e organização didático-metodológica*, se refere às práticas e aos métodos de planejamento e organização adotados pelos professores, o que diz respeito à escolha de estrutura de aula, às formas de ensino e à percepção da própria metodologia de ensino. Estão associadas a essa categoria as questões 4, 5, 6 e 7.

Com base nesse conjunto questões, foram levantadas informações que nos permitem fazer uma análise da condição de planejamento e organização didático-metodológica dos entrevistados, vislumbrando seu olhar sobre o ensino das Danças Urbanas.

- Como descreve a estrutura da sua aula? Em quais partes e/ou momentos a aula está organizada? Você adota algum subgênero como prioritário? Se sim, qual e por quê?

Foi possível perceber que existe uma base comum no que diz respeito à estrutura de aula de todos os sujeitos do estudo, que se constitui basicamente da parte inicial, com aquecimento e/ou alongamento, movimentações básicas da técnica a ser trabalhada na aula e, a partir disso, é possível perceber variações no restante da estrutura, como realizar sequência coreográfica a partir dos movimentos básicos, roda de improvisação a partir das movimentações básicas com foco na musicalidade, e finalização com momento de relaxamento.

O subgênero de dança mais mencionado entre sujeitos é o *Hip Hop Freestyle*, depois o *Poppin'* e *Lockin'*. Afirmam que os subgêneros escolhidos acabam sendo as escolhas que acreditam ter maior propriedade para ensinar. Subgêneros como *Waaking* e *House* também foram citados pelos sujeitos.

No que diz respeito à estrutura da aula que acontece na Rua em Cena Companhia de Dança, no primeiro momento temos aquecimento, em seguida movimentações básicas do subgênero a ser trabalhado, construção coreográfica a partir dos movimentos básicos já trabalhados.

Porém, é proporcionado um momento ao final da aula uma vez por semana no mínimo em que os integrantes podem levar suas músicas e praticar a improvisação de técnicas das Danças Urbanas, realizando rodas e às vezes até batalhas. Para esse momento procuro não obrigar a participação dos integrantes, nem todos têm participado de maneira efetiva, as vezes assistindo o que vai acontecendo.

Esta é uma tentativa de proporcionar outras formas de ensino e aprendizagem que são característicos do gênero, vai além da aula tradicional, do pensado, do planejado, proporciona o aluno momentos de maior autonomia para experimentar, criar, e consequentemente aprender a partir da observação dos demais colegas. (Trecho retirado do diário de campo construído durante as observações realizadas na Rua em Cena)

Este é um trecho de um texto meu retirado de meu diário de campo que construí ao longo do processo de montagem do espetáculo Relógio de Areia da Rua em Cena Companhia de Dança, no qual justifico a escolha usar provocações que vão além da aula para proporcionar ao elenco outras oportunidades de se relacionarem com as técnicas do gênero.

- Como você chegou ao formato da aula de Danças Urbanas que ministra hoje? Quais suas influências e/ou exemplos?

É possível perceber que, em sua maioria, os entrevistados acreditam que chegaram ao formato de aula que ministram na atualidade a partir dos exemplos e influências dos professores que tiveram ao longo de sua trajetória. Alguns afirmam que também sofrem influência dos vídeos que assistem e até mesmo da formação pedagógica.

A estrutura da aula que acontece na Rua em Cena também acaba sendo o resultado dos processos vivenciados ao longo de minha trajetória a partir exemplos e influências que tive antes e durante minha formação acadêmica.

Logo, a estrutura da aula que acontece na Rua em Cena também acaba sendo o resultado dos processos vivenciados ao longo de minha trajetória a partir dos exemplos e influências que tive antes e durante minha formação acadêmica.

Por outro lado, é possível perceber mais uma vez a influência do Grupo Piratas de Rua na prática dos sujeitos da pesquisa. Essa questão acaba por reafirmar os dados levantados na questão anterior. Logo, sendo o Grupo Piratas de Rua um grupo coreograficamente de *Hip Hop Freestyle*, e sendo os sujeitos de pesquisa pessoas que tiveram sua formação pelo grupo em questão ou por profissionais que tiveram sua formação pelo Grupo Piratas de Rua, a base de estrutura da aula, e os subgêneros mais ensinados na cidade são reflexos da existência do grupo.

- Você prepara e/ou planeja suas aulas? Como? Faz uso de quais recursos de apoio?

É possível perceber que nem todos os sujeitos realmente realizam o planejamento de suas aulas, sendo esta uma minoria. A maior parte afirma que realiza planejamento prévio e os modos de planejamento variam entre os sujeitos, acontece através de uso diário de processo, o que somente um afirmou fazer uso, ou planejamento de aula a aula.

Apenas três afirmam que fazem uso de recursos de apoio, sendo estes vídeos e textos sobre Danças Urbanas e cultura Hip Hop.

Por ter um perfil de companhia de dança, logo, um grupo mais fechado, são utilizados vários recursos de apoio na Rua em Cena, tanto no pré como no pós-aula. Por visarmos bastante o lado artístico, a cena e o palco, são utilizados vários recursos como vídeos, textos, documentários, inúmeros materiais de procedências diferentes que possam proporcionar novos conhecimentos que não somente dialogam sobre a prática da dança, mas que também atingem aspectos da vida de artista dos integrantes.

- Como você descreveria a sua metodologia de ensino para a docência em Danças Urbanas?

Apenas três dos sujeitos conseguiram relatar de forma objetiva e de fácil entendimento sua metodologia de ensino. Os demais não conseguiram responder de uma forma que seus métodos ficassem evidentes.

Dos três que responderam, o Sujeito 7 descreve sua metodologia como cooperativa, na qual os alunos precisam trabalhar em grupo. O Sujeito 2 descreve como algo diverso, mas que faz uso da Metodologia Triangular. Por sua vez, a metodologia usada pelo Sujeito 6 fica evidente em seu relato:

Na aula retrasada eu fiz filmagem de improvisações deles, tipo músicas avulsas, eles não sabiam qual era a música que eu botava, e, já conheciam a música, mas não sabiam que eu ia colocar aquela. Aí começavam a fazer movimentos livres e desses movimentos eu analiso e transformo nas técnicas de danças urbanas, então tipo um movimento que o próprio corpo deles já tem eu pego e transformo nas técnicas que eu quero pra determinado momento na coreografia. (Sujeito 6, 2016)

Nesse momento a metodologia de ensino utilizada na Rua em Cena é basicamente uma abordagem flexível. São utilizadas várias estratégias de ensino considerando o contexto da companhia.

Muitos aspectos são levados em consideração, como a participação mais ativa dos alunos, que nesse caso é o elenco, no desenvolvimento das atividades durante a aula, desenvolvendo a capacidade de análise sobre a dança e autonomia.

A terceira categoria de análise do presente trabalho, *Comunicação e relações de ensino-aprendizagem*, se refere às estratégias de comunicação adotadas pelos professores para os processos de ensino-aprendizagem. As perguntas associadas a essa categoria são a 8, 9, 10 e 11.

Com base nesse conjunto de questões, foram levantadas informações que nos permitem fazer uma análise dos aspectos de comunicação e relações de ensino-aprendizagem dos entrevistados, direcionando esse olhar para o ensino de Danças Urbanas em Pelotas.

- Durante as aulas, você acredita que consegue comunicar plenamente o que deseja aos alunos? Necessita utilizar mais de uma estratégia para comunicar o que gostaria? Se sim, explique.

Foi possível perceber que apenas os Sujeitos 1, 4 e 7 acreditam ter uma boa comunicação. Já os Sujeitos 5 e 8 não responderam à questão de forma que fosse possível identificar suas respostas.

Os Sujeitos 2, 3, 7 e 9 afirmam que às vezes conseguem ter boa comunicação na prática de ensino e às vezes não.

A comunicação oral é parte importante da aula. Pessoalmente, busco fazê-la de forma objetiva, tendo como suporte também os conhecimentos anatômicos, fornecendo a explicação com clareza, como, por exemplo, comunicando visualmente e oralmente o momento da transferência de peso em determinado movimento.

Durante as entrevistas, detectei que quatro entrevistados não conseguem comunicar de forma clara seus pensamentos e ideias, revelando um problema de comunicação por parte destes, que pode acontecer também nos momentos de ensino e aprendizagem, uma vez que eles podem acreditar estar se comunicando de forma compreensível, enquanto os alunos podem apenas estar seguindo o que percebem visualmente.

- Na sua percepção, é recorrente os alunos saírem com dúvidas das aulas? Se sim, de que tipo?

O Sujeito 2 acredita não ser recorrente, mas tenta agir de forma com que os alunos não saiam com dúvidas.

Já o Sujeito 3 acredita que os alunos têm mais dúvidas sobre questões teóricas. O Sujeito 4 reafirma essa ideia, e atribui “a questão da vivência, como, porque fazer aquilo e da onde vem, qual sentido daquele movimento.”

Para o Sujeito 1, a dúvida precisa se fazer presente:

Eu quero que eles saiam sempre com dúvidas, na verdade. [...] Eu acredito que as dúvidas sempre geram outras, então eu falo nessas dúvidas na questão dos questionamentos, um professor ele se torna bom quando ele é inútil para aluno, quando ele já passou o que tinha e o aluno precisa de mais, precisa ir além daquilo ali, se o aluno acha que já aprendeu tudo tá errado, e o professor acha que já ensinou tudo também tá errado. Então as dúvidas, elas têm que aparecer sempre. (Sujeito 1)

O Sujeito 5 foi quem respondeu de forma menos objetiva essa questão, da qual destaco a seguinte fala:

Eu acho que quem pode dizer sobre o trabalho da gente são as pessoas, nunca a gente mesmo. Se eu disser que o meu trabalho é o melhor, eu não sei, é a minha visão só. Eu posso ter essa visão, mas é só a minha. (Sujeito 5, 2016)

Essa fala pode significar que o sujeito não se julga capaz de responder a questão, mas acredita que os resultados de seu trabalho respondam por ele.

Os Sujeitos 6, 7 e 9 são os únicos que acreditam que seus alunos não saem com dúvidas. Porém, é possível perceber uma contradição na resposta do Sujeito 9, que, na pergunta anterior disse acreditar não conseguir comunicar-se totalmente em aula. Como alguém que diz não ter eficácia na sua comunicação consegue fazer com que os alunos não saiam com dúvidas de suas aulas?

De todos os sujeitos estudados, o Sujeito 8 foi o único que disse acreditar que seus alunos saem com dúvidas: “Eu acho que saem com bastante dúvidas. Assim, acho que no sentido de curiosidade, de querer saber mais.”

- Quais as maiores dificuldades que você percebe nos alunos quanto ao aprendizado de Danças Urbanas?

Os Sujeitos 1 e 7 acreditam que a maior dificuldade dos alunos está em perceber a sua propensão para determinado subgênero das Danças Urbanas, ponto de vista do qual também partilho.

É importante destacar neste momento a limitação que todo professor de Danças Urbanas enfrenta, pelo fato de ser humanamente impossível ter propriedade técnica em todos os subgêneros que compõem esse gênero. Porém, isso não significa que o professor de Danças Urbanas não possa conhecer as características básicas de todos eles. Logo, é fácil perceber quando um aluno tem características naturais na sua própria movimentação, que é próxima de determinada técnica, seja ela uma técnica que o professor tenha apropriação ou não.

O Sujeito 3 afirma não perceber dificuldades em seus alunos, e o Sujeito 4 diz que a dificuldade é algo que vai depender da faixa etária dos alunos.

O Sujeito 8 acredita que a maior dificuldade é a questão rítmica, e o Sujeito 2 concorda, acrescentando também a percepção corporal. Por sua vez, o Sujeito 9 acredita que o conhecimento prévio de alguns de seus alunos acaba causando neles certa ansiedade, o que acaba sendo um fator que dificulta seu processo de aprendizagem.

Para o Sujeito 5, a dificuldade maior está nos contextos sociais e econômicos vividos pelos alunos que, por vezes, acabam dificultando seu desempenho. Por outro lado, o Sujeito 6 pontua que, para ele, “o mais difícil atualmente tá sendo trabalhar com galera que vem de outro gênero e tá querendo agora aprender as Danças Urbanas, mais difícil então, porque dá um trabalhinho.”

No que se refere à Rua em Cena, é possível detectar que todos os integrantes têm algum tipo de dificuldade que varia de um para outro, das quais destaco a percepção rítmica e relacionar os conhecimentos corporais de outros gêneros com as Danças Urbanas. Por outro lado, todos têm ciência de suas dificuldades e buscam solucioná-las por conta própria durante a aula.

De forma geral, é possível detectar que todas as dificuldades apontadas pelos entrevistados são aspectos que vão surgindo em determinados momentos da trajetória dos alunos: controlar a ansiedade, noção rítmica, percepção das aptidões, relacionar o conhecimento corporal de outros gêneros presentes nos corpos dos alunos com as Danças Urbanas, e atravessamentos do contexto social e econômico que influenciam na sala de aula. Estas são dificuldades que o professor encontra, às vezes mais de uma, talvez algumas delas permaneçam um bom tempo no decorrer da relação de ensino-aprendizagem; contudo, o mais importante é identificar a dificuldade, seja ela mais ligada ao aprendizado ou a outros aspectos que refletirão no aprendizado, para que assim o professor possa atuar da melhor forma, proporcionando suportes para que o próprio aluno consiga romper estas dificuldades.

- Você atua para minimizar ou sanar essas dificuldades? Como?

O Sujeito 1 afirma que busca trazer para a aula conhecimentos que julga somar na busca da técnica individual de seus alunos. Já o Sujeito 7 procura trabalhar com várias técnicas dos subgêneros de Danças Urbanas para que seus alunos percebam a sua disposição para determinado subgênero.

Sobre essa questão, o Sujeito 3 acredita que trabalha com a quantidade de informação necessária para não haver dúvidas, o que vai de encontro com Spessato e Valentini que nos dizem que “o excesso de informação, além de confundir, acaba por reduzir as oportunidades do aluno de buscar soluções próprias para o problema

motor apresentado” (2013, p 478). Já o Sujeito 4 busca sanar essas dificuldades falando e demonstrando.

O Sujeito 2 afirma que, com base na própria aula, busca desenvolver a fluência da dança Hip Hop, proporcionando também outros momentos livres através de rodas de improvisação para que o aluno explore sua percepção rítmica e corporal. Já o Sujeito 8 tenta mostrar a todo momento os movimentos para solucionar a dificuldade que detectou. O Sujeito 9 busca fazer repetições da movimentação que o aluno está com maior dificuldade.

Para o Sujeito 5, seus alunos não têm dificuldades referentes à aula. Por outro lado, o Sujeito 6 tenta desconstruir o que seus alunos trazem de outros gêneros de dança.

É importante destacar aqui que identificar que o aluno tem dificuldades não está diretamente relacionado com uma má prática de ensino do professor. Em algum momento, até mesmo o melhor aluno da sala encontrará algum tipo de dificuldade para aprender determinada técnica ou movimento; o importante nesse processo é a identificação da dificuldade para então poder desenvolver práticas que contribuam para que essas dificuldades desapareçam.

No âmbito da Rua em Cena, para sanar as dificuldades, busco estar atento e chamando a atenção dos integrantes para que eles continuem se corrigindo no decorrer da aula. De forma geral, desenho de movimento e nível de movimento são características que o elenco não necessariamente tem dificuldades, mas necessita aprimorá-los. Para isso, procurei desenvolver o espetáculo *Relógio de Areia* a partir de movimentações simétricas e de ângulos mais retos, pois contribuirá para que o elenco tenha uma base de movimento comum a todos e dará suporte para que as dificuldades de cada um passem a ser cada vez menores.

Além destas três categorias de análise, como já mencionado anteriormente, foram trazidas duas questões de caráter mais abrangente com o objetivo de proporcionar aos entrevistados a oportunidade de realizar algum desfecho, uma síntese da sua percepção sobre o tema. Estas correspondem às questões 15 e 16.

- Na sua opinião, quais aspectos são considerados essenciais para uma atuação qualificada como um professor de Danças Urbanas?

Sobre aspectos que consideram importantes para o papel do professor, os sujeitos reforçaram condições como amar ensinar a dança, vivenciar as Danças Urbanas, manter-se atualizado, estudar e buscar diálogo com profissionais renomados e/ou pioneiros da área.

No entanto, também destaco as palavras do Sujeito 6: “Acho que falta o que, pra quem tá lecionando danças urbanas, principalmente ter um conhecimento, pelo menos um pouquinho de anatomia, de fisiologia, de biomecânica.”

Ao falar sobre a formação do professor de dança, Monica Barboza (2015, p. 25), diz que:

Esta trajetória é plural, composta por momentos diferenciados e interligados (formação inicial e formação continuada) e será atravessada pelas histórias de vida de cada professor. É um processo que tem uma dimensão pessoal forte e que é também multifacetado em seus diferentes contextos e tempos.

A partir da explanação da autora, pode se entender que a formação do professor de dança é constituída de diversos atravessamentos em âmbito pessoal, experiências de formação e atuação docente.

Contudo, ao falar sobre o ensino de Danças Urbanas, pelo menos três características são fundamentais para o professor deste gênero de Dança: propriedade técnica no subgênero ou nos subgêneros, vivenciar o gênero na totalidade de sua cultura e desenvolver, pensar e repensar suas estratégias de ensino.

Por outro lado, foi possível detectar que alguns dos sujeitos demonstram ter consciência sobre os aspectos que proporcionam uma atuação qualificada por parte do professor, mas estes, aparentemente, não cumprem de fato aquilo que dizem acreditar.

- Existe algum outro aspecto que considera importante destacar sobre o Ensino de Danças Urbanas hoje? Se sim, qual?

Apenas um dos sujeitos não respondeu a essa pergunta. Os demais reforçaram aspectos de aperfeiçoamento, estar sempre vivendo as diferentes formas de manifestação das Danças Urbanas, estar sempre em diálogo com outros praticantes, preocupar-se em mostrar que não é só uma dança e que existe um

contexto cultural e histórico envolvido nela. No entanto, cito o Sujeito 2, que também responde ser importante “entender a dança na música e como trabalhar isso.”

O professor não se faz no discurso quando fala das coisas que diz acreditar, o professor acontece através das suas práticas durante os momentos de ensino-aprendizagem e durante as reflexões críticas destes momentos.

Ser professor de Danças Urbanas é viver este gênero e fazer de todas as vivências que o atravessam e constituem conhecimento e meio de aprimoramento da sua prática docente.

Com o objetivo de realizar uma síntese acerca dos resultados levantados durante a análise dos dados, referentes ao campo de análise I, *Experiência e formação inicial e continuada*, foi possível detectar a grande importância do Grupo Piratas de Rua na formação dos docentes em Danças Urbanas na cidade de Pelotas, que a grande maioria dos sujeitos entrevistados possui vivências em outros gêneros de dança, grande maioria busca aperfeiçoamento com grandes nomes do gênero e apenas três não possuem ou estão cursando o ensino superior.

A maioria dos sujeitos iniciou sua trajetória no gênero como dançarino, com exceção de apenas um que iniciou como dançarino e professor ensaiando o que aprendia. Os atuantes tem experiência considerável. O maior, corresponde a 16 anos, o menor tempo, 8 anos. A média dos demais é de 12 anos. Já atuação docente tem média de 8 anos, o maior tempo corresponde a 15 anos, e o menor, corresponde a 2 anos.

Finalizando o campo de análise I, também é importante destacar que quatro dos entrevistados afirmam que realizam pesquisas teóricas acerca das Danças Urbanas. Outros três afirmam que não têm o hábito de ler qualquer literatura e/ou sobre Danças Urbanas.

Dos resultados referentes a segunda categoria de análise, *Planejamento e organização didático-metodológica*, destaco como resultados importantes, a perceptível base comum no que diz respeito a estrutura de aula e as peculiaridades que são incorporadas a partir das experiências individuais dos docentes, que estes acreditam que chegaram ao formato de aula que ministram na atualidade a partir dos exemplos e influências dos professores que tiveram ao longo de sua trajetória, também que a maior parte afirma que realiza planejamento prévio e os modos de planejamento variam entre os sujeitos, acontece através de uso diário de processo, o que somente um afirmou fazer uso, ou planejamento de aula a aula.

Foi possível perceber que o subgênero mais mencionado entre sujeitos é o *Hip Hop Freestyle* (Sendo este uma espécie de herança deixada pelo Grupo Piratas de Rua), depois o *Poppin'* e *Lockin'*. Outro da importante nesse campo é que apenas três dos sujeitos conseguiram relatar de forma objetiva e de fácil entendimento sua metodologia de ensino.

No que diz respeito a categoria de análise III, *Comunicação e relações de ensino-aprendizagem*, foi possível perceber que de um modo geral os sujeitos acreditam comunicar de forma satisfatória o que desejam durante suas aulas, apontam como dificuldades de seus alunos aspectos como perceber a sua própria propensão para determinado subgênero das Danças Urbanas, percepção rítmica-corporal, ansiedade, contexto social, vir de outro gênero e compreender a corporeidade das Danças Urbanas.

Também foi possível perceber que com exceção do Sujeito 5, que acredita que seu alunos não tem dificuldades referentes as aulas. Todos os outros atuam para sanar as duvidas de seus.

Ao concluir a análise de dados, reitero a importância da compreensão das três categorias de análise que estão sendo abordadas no presente estudo por permitirem o entendimento sobre o ensino do gênero a partir do olhar dos docentes e uma reflexão comparativa dos trabalhos que estão sendo desenvolvidos em Pelotas.

6 Considerações finais

Este trabalho trata do ensino das Danças Urbanas a partir do olhar dos docentes que atuam em Pelotas, e teve como objetivo geral averiguar como se dá o ensino das Danças Urbanas na cidade de Pelotas, investigando práticas artístico-pedagógicas contemporâneas de docentes do gênero, o que acredito ter sido alcançado plenamente, uma vez que o trabalho consegue contextualizar e trazer dados importantes sobre o ensino do gênero.

Dos objetivos específicos do presente estudo, investigar quais aspectos são considerados importantes para o professor de Danças Urbanas no desenvolvimento de sua atuação docente e comparar experiências metodológicas de ensino do gênero realizadas no contexto da Rua em Cena Companhia de Dança com as de outros contextos da cidade de Pelotas, pode-se dizer que:

O primeiro objetivo, durante a análise dos dados foi possível perceber esses aspectos, dentre os quais destaco o conhecimento teórico para fundamentar o conhecimento empírico, os conhecimentos pedagógicos inerentes para o ensino do gênero, e vivenciar as Danças Urbanas dentro de sua totalidade, ou seja, para além da aula, experimentar as *Cyphers* e as batalhas, estas formas de ser do gênero que são anteriores a sua chegada nas salas de aula, uma vez que essa é uma manifestação popular, emerge do povo e de suas formas de ensino.

No entanto, também destaco o planejamento de aula e a formação continuada dos docentes, tanto pensando no fazer artístico como pensando no fazer pedagógico. Por sua vez, esse é um objetivo que pode ser alcançado plenamente dentro do que esta pesquisa se propôs a realizar.

Sobre o segundo objetivo é possível afirmar que o mesmo foi atingido parcialmente, pois nem todos os profissionais que atuam com o ensino de Danças Urbanas na cidade de Pelotas participaram deste estudo. Ao total, foram inicialmente contatados quatorze profissionais, dos quais apenas nove deram retorno e participaram do estudo. Por outro lado, foi possível a comparação entre aspectos metodológicos de ensino de Danças Urbanas no contexto da Rua em Cena com os professores participantes da pesquisa.

Sobre este objetivo, é possível perceber durante o estudo que a metodologia de ensino utilizada na Rua em Cena Companhia de Dança tem uma base de

estrutura próxima às outras metodologias desenvolvidas na cidade de Pelotas, porém não é a mesma.

É próxima porque a base de minha formação em Danças Urbanas passa pela formação que tive dentro do Grupo Piratas de Rua, assim como a maioria dos docentes de Danças Urbanas da cidade, que tiveram sua formação dentro do grupo ou foram formados por outros professores do gênero que tiveram formação também dentro do grupo. Logo, a partir desse dado, é possível perceber essa aproximação e o seu porquê.

No entanto, também é possível perceber que cada um dos sujeitos entrevistados, de alguma forma ou de outra, com base em sua trajetória e nas experiências absorvidas ao longo dela, foram construindo peculiaridades inerentes aos modos de ensinar de cada um. Sendo assim, é possível perceber esses distanciamentos.

Embora tenha participação da maioria, nem todos os professores que trabalham com o ensino de Danças Urbanas na cidade de Pelotas participaram desse estudo. Desse modo, é possível afirmar que este objetivo foi alcançado parcialmente.

Além dos objetivos, esse trabalho teve como suporte três hipóteses delineadas no início da pesquisa, das quais são: Os atuantes não têm formação pedagógica formal para ensinar; Fazem uso prioritariamente da experiência empírica, de modo a reproduzir o que aprenderam sem uma reflexão profunda; Possivelmente existam semelhanças e diferenças entre os modos de ensinar Danças Urbanas. Sobre estas pode-se dizer que:

A primeira hipótese não foi totalmente comprovada a partir dos sujeitos entrevistados que, em sua maioria, cursam uma graduação ou já são graduados em um curso de licenciatura. Para ser mais específico, dos nove entrevistados, apenas três não possuem algum tipo de formação pedagógica.

A segunda hipótese, de certa forma foi parcialmente comprovada, pois foi possível perceber que poucos professores ainda fazem uso prioritariamente do conhecimento empírico e se baseiam apenas no que lhes foi passado por outros professores do gênero, sem reflexões aprofundadas acerca destes conhecimentos.

Já a terceira hipótese foi possível comprovar. Inteiramente ligada ao primeiro objetivo específico desse estudo, a hipótese se comprova a partir da existência do Grupo Piratas de Rua e da formação de novos professores que são fruto de sua

existência, o que gera algumas semelhanças nos modos de ensinar dos sujeitos entrevistados. Outro ponto importante é o fato de oito dos entrevistados ministrarem aulas de *Hip Hop Freestyle*, ou seja, o mesmo subgênero de Danças Urbanas.

Por outro lado, a trajetória de cada um reverbera em seus modos de ensinar, e isso garante características que são próprias, o que, por sua vez, garante os distanciamentos entre os modos de ensinar.

Com base nas entrevistas e análise dos dados, foi possível detectar a grande importância que teve e tem o Grupo Piratas de Rua para a formação de novos professores de Danças Urbanas na cidade de Pelotas.

Este estudo oferece um olhar sobre a minha trajetória artística e, especificamente, sobre minha prática de ensino. Consequentemente, também acaba sendo um olhar sobre o ensino de Danças Urbanas na Rua em Cena Companhia de Dança.

Poder olhar a prática de ensino que acontece na companhia e compará-la com as demais práticas de ensino do gênero que acontecem em Pelotas foi extremamente importante, pois a partir dos dados levantados nesse estudo é possível apontar novos rumos para a Rua em Cena. Por outro lado, também foi importante para registrar parte da existência da companhia.

Acredito também que esse seja um estudo que contribui para o meio acadêmico no que diz respeito à produção bibliográfica sobre a temática das Danças Urbanas, justamente por essa ser uma área que apresenta poucas publicações.

Com este estudo não busquei encontrar ou apontar o professor que possui o melhor método de ensino de Danças Urbanas na cidade, tampouco busquei descrever receitas de ensino. O objetivo foi, sobretudo, provocar reflexões sobre o tema estimulando uma percepção comparativa entre as ações no contexto em que atuo com as ações nos contextos de outros docentes.

Este é um trabalho que faz algumas provocações e que não termina aqui, uma vez que está associado à minha vida e pode ter continuidade em outros momentos na minha formação. Também fica aberta a possibilidade de outros pesquisadores utilizarem-se deste trabalho como referência e/ou aprofundar essa pesquisa a partir de outros aspectos ou categorias de análise.

Referências

BARBOZA, Mônica Corrêa de Borba. **O PROJETO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DO CURSO DE DANÇA-LICENCIATURA DA UFPEL: UMA TRAJETÓRIA EM MOVIMENTO**. 2015. 176f. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade Federal de Pelotas.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. **Aprendendo a entrevistar**: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC. Vol. 2 nº 1 (3), janeiro-julho/2005, p. 68-80 2005.

CAMARGO, Emerson. **A dança de relações e experimentação**. Curitiba: Ithala, 2013.

CARVALHO, Cátia. **Neguinhas calça larga**: Corpos dançantes nas identidades e diferenças. 2007. 71f. Monografia (Especialização em Educação Física Escola). Fundação Universidade de Rio Grande.

COLOMBERO, Rose Mary. **Danças Urbanas**: Uma história a ser narrada. São Paulo: FEUSP, 2011.

FONSECA, J. J. S. Metodologia da pesquisa científica. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GADOTTI, Moacir. **A QUESTÃO DA EDUCAÇÃO FORMAL/NÃO-FORMAL**. INSTITUT INTERNATIONAL DES DROITS DE L'ENFANT (IDE) Droit à l'éducation: solution à tous les problèmes ou problème sans solution? Sion (Suisse), 18 au 22 octobre 2005.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6º Edição. São Paulo: Atlas S.A., 2009.

GUARATO, Rafael. **Dança de rua**: corpos para além do movimento. Uberlândia, Eduf, 2008.

LAKATOS, Eva, MARCONI, Marina. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 1985.

MACHADO, Carlos Eduardo Motta. **DANÇAS URBANAS**: busca de identidade e transformação do jovem contemporâneo. 2013. 55f. Trabalho de Conclusão do Curso (TCC). Graduação em Dança – Licenciatura. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

MARQUES, Isabel. **Dançando na escola**. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. **Ensino de Dança hoje: textos e contextos**. São Paulo: Cortez, 2008. 5ª edição.

Oxley, Tauana. **DANÇAS URBANAS:** possibilidades pedagógicas para o Ensino Médio das Escolas públicas de Pelotas/RS. 2013. 95f. Trabalho acadêmico (Graduação)—Licenciatura em Dança. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

Projeto Pedagógico do curso de Dança – Bacharelado, UFV, 2013

Projeto Pedagógico do Curso de Dança - Licenciatura, UFPEL, 2012

KAUARK, Fabiana ET AL. **Metodologia da pesquisa:** guia prático. – Itabuna: Via Litterarum, 2010. p. 88.

SPESSATO, Bárbara Coiro; VALENTINI, Nadia Cristina. **ESTRATÉGIAS DE ENSINO NAS AULAS DE DANÇA:** demonstração, dicas verbais e imagem mental. Rev. Educ. Fis/UEM, v. 24, n. 3, p. 475-487, 3. trim. 2013.

STRAZZACAPPA, Márcia. Dançando na chuva... e no chão de cimento. In: O ENSINO das artes: construindo caminhos. Campinas: Papirus, 2001.

STRAZZACAPA, Márcia; MORANDI, Carla. **Entre a Arte e a Docência: a formação do artista da Dança.** 3ª edição. Campinas, SP: Papirus, 2010.

TORRES, Laís Crozera. **DANÇAS URBANAS NO BRASIL:** relatos de uma história. 2015. 83f. Trabalho acadêmico (Graduação)-Licenciatura em Educação Física. Universidade Estadual Paulista, Bauru.

TERRA, Ana. **Onde se produz o artista da Dança?**. In: TOMAZZONI, Airton; WOSNIAK, Cristiane; MARINHO, Nirvana. (Org.) Algumas perguntas sobre Dança e Educação. Joinville: Nova Letra, 2010.

WOSNIAK, Cristiane. **Bacharelado e/ou licenciatura: quais são as opções do artista da dança no Brasil?** In: TOMAZZONI, Airton; WOSNIAK, Cristiane; MARINHO, Nirvana. (Org.) Algumas perguntas sobre Dança e Educação. Joinville: Nova Letra, 2010.

Fontes digitais

<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2008/07/426662-confira-10-destaques-do-festival-de-danca-de-joinville.shtml?mobile>

<http://www.ucs.br/portais/curso423/>

<http://caras.uol.com.br/nacionais/brasileiro-fabiano-carvalho-bboy-neguin-e-destaque-na-turne-de-madonna#.V055tzUrLIV>

<https://lacumbredelego.files.wordpress.com/2010/02/doncampbell1.jpg>>

<http://www.mrwiggles.biz/bio.html>

<http://www.eliteforcecrew.com/en/>

<https://s-media-cache-ak0.pinimg.com/736x/07/63/0a/07630a50bab05b7c8da05b16096affb5.jpg>

<http://dancespring.ru/images/misc/368855258.jpg>

<https://i.ytimg.com/vi/LqvXliHj9MA/maxresdefault.jpg> >

<http://www.shabba-doo.com/>

<http://intervalocultural.blogspot.com.br/2013/10/documentario-batalha-do-passinho-o.html>

<http://americanethnologist.org/2013/transnational-circulation-digital-fatigue-dance/>

<http://www.unfinishedman.com/jamaican-dancehall-holiday-youll-never-forget/> >

Outras fontes de consulta

JESUS, Thiago Silva de Amorim. **Corpo, ritual, Pelotas e o carnaval:** uma análise dos desfiles de rua entre 2008 e 2013. Tese(doutorado) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Pós Graduação em Ciências da Linguagem, 2013.

Apêndices

Apêndice A – Modelo de roteiro de entrevista realizada na pesquisa de campo.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
CENTRO DE ARTES
CURSO DE DANÇA – LICENCIATURA

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

- 1 - Qual sua experiência e formação em Dança? Você tem professor/es referenciais na sua formação? Quem e porque?
- 2 - Quanto tempo pratica Danças Urbanas? Qual sua trajetória no gênero e nos sub-gêneros?
- 3 - Há quanto tempo ministra aulas de danças urbanas? E Como foi seu percurso até se tornar professor de dança nesse gênero?
- 4 - Como descreve a estrutura da sua aula? Em quais partes e/ou momentos a aula está organizada? Você adota algum sub-gênero como prioritário? Se sim, qual e porque?
- 5 - Como você chegou ao formato da aula de Danças Urbanas que ministra hoje? Quais suas influências e/ou exemplos?
- 6 - Você prepara e/ou planeja suas aulas? Como? Faz uso de que recursos de apoio? Quais?
- 7 - Como você descreveria a sua metodologia de ensino para a docência em Danças Urbanas?
- 8 - Durante as aulas, você acredita que consegue comunicar plenamente o que deseja aos alunos? Necessita utilizar mais de uma estratégia para comunicar o que gostaria? Se sim, explique:
- 9 - Na sua percepção, é recorrente os alunos saírem com dúvidas das aulas? Se sim, de que tipo?
- 10 - Quais as maiores dificuldades que você percebe nos alunos quanto ao aprendizado de Danças Urbanas?
- 11 - Você atua para minimizar ou sanar essas dificuldades? Como?
- 12 - Você costuma pesquisar vídeos e músicas sobre Danças Urbanas? Se sim, Onde, como e com que frequência?
- 13 - Você costuma pesquisar livros, artigos e fontes teóricas sobre Danças Urbanas? Se sim, Onde, como e com que frequência?
- 14 - Você participa de cursos, workshops, master classes e outros eventos de Danças Urbanas visando sua formação como professor? Se sim, explique:
- 15 - Na sua opinião, quais aspectos são considerados essenciais para uma atuação qualificada como um Professor de Danças Urbanas?
- 16 - Existe algum outro aspecto que considera importante destacar sobre o Ensino de Danças Urbanas hoje? Se sim, qual?

Apêndice C – Modelo de declaração de uso de imagem e depoimentos

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu _____, e RG _____, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, o graduando Taison Furtado Duarte, sob orientação do Professor Dr. Thiago Silva Amorim de Jesus, responsáveis pelo desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso do graduando em questão, cujo título é Ensino de Danças Urbanas hoje: Reflexões sobre práticas contemporâneas na cidade de Pelotas, a realizar as fotos que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização de fotos (seus respectivos negativos) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor dos responsáveis pela pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto Nº 3.298/1999, alterado pelo Decreto Nº 5.296/2004).

Pelotas, ____ de Maio de 2016.

Thiago Silva de Amorim Jesus

Taison Furtado Duarte

Entrevistado(a)

Anexos

Anexo A – Transcrição de entrevista realizada durante a pesquisa de campo.

Transcrição Sujeito 1

Pesquisador: Qual sua experiência e formação em dança? Você tem professores referenciais na sua formação? Quem e porque?

Sujeito 1: Sim! (risos) Tenho uns quantos assim, a minha formação ela é aquela formação bem tradicional dos integrantes, dos participantes das danças urbanas, é aquela formação autodidata onde a gente a partir de eventos, competição, festival de dança a gente vai aprendendo na troca, na troca e... Professores eu sempre digo que eu tive sorte de começar com os cara muito, muito inteligentes assim, eles tavam bem a frente assim, eu comecei com o Wendel Mourigi hoje, na época ele era Wendel Silveira lá em Rio Grande, Depois ele foi pro Rio de Janeiro aí virou Wendel Mourigi (risos) mudou né, a vibe. Ele, ele me ensinou muita coisa assim, muita coisa, na verdade eu ainda tenho muito dele assim, eu sou quase que um discípulo do cara assim e, ele sempre levava o Otávio Nassur pra Rio Grande, toda vez... 2, no mínimo 3 vezes por ano eu encontrava o Otávio, fazia curso com o Otávio, aqueles cursos de composição coreográfica, composição de movimento, aquilo eu já fiz umas 15 vezes cada um (risos) e, são, eles são, o Wendel é minha primeira referência principal assim, como professor, como profissional da dança. Aí depois acredito que a gente vá chegar em outros detalhes nas próximas perguntas mas, o Wendel, cito Eduardo Menezes também, que me ajudou pra caramba, o cara muito a frente, o Otávio Nassur e aí quando eu conheci o Popping Pit não dá pra dizer que o cara é meu mestre mas, mas é referência, não adianta, e quando a gente consegue chegar pertinho daquele que é o cara do Popping, né, um dos... Aí muda a vida da gente né! (risos)

Pesquisador: Quanto tempo pratica que é danças urbanas?

Sujeito 1: Olha, é... Hoje em dia eu posso dizer que é 15, 16 anos porque quando eu comecei eu nem sabia o que era, né, eu já fazia aula de danças urbanas e não sabia que era danças urbanas mas eu comecei sem ser danças urbanas, eu comecei imitando Backstreetboys e daí que eu fui depois descobrir o que era e aí eu comecei a fazer aula com o Wendel, e aí sim eram as aulas, base, fundamentos, aquela coisa toda. Nessa média, 15, 16 anos que eu pratico.

Pesquisador: Qual sua trajetória no gênero e nos subgêneros?

Sujeito 1: É... Eu comecei, como eu falei antes, sem saber o que era assim, depois eu fui percebendo o estilo que eu dançava era o estilo bem de Los Angeles assim, o Wendel não carregava aquela coisa New York, gueto, raiz, hip hop dance, não tinha muito assim. Era, inclusive tinha, ele me levava elementos de outros gêneros de dança, ele pegava características de coreografar, por exemplo, no ballet clássico, características de coreografar do Jazz, características de, até de treinamento, por exemplo, a gente fazia aquele formato que tem do ballet clássico, a gente fazia aulas de diagonal, fazia uma aula de diagonal, fazia aula com giro, pirueta. Isso a gente fazia das danças urbanas usando as bases e fundamentos danças urbanas. Que era basicamente hip hop dance mas ele não era puro assim, ele não era só o hip hop

dance, então ele trazia coisas do house, na época eu não sabia, eu sei hoje porque eu lembro daquilo lá e aí “Ah, aquilo que eu fazia era um pouco de hip hop dance” de loocking, um pouco de house, e aí, o que me chamou mais atenção que hoje eu consigo detectar era a questão da técnica do popping que eu já experimentava sem saber que era popping, sem saber que existia o popping né, que era o tranco, era uma característica de, coreográfica que sempre tinha esse tranco, que era a contração muscular do popping assim, então eu nem sabia muito bem mas o Wendel usava essas referências pra coreografar e com influência do Otávio que, o Otávio teve em Los Angeles e conheceu a galera lá, viu a vibe que eles faziam e trouxe pro Brasil isso.

Pesquisador: Há quanto tempo ministra aulas de danças urbanas? E como foi seu percurso até se tornar professor de dança nesse gênero?

Sujeito 1: Assim, eu primeiro comecei fazer aula e nem pensava em dar aula, não pensava nem em coreografar, era, só queria ser bailarino, era tão legal, vinha tudo pronto. E eu só tinha que executar e eram outros obstáculos assim, eu lembro que quando eu comecei a dançar, eu vinha cheio de, como muitas pessoas né, cheio de manias assim e, é... como que chama? Vícios. Vícios de movimentação assim, daí minha primeira etapa foi isso, foi entrar no estilo e foi perder esses vícios e agregar outras coisas e saber do que esses vícios eu podia ainda usar, eu lembro quando o Dudu começou, o Eduardo Menezes, começou a coreografar algumas coisas assim, eu comecei a ficar muito próximo dele assim, comecei a dançar muito parecido com ele, então, eu só pensava em fazer aula e dançar que nem eles assim. E aí, claro, a gente vai sempre buscando uma referência assim, buscando a técnica, primeiro pro meu corpo, e quando eu comecei assim, a pensar nisso foi meio que de supetão assim, o Wendel foi passar umas férias no Rio de Janeiro e o Wendel teve alguns momentos que ele não podia dar algumas aulas então eu ia lá pra ajudar no ensaio, eu era mais um ensaiador assim, não montava aula e já tava tudo pronto, tudo já, o Wendel deixava todo o cronograma direitinho eu só seguia com que ele, com o que ele encaminhava assim, só que ele foi pra passar as férias lá e aí já foi com a intenção de não voltar mais, então eu já tive que ficar e fiquei dando aula, então a minha primeira experiência, assim, de pensar em dar uma aula passou por aquilo que eu pensava de, é, a técnica em mim, em primeiro. Daí daquela técnica como eu vou ser criativo usando aquela técnica, e como eu vou passar isso para os outros. Então já era meio, que inclusive, eu lembro da primeira sequência que eu montei, tipo um passo específico lá que eu montei lá e imaginei lá na minha cabeça, criei o negócio e “Tá, esse aqui eu vou passar pra galera”. E assim, tem coisas que eu dei aula semana passada e não lembro mas desse eu lembro, sabe. A gente vai sempre criando coisas novas, cria aula nova, cria sequência nova, cria sempre e aí vai passando, a gente tem que abrir espaço pro HD né, bota algumas coisas na lixeira. Mas essa eu lembro, assim, no início assim, algumas coisas. Então a minha primeira foi 2004, isso, 2004. Eu não comecei a dar aula em si ali, que tipo “Tá agora vou dar aula toda a vida” não, mas foi a minha primeira experiência de, de a

minha primeira aula dada assim, aí depois demorou um pouquinho mais pra mim iniciar mesmo “Tá, agora eu vou dar aula e, é eu comigo mesmo” (risos)

Pesquisador: Como descreve a estrutura da sua aula? Em quais partes e os momentos a aula está organizada?

Sujeito 1: A minha aula ela se organiza, ela tem umas etapas que eu não abro mão assim, eu mudo até as vezes a ordem, eu mudo conteúdo, mas eu tenho as etapas que são, eu julgo tradicionais assim, que é uma metodologia bem tradicional das danças urbanas, momento de fazer uma preparação corporal, fazer um alongamento, trabalha alguma, por exemplo, se eu vou trabalhar uma técnica específica eu vou trabalhar as bases daquela técnica, e nas danças urbanas a gente costuma sempre trazer uma técnica específica né, costuma sempre trazer o krump dance, o loocking, o popping, vai trazer, então trabalharas bases e fundamentos daquilo, depois uma sequencia coreográfica né, então eu sempre falo pra quem vai começar fazer danças urbanas que tem que começar pelo começo, e o começo pra mim é as bases e fundamentos e eu busco trazer, não tem como a gente abordar tudo, a vida inteira a gente não vai conseguir mas eu busco fazer uma aula bem democrática onde eu tenho alunos iniciantes e alguns mais avançados e eles consigam se sentir bem dentro daquela aula, eu tenho nessas etapas eu mudo os conteúdos, mudo daqui a pouco a ordem né, a lógica disso tudo mas basicamente tenho organizado dessa forma.

Pesquisador: Adota algum subgênero como prioritário? Se sim, qual e porque?

Sujeito 1: Eu sempre faço aula com hip hop dance, com popping, sempre. Esses dois porque pro meu corpo cabe muito bem, e pra esse estilo que eu digo que é de Los Angeles, uma cara menos Nova Yorquina ele cabe esse dialogo com esses dois sub gêneros então eu vou acabar trabalhando com os outros, tem loocking, vai aparecer house, vai aparecer o próprio break dance, vai aparecer também, bastante inclusive. Mas é a partir do hip hop dance e popping mas porque, por exemplo, pra uma montagem coreográfica eu uso esses dois sem definir nem um ou outro, sem montar uma sequencia de hip hop depois uma sequencia de popping, não, eu busco um dialogo entre os dois gêneros, sub gêneros né, e eu acredito no feeling de cada um, no feeling do hip hop dance, ele tem uma peculiaridade, a contração muscular do popping, então, a partir da contração muscular do popping eu vou ter uma precisão de movimento até pro krumping, pro break então por isso que eu trago, popping é difícil de trabalhar, eu sempre falo para os alunos que, é mais difícil a gente entender, o hip hop dance sai fazendo depois agente consegue entender alguma coisa do feeling, dos trejeitos, o hip hop dance tem muito dos trejeitos de fazer e ai aquele teu jeitinho de fazer, o meu jeitinho de fazer não vai ser a mesma coisa, então eu procuro explorar isso não só pro gênero em si mas dele para os outros, desses dois pra outros, um pensamento mais contemporâneo em dança parte desses dois, vai agregar outras coisas, mas parte deles.

Pesquisador: Como você chegou ao formato de aula de danças urbanas que ministra hoje? Quais suas influencias e/ou exemplos?

Sujeito 1: Difícil, porque toda a aula que a gente faz vira um exemplo, o Wendel sempre me falava que mau exemplo não deixa de ser um exemplo, então a minha aula hoje ela é um pouquinho de cada aula que eu já fiz, um pouquinho de cada professor que já, até aqueles professores que a gente foi em um festival e encontrou uma vez só e ele tinha uma proposta de aula, até aquilo ali eu trago pra minha aula sempre com uma reflexão, eu gosto de, uma coisa que eu não falei na outra pergunta, mas eu gosto da parte teórica das danças urbanas, uma parte de teoria da coisa, ou conversar sobre o gênero, ou conversar sobre os sub gêneros ou conversar sobre o contexto social em que eles surgiram, sempre vai ter isso, até foi uma coisa que acabou faltando na pergunta anterior porque eu esqueci, então por entender que uma aula de danças urbanas tem que passar pelas bases e fundamentos dela, a base e os fundamentos dela não são só os passos, não são só aqueles movimentos básicos, então minha aula tem muito do Wendel, tem muito do Otávio, aí vai diminuindo, vai ter um pouco do Dudu, vai ter um pouco do Popping Pit, vai ter um pouco até do Taison, vai ter um pouco do Paulinho, vai ter um pouco de cada um assim, um pouco do Hira, quem mais, não vou citar os nomes porque sabe.

Pesquisador: Você prepara ou planeja as suas aulas? Como?

Sujeito 1: Teve uma época em que eu não conseguia dar aula sem ter tudo planejado, do início ao fim, não conseguia dar aula de outro jeito. Hoje em dia o meu planejamento é bem maleável, eu tenho esse formato de aula que eu falei lá na outra pergunta em que vai depender do dia, vai depender da turma, vai depender das pessoas, do lugar, depende de muitas variantes e aquele planejamento pode acontecer até na hora da aula, já teve aula em que eu cheguei lá e pensei: “Vou fazer isso” e já teve momentos que tem um programa todo, uma organização de ualá, um plano de aula, chega lá e olha pra turma e não vai ser isso, então tenho um planejamento bem maleável, ele sempre acontece mas de vários formatos, as vezes eu organizo no papel, as vezes eu organizo através de uma playlist de músicas, enquanto ta tocando a música: “Ah essa muito eu pensei pra fazer tal coisa” aí troca a música: “Tá, essa eu pensei pra isso” e aí ele vai dessas diferentes formas assim.

Pesquisador: Faz uso de recursos de apoio? Quais?

Sujeito 1: Vídeo, muito vídeo, adoro trabalhar com vídeo. A gente como professor, a gente dá o exemplo mostrando as coisas, dançando, mas por exemplo, eu não consigo fazer um fler mas pode ter algum aluno meu que consiga e tenha o dom pra aquilo ali, tem aptidão pra aquilo ali né, então através de um vídeo eu mostro pra ele, ele já vai ter uma visão diferente da coisa e aí eu vou direcionar e tal, então eu trabalho com vídeo, eu gosto muito de usar as mídias no geral, o próprio celular, a gente consegue tirar muita coisa do celular, hoje em dia todo mundo tem, não costumo usar muito a questão dos objetos assim, de adereço e tal, já aconteceu mas não é uma coisa que, acho que agora eu me lembro de usar o vídeo. Além do som, da música ali, daquela questão mais...

Pesquisador: Como você descreveria sua metodologia de ensino para docência em danças urbanas?

Sujeito 1: Difícil essa (risos). Não sei se eu consigo hoje responder essa pergunta, pode ser que amanhã já, mas eu acredito que, pra mim passa por muita coisa, passa por estudo né, não necessariamente estudos históricos, apenas históricos, mas passa por uma pesquisa histórica, passa por uma pesquisa sociocultural, passa por uma pesquisa geográfica, hoje em dia muita gente confunde as nomenclaturas, principalmente tem gente que confunde o termo danças urbanas, tem gente que se eu fosse fala "street dance" até esse termo que todo mundo conhece ele é confuso inclusive pra muitos que dão aula ainda é bem controverso em alguns momentos assim, então, controverso eu digo porque ele ainda ta acontecendo e pra gente entender ele é uma cultura que não é nossa, a gente não pode olhar pra danças urbanas como uma frase, se a gente olhar danças urbanas uma frase, ou dança de rua como uma frase se eu fizer um sapateado na calçada já é dança de rua, se for uma coreografia de jazz no coreto da praça é dança de rua, ta na rua mas não é dança de rua porque a gente vê que não é um a frase, é um nome próprio então entender esse conceito de danças urbanas ele passa por muita coisa e eu acredito que boa parte delas é treinar as bases e fundamentos dessa dança, treinar os passos básicos, treinar a técnica desses subgêneros, só que não sei se antes disso ou durante isso, acredito que não depois disso, mas ou antes ou durante, treinar a técnica, tem que ter essa pesquisa, essa pesquisa que ela, se a gente for ver nos termos acadêmicos, uma pesquisa bibliográfica ela é 10% do que a gente consegue, sobre o assunto. Então se eu for aderir apenas aos livros eu não vou saber tudo sobre a cultura porque vai ter um evento onde eu vou encontrar o Don Campbell e ele vai me contar coisas que não estão em livros nenhum, e isso é uma pesquisa, é um aprendizado, tem Popping Pit, Don Campbell, tem mais que já veio no Brasil, Link, vários vieram no Brasil e a gente sabe que quem conversou com eles sabe que tem muita coisa envolvida, o próprio contexto social deles na época que isso tudo aconteceu, então é amplo e a gente passa uma vida inteira em função disso, por isso que agente vive as danças urbanas, é bem um estilo de vida assim né, é uma questão de filosofia de vida mesmo, tu tem que estar inserido, só aprender a movimentação é uma coisa, agora tu estar inserido dentro do contexto danças urbanas aí tu parte pra dar aula, isso.

Pesquisador: Durante as aulas, você acredita que consegue comunicar plenamente o que deseja aos alunos? Necessita utilizar mais de uma estratégia para comunicar o que gostaria? Se sim, explique.

Sujeito 1: Adoro, sim eu adoro analogias (risos). Eu costumo usar as analogias assim, de diversas formas porque cada aluno entende de uma maneira, tem aluno que eu vou mostrar o movimento, eu fazendo ele vai entender, tem alunos que eu vou mostrar o movimento, eu vou falar sobre o movimento e ele não vai entender, e vai alguns que eu vou ter que fazer uma referencia, ou alunos que eu vou ter que fazer uma referencia com alguma coisa que ele já conheça, se eu sei que o aluno tem algum , alguma ligação, conhece alguma coisa de futebol, eu vou procurar

trazer o futebol pra ligar de alguma forma, então as analogias elas passar por muitas coisas assim, então basicamente eu uso da fala, eu uso do vídeo, eu uso do exemplo pratico de mostrar o movimento e as analogias pra uma percepção corporal, o aluno tem uma percepção corporal através de algumas analogias e o que mais, é isso. Eu posso me lembrar e na outra pergunta respondo essa aqui também. (risos)

Pesquisador: Na sua percepção é recorrente os alunos saírem com duvidas das aulas? Se sim, de que tipo?

Sujeito 1: Eu quero que eles saiam sempre com duvidas, na verdade. Quando eles saem com duvidas é isso que é legal, ai a gente precisa detectar quais são as duvidas, porque eu acho que assim, eu passei tudo que eu tinha pra passar pra aquele aluno ele vai, se ele achar que ele já aprendeu tudo, eu tenho uma limitação no que eu vou ensinar e eu tenho condições de chegar até certo ponto nele, no geral, qualquer tipo de aluno, depois disso eu não tenho mais o que acrescentar, se ele parar naquilo ali tá errado, no meu ponto de vista, paramos os dois no tempo, a gente vai ficar dançando aquilo ali pro resto da vida, vai ficar daquele jeito pro resto da vida, se ele sair dali com dúvidas que eu não posso responder no momento acho que vai me instigar uma melhora minha, melhora a pesquisa, melhora a técnica, a buscar uma solução pra resolver aquelas duvidas ai a gente ganha o conhecimento, tanto meu quanto dele, se for um crescimento, umas duvidas eu que eu não tenha condições de chegar nelas, de sanar algumas delas, ele vai precisar procurar um outro profissional ou outro professor, outra referencia em que vá suprir algumas daquelas duvidas. Eu acredito que as duvidas elas sempre geram outras, então eu falo nessas duvidas na questão dos questionamentos, um professor ele se torna bom quando ele é inútil para aluno, quando ele já passou o que tinha e o aluno precisa de mais, precisa ir alem daquilo ali, se o aluno acha que já aprendeu tudo tá errado, e o professor acha que já ensinou tudo também tá errado. Então as duvidas, elas tem que aparecer sempre.

Pesquisador: Quais as maiores dificuldades que você percebe nos alunos quanto a aprendizagem de danças urbanas?

Sujeito 1: De uma maneira geral eu penso que poucos sabem o que querem, a gente como professor de danças urbanas a gente não tem como trabalhar popping, loocking, breaking, house, krumping, dance hall, não sei o que, não tem como trabalhar tudo, é impossível. A gente vai trabalhar, a gente vai mostrar pro aluno através de algumas movimentações básicas, através de algumas movimentações básicas, através de um vídeo mais elaborado, de uma técnica mais avançada, por exemplo, eu não danço krumping mas ver uma coisa próxima do krumping pra ele perceber a técnica mas eu não vou ter como trabalhar tudo, impossível trabalhar tudo, até humanamente impossível eu acho, tu vai conseguir trabalhar um pouco de cada coisa, mas vai ter uma que vai ser mais próximo do especialista naquilo então, perdi o foco da pergunta.

Pesquisador: Posso repetir.

Pesquisador: Quais as maiores dificuldades que você percebe nos alunos quanto a aprendizagem de danças urbanas?

Sujeito 1: Ah por isso que eu falei isso! Porque os alunos eles não sabem o que querem e eu não vou ter tudo pra oferecer, então, se o aluno ele tem uma aptidão mais próxima do popping e eu não dou aula de popping aquele aluno vai estar saindo prejudicado de alguma forma, mas ele não tem como saber que é o popping que ele precisa, então, a gente acaba tendo que mostrar um pouco de cada coisa, tenta ser maleável assim mas a grande dificuldade é isso, as danças urbanas ela é no plural né, ela é danças urbanas, então tem muita coisa ali, se eu for pra, vou dar o exemplo do popping, se eu for pra dentro do popping tem muita coisa dentro do popping e a gente pode passar o ano inteiro trabalhando só popping e não vai conseguir trabalhar tudo dele, vai ter muita coisa que a gente nunca vai, então é difícil a gente não consegue abraçar tudo isso, não consegue passar isso para os alunos, e o aluno quando chega ele não sabe detectar o que ele precisa, o que ele gosta, o que ele tem aptidão pra fazer, acho que pode se dizer que é a dificuldade.

Pesquisador: Você atua para minimizar ou sanar essas dificuldades? Como?

Sujeito 1: Eu procuro sempre oferecer aqueles gêneros assim, aqueles subgêneros como a base da minha aula, o hip hop dance e o popping, eu ofereço a eles: “Óh isso aqui, esses dois aqui são os que eu uso como base para a minha aula, pra chegarmos em outras questões” e essas questões vai depender dos alunos, então eu busco sempre essa percepção de aonde os meus alunos podem chegar, que uma coisa é coreografar pra mim, uma coisa é eu montar, pensar em exercícios, em coreografia, em montagem pra mim, como bailarino, mas como professor eu preciso pensar nos alunos, a aula ela não é pra mim, a aula é pra eles, a aula é pra nós. Então, eu ofereço esses dois subgêneros e pra mim poder detectar aonde que eles podem chegar e se eu tiver que abandonar esses dois e ir pra uma outra questão, vai depender dos alunos, eu procuro sanar isso, tentando perceber se o aluno ele vai ter uma aptidão maior pro break dance, se ele vai ter uma aptidão maior pro loocking, se ele vai ter uma aptidão maior pro popping e aí eu vou, eu trago aquilo que eu vou julgando, detectando o que vai agregar neles.

Pesquisador: Você costuma pesquisar músicas e vídeos sobre danças urbanas? Se sim, onde como e com que frequência?

Sujeito 1: Eu vou começar pela frequência, todo dia, toda hora, aonde tiver wi-fi. (risos). Eu vejo assim, eu leio sobre, tanto aquele blogzinho lá, daquele professor não sei da onde, que resolveu falar sobre sub gêneros, resolveu falar sobre a história, eu leio pra saber o que ele tá escrevendo, pra saber quais foram as referências dele, aonde ele viu aquilo. Tem muito blog que fala sobre isso, tem muito site que fala sobre isso, tem uns livros não li todos mas busquei alguma coisa pra saber o que fala, como que fala das danças urbanas, ela passa por essa pesquisa de... Bom, vídeo é todo o momento, música todo o momento, e eu não vejo, eu não assisto só, não ouço só a questão ligada diretamente as danças urbanas, eu me

deixo influenciar, eu me deixo receptivo aos outros gêneros de dança, há questões de pensamento contemporâneo em dança, “ah e o que é o pensamento contemporâneo em dança? As danças urbanas já não é um pensamento contemporâneo em dança?” Então, pra tentar entender isso, então é, música nova, é vídeo novo, é concurso de dança em algum lugar novo que surgiu, algum programa de TV que ta levando a dança de alguma forma, alguns bailarinos eu falo bailarino não só o de ballet clássico, todo mundo que dança pra mim é bailarino, o bailarino de danças urbanas aparecendo em filmes, aparecendo em concursos de dança, eu sigo eles, Instagram, Facebook, saber o que eles estão fazendo, como eles chegaram naquilo ali, quais foram as referencias dele, então uma pesquisa leva a outra assim, tem isso dos nomes, **alguns nomes da dança, através das mídias sociais, vídeos no Youtube, o Vimeo** aquele também, tem alguns vídeos que não tem no Youtube que a gente descobre só assim né, fuçando e cavando, é isso. Fora a questão da gente estar sempre conversando com os amigos e sempre nessa troca de informação constante, é constante, isso é todo o dia, a gente vive isso, respira isso.

Pesquisador: Você costuma pesquisar livros, artigos, fontes teóricas sobre danças urbanas? Se sim, onde, como e com que frequência?

Sujeito 1: Google acadêmico direto (risos). Toda semana, no mínimo uma vez por semana acontece uma pesquisinha lá de dança, mais urbanas, mais street dance, apaga tudo dança de rua, pra ver o que estão escrevendo sobre, como que estão escrevendo, quais as referencias. A gente tem, não vou dizer que tem poucos livros escritos sobre o assunto porque um pouco é variável né, então eu posso comparar com livros de literatura ai é pouco, mas se eu comparar com outros ele pode ser muito então não vou dizer que é pouco mas a gente passa por questões, aquilo que eu falei, em que tem coisas relacionadas ao assunto que não estão nos livros então uma das minhas duvidas e uma das minhas pesquisas referentes a arte. Tese, dissertação, tudo isso, artigo passa por isso, as referencias e as coisas que estão sendo escritas são apenas a partir de livros, de vídeo, de documentários, como entra a questão da troca de informação direta, a troca através da conversa, através não de uma conversa mas assim, é uma cultura norte americana, então conversar com um norte americano que viveu numa determinada época é uma coisa, então a gente lê alguma coisa no Google acadêmico eu quero fazer essa comparação das coisas que eu conversei com o Poppin Pet de quando elas aparecem, de que forma elas aparecem, se é que elas aparecem. E se eu quero escrever aquilo, como que eu vou colocar, de que forma eu dou potencia pra esse conhecimento que pra mim ele é uma parte muito grande desse contexto danças urbanas.

Pesquisador: Você participa de cursos, workshops, bastglasts e outros eventos de danças urbanas visando sua formação como professor? Se sim, explique.

Sujeito 1: Sim, e eu digo também. Porque os cursos, workshops e tal, eles, alguns deles, eles vão me dar muito subsídio pra minha questão docente, pra minha

questão decente (risos). Outros não vão me dar tanto subsídio assim mas vão me dar subsídio pra minha questão própria, pra minha técnica, pra técnica corporal bem próprio assim, pra mim, eu como bailarino, e não eu como professor. Então todas as aulas eu faço essa reflexão de o que eu posso levar pra mim como professor e pra mim como bailarino, dançarino. E eu não gosto muito quando eu saio de um curso em que aquilo me serviu só como bailarino, só como um aluno, né. Eu fico pensando que faltou alguma coisa, então, é difícil falar que sai só um, e exclui o outro é difícil e uma coisinha vai ter, aquela questão do mal exemplo que não deixa de ser um exemplo, então se eu não me agradei da forma em que o professor no momento conduziu a aula, eu já sei que eu não vou conduzir daquele jeito então eu já me serviu como professor pensando nisso, eu sempre gero uma expectativa em relação a isso, se o cara vai vim só com a técnica, se o cara vai vim com uma composição coreográfica e aí eu faço o que com aquela composição e aí eu aprendi ali, muito legal depois, ou se não ele vem com uma questão de como abordar a técnica para uma composição coreográfica, aí já to pensando como professor, não apenas como dançarino. É uma reflexão constante que se une em todo o curso, 100% das vezes acontece.

Pesquisador: Na sua opinião, quais aspectos são considerados essenciais para uma atuação qualificada como professor de danças urbanas?

Sujeito 1: Primeiro ele tem que vivenciar muito aquilo, tem que vivenciar, ele tem que viver aquilo. E quando tu vive as danças urbanas, quando tu te joga pra ela, não tem como ser superficial, então, só vídeo no Youtube não é o suficiente, só ler o livro de história de danças urbanas e como ela surgiu e qual a época e nome, data, fato, não é o suficiente, não só. E como eu já falei em outras perguntas, envolve muita coisa, envolve contexto histórico, envolve pesquisa de técnica corporal, envolve a tua verdade naquilo, é a questão do vendedor, se o cara não acredita naquilo que ele ta te vendendo até consegue te vender ele pode até chegar a efetuar a venda, mas aquilo ali daqui a pouco ele troca de emprego porque ser o vendedor não é o que ele vive, o que ele vivencia. E eu falo isso porque eu vejo isso nas pessoas, eu vejo professores que vão pra workshops, fazem um curso e voltam pra sua cidade dizendo que são professores de danças urbanas, daqui a dois meses estão trabalhando no... não vou citar nomes né, troca de função e até mesmo alguns bailarinos, dançarinos, que atuam assim, que não vivenciam aquilo, não tem aquilo como uma verdade, não tem, não acreditam naquilo, eu danço as danças urbanas porque eu acredito nelas, é uma cultura que não é nossa mas é uma cultura que a gente se identifica pelo lugar que tu morou, lugar que tu nasceu, as questões sócio históricas em que tu tava inserido, que eu estava inserido, são compatíveis, a gente se identifica então por isso que a gente vive isso, eu dei exemplo do vendedor mas eu não vendo as danças urbanas, eu compartilho ela, eu troco ela e eu falo isso porque a gente vê essas pessoas que passam por ela, e hoje em dia é tudo muito rápido, é modinha, pode durar um ano, pode durar seis meses, pode durar um ano e meio, mas quando tu não é de verdade, quando aquilo não faz parte da tua verdade,

quando tu não te identifica com aquilo ali, quando tu não vive aquilo uma hora ela acaba, uma hora acaba, e aí tu acha uma coisa pra fazer, bem mais maneira (risos).

Pesquisador: Existe algum outro aspecto que considere importante destacar sobre o ensino de danças urbanas hoje? Se sim, qual?

Sujeito 1: Acho que vai ter, não sei se eu vou lembrar, de tudo que eu falei o que eu não falei né, pra falar agora... Acho que tudo passa pelo amor da coisa, se tu ama aquilo tu vai querer sempre melhorar, vai querer sempre fazer bem feito, vai querer sempre te aperfeiçoar e acho que uma palavra boa que eu não usei ainda ,mas que cabe agora nessa questão é o aperfeiçoamento, eu falei sobre ele todo o tempo mas eu não frisei então agora eu deixo essa palavra, o aperfeiçoamento.

FIM DA ENTREVISTA.

Anexo B – Transcrição de entrevista realizada durante pesquisa de campo.

Transcrição Sujeito 2

Pesquisador: qual é a sua experiência e formação em dança?

Sujeito 2: Bem essa é a pergunta?

Pesquisador: Aham!

Sujeito 2: A minha experiência basicamente eu posso dizer que ela começou na rua mesmo, em grupo de rua isso desde já conhecendo os amigos e dançando na vila, aí depois, mas nisso não dancei em nenhum grupo foi mais experiência de contato mesmo, depois eu comecei a dançar na escola num grupo que um “cara” resolveu fazer na escola, e aí que resolveu dançar todo mundo junto. O “cara” não tinha nenhuma formação em dança, também era só aquela coisa de todo mundo ver o filme “Entre nessa Dança” e através dessa filme sabia mais ou menos como é que era a movimentação de danças urbanas, como levava. Inicialmente começou assim, e foi quando a gente foi apresentar no nosso primeiro evento e o cara acabou batendo no organizador do evento, acabou que nós não dançamos. (risos)

E aí o grupo se desfez, alguns guris que dançavam com ele mais tempo resolveram continuar dançando, e aí eu como alguns guris que a recém tinham entrado fomos convidados e assim fomos ensaiando ao decorrer do ano. E abriu outro evento e agente se escreveu nesse evento só que o grupo se desfez um dia antes desse evento, mas como eu já estava empolgado e queria dançar eu mesmo fui e dancei um solo, mas no mesmo dia que se desfez o grupo que foi no próprio local do evento uma senhora chegou e me convidou para dançar com ela no grupo dela, no caso era o Medianeira lá de Rio Grande. E nisso eles tinham aula com um rapaz que tinha mais formação em dança de salão, mas tinha uma noção básica de dança hip hop e Break tanto que no início ele trabalhava bastante o freeze, o nome dele é Cleiton Veiga e foi com ele através disso, que basicamente foi a única aula que eu tive antes de entrar na faculdade, fora isso que depois de ter saído desse grupo que eu fiquei nesse grupo uns dois anos, aí eu sai desse grupo fui para outro chamado Angels, eu dancei mais um tempo nesse grupo e parei de dançar para trabalhar até entrar na universidade.

Pesquisador: Você tem professores referenciais na sua formação? Quem e porquê?

Sujeito 2: Bem, no atual momento como eu mencionei o Cleiton veiga que foi o único professor realmente que eu tive, e agora basicamente que eu posso contar até agora nesse ponto que não tinha mencionado na pergunta anterior no caso, foi contigo, agora que pela primeira vez mas última formação, mais uma formação mais profunda em danças urbanas, seria o Cleiton Veiga e tu, Taison Furtado.

Pesquisador: Quanto tempo pratica danças urbanas ? Qual a sua trajetória no gênero e no subgêneros?

Sujeito 2: Em geral, desde que comecei eu posso dizer que seria uns oito anos, com pausa de três que foi quando eu parei de dançar para trabalhar. Eu não sei se defino como cinco anos, mas eu não sei como definir isso, mas porque nesse decorrer do tempo eu tive uma pausa e nessa pausa não dancei, eu só trabalhei então por mais que seja desde a trajetória inicial que foi em 2008, em 2016 são oito anos eu posso dizer isso. E eu sempre pratiquei danças urbanas por mais que não seja como uma formação só foi danças urbanas ou danças de rua.

Pesquisador: Fala um pouquinho mais sobre essa trajetória no gênero?

Sujeito 2: A trajetória do gênero teria começado com Hip Hop/Break, e foi como sempre chegou a mim nesses grupos, o Break é o que chama mais atenção pela forma no caso Power Movie, por exemplo é aquela coisa que chama atenção na dança de rua então a minha formação seria no grupo dançando Hip Hop coreografado e por fora treinando Breakin', e aí depois que eu comecei a dançar com Cleiton nesse outro grupo eu comecei a ter mais conhecimento de subgêneros em geral, aí eu trabalhei um pouco mais de Poppin' tinha e tenho uma noção básica de Lockin', mas fora isso depois desses grupos, no grupo Angels trabalhei com o Hip Hop, aí eu já tinha deixado Breakin' mais de lado e trabalhei apenas com o Hip Hop. E depois disso, da pausa, na volta quando eu voltei pra universidade trabalhei mais Poppin', e aqui eu trabalho mais o Hip Hop com vocês, seria basicamente essa minha trajetória de gêneros.

Pesquisador: Há quanto tempo ministra aulas de danças urbanas? E como foi esse seu percurso até se tornar professor de dança nesse gênero?

Sujeito 2: Eu posso dizer que eu ministro aula, deixa eu ver, eu teria começado aqui na universidade a dar aula, então eu posso dizer que há um ano e meio ou 2 anos. Como é a pergunta ?

Pesquisador: Há quanto tempo ministra aulas de danças urbanas? E como foi esse seu percurso até se tornar professor de dança nesse gênero?

Sujeito 2: Como eu mencionei essas experiências anteriores no caso, o grupo Medianeira, o grupo de rua, no caso, nos grupos são as experiências que eu vim trazendo desde o início, que no caso teria dançado no grupo Medianeira, eu teria dançado no Angels, esses grupos teriam me dado a base como professor a ter chegado aqui antes de ter entrado na companhia Rua em cena, então meu trajeto para se tornar professor se deu aí.

Pesquisador: Como descreve a estrutura de sua aula? em quais partes e/ou momentos ela está organizada? Você adota algum subgenero como prioritario ? se sim qual é porque ?

Sujeito 2: Já respondendo à pergunta basicamente de trás pra frente. Eu não adoto nenhum gênero como prioritário, nas aulas eu trabalho tanto que geralmente organizar as minhas aulas que sejam mais variadas, aumentando o leque dos alunos também, e aumentando meu leque como professor. Eu organizo elas de uma forma que eu trabalho um aquecimento e um alongamento, geralmente trabalhos os dois juntos aí eu sempre trago pra eles o ponto musical, que é um problema, e que eu também tenho que treinar isso, então é um aprendizado tanto para eles quanto para mim. Eu sempre começo quando eu pego uma turma inicialmente eu começo com hip hop, trabalhar principalmente o balanço, o que já pega mais a noção musical ao mesmo tempo também, eu sempre priorizo a questão musical com os alunos, mas especifico eu não trabalho um gênero só ele.

Pesquisador: Como você chegou ao formato da aula de danças urbanas que ministra hoje? quais as suas influências e/ou exemplos?

Sujeito 2: Assim, influência se daria no caso no decorrer da trajetória. O meu formato basicamente se deu na necessidade dos alunos também, mas atualmente tu (Taison Furtado) a minha maior influência pelo formato da aula que eu tenho contigo, e seria isso.

Pesquisador: Você prepara ou planeja as suas aulas? Como?

Sujeito 2: Bem, como a gente faz, eu planejo aulas no projeto, a gente sempre planeja, primeiro eu do uma lida no livro que tem do Emerson Camargo, que eu tenho uma cópia dele, algumas coisas dele, e aí a partir dele eu tenho a noção mais quente do que eu posso trabalhar em cada aula e assim eu preparo primeiro como vai ser o alongamento e o aquecimento anterior à aula, e aí eu planejo como a aula vai decorrer, e aí definir o gênero e subgênero que eu vou trabalhar como eu vou trabalhar esse gênero a temática que vai ser construída por meio dele e aí nisso depois eu trabalho um descanso para relaxar os alunos, é assim que eu planejo aula.

Pesquisador: Faz uso de recursos de apoio? Quais?

Sujeito 2: Bem, dependendo da aula, automaticamente o uso do som, do aparelho sonoro, tanto como eu trabalho com a musicalidade, faço uso de vídeos dependendo da aula eu uso vídeos de determinados subgêneros ou vídeos de batalhas coisas meio assim.

Pesquisador: Como você descreveria a sua metodologia de ensino para docência em danças urbanas?

Sujeito 2: Essa é uma boa pergunta, essa é muito difícil de responder, definir uma metodologia. Porque eu não vejo como uma metodologia única de preparação. Exemplo, eu uso até abordagem Triangular que eu aprendi até na própria pedagogia da dança, eu uso muitas que eu não sei dizer tem nomes definidos, mas ela é de certa forma, dependendo da aula ela é diretiva, eu nunca tenho uma definida, eu uso várias, eu acho que definir uma eu não consigo dizer especificadamente.

Pesquisador: Durante as aulas você acredita que consegue comunicar plenamente o que deseja aos alunos? necessita utilizar mais de uma estratégia para comunicar o que gostaria? Se sim, explique:

Sujeito 2: Dependendo da aula, tudo depende de como decorre a aula, tem dias que... Os alunos são enviados de comunidades diversas e dificuldades comportamentais no projeto que eu dou aula no momento, eles então não é bem definido, tem dias que eles estão bem para assistir à aula, e ela vai que é uma beleza. Eu me comunico muito bem, mas tem dias que eu tenho que mudar todo o meu planejamento da aula para conseguir comunicar o que eu queria com eles, então vai depender do dia de como os alunos estão.

Pesquisador: Na Sua percepção é decorrente que os alunos saírem com dúvidas das aulas? se sim de que tipo?

Sujeito 2: Bem, eu não acredito que seja decorrente porque eu tento sempre ser o mais claro possível e pergunto também, mas eu acredito porque eles nunca disseram que estavam com duvida estão com dúvidas tente falar corrigir sanar essa dúvida para que eles não saiam com essa dúvida.

Pesquisador: Quais são as maiores dificuldades que você percebe nos alunos quanto ao aprendizado das danças urbanas?

Sujeito 2: Muita percepção corporal é o próprio conhecer, o próprio corpo é o que mais causa dificuldade no aprendizado das danças urbanas, então acredito que seja

dessa forma a maior dificuldade seria a percepção corporal e a questão de musicalidade também entra nisso, porque a própria percepção da música e conhecer como ela acontece eu acredito que seja os pontos mais difíceis, a percepção musical e a percepção corporal, e isso vai diminuindo com o tempo.

Pesquisador: Você atua para minimizar o sanar essas dificuldade? Como?

Sujeito 2: Bem, como eu mencionei a questão da percepção musical, da musicalidade, seria no próprio treino do hip-hop do Balanço, algumas crianças eu trabalho caminhadas e eles tentando pegar o ritmo da música como ela vai acontecendo assim eu tenho musicalidade deles tanto que nos finais das aulas eu sempre faço uma roda onde eles trabalham improviso ouvindo a música a questão da percepção corporal é uma coisa que vai acontecendo aos poucos no próprio dançar eles vão conhecendo o corpo e o limite deles no caso com a orientação da minha aula para eles não se machucarem não exagerarem com o corpo deles, então eu acredito que é assim que uso para sanar essas dúvidas.

Pesquisador: Você costuma pesquisar vídeos, Músicas sobre danças urbanas? Se sim, onde, como e com que frequência?

Sujeito 2: Bem, a frequência não é tanta, mas é recorrente, eu uso como meio de ferramentas YouTube, músicas também. O YouTube acho que é a principal ferramenta que eu uso para ver essas coisas, seria isso, e a frequência não é todo o tempo mas é mediano é uma coisa média. E via Facebook eu recebo muita coisa também, afinal curtir muitas páginas de quem trabalha com, ajuda conhecer coisas novas e conhecer grupos conhecer trabalhos.

Pesquisador: Você costuma pesquisar livros, artigos e fontes teóricas sobre danças urbanas? Se sim, como, onde e com que frequência?

Sujeito 2: Isso que é o mais difícil, achar documentos sobre, geralmente eu encontro livros, e isso é trazido a mim muito pelos colegas de universidade, sempre tem alguém para te contar que tem algum livro novo, que alguém lançou tal coisa, artigos, tem algumas ferramentas, que agora eu esqueci o nome, que são ensinados pela professora Saballa e eu esqueci o nome do programa, o local que fica esses artigos. Bom sinceramente eu esqueci o nome sobre artigos acadêmicos, mas o próprio Google que é um grande oráculo, para a própria pesquisa dele o Google permite encontrar alguns artigos, mas ainda se encontra pouco se a gente for procurar sobre outros gêneros de dança a gente encontra muito mais do que danças urbanas que é uma coisa recorrente na academia.

Pesquisador: Você participa de cursos, workshops, masterclass e outros eventos de danças urbanas visando a sua formação como professor? Se sim, explique:

Sujeito 2: Sim, às vezes, é dinheiro, como a gente pode dizer tudo é dinheiro, então tendo dinheiro e eu podendo ter a chance de conseguir no momento que aconteceria ter como bancar isso, eu vou, se for grátis eu tento ir sempre, mas tudo depende da questão do momento é possível. E eu visio tanto como professor e como artista, é aprendizado e a gente tem que estar sempre se renovando como professor e como artista.

Pesquisador: Na sua opinião quais os aspectos essenciais para uma atuação qualificada como um professor de danças urbanas?

Sujeito 2: A própria experiência em dança, a vivência, tem uma coisa que a gente, que eu defendo na própria cadeira de danças urbanas, que não tem vivência suficiente para ser professor de danças urbanas, acredito que a vivência, tem que viver danças urbanas.

Pesquisador: Isso tu tá falando dentro da Universidade? Digo, isso tu defende dentro da cadeira de Danças Urbanas dentro da universidade?

Sujeito 2: Sim, no caso que eu não acredito que em apenas uma cadeira de seis meses, te da qualificação, é uma cadeira de seis meses, de quatro meses, que um semestre mesmo tem quatro meses, acontece em quatro meses basicamente e é uma cadeira que é dividida entre três gêneros e um deles é a danças urbanas. Não acredito que o aprendizado seja suficiente para trabalhar danças urbanas, para trabalhar com danças urbanas é essencial a vivência e danças urbanas e a experiência com trabalhar já antecipadamente ou na própria Universidade uma vivência maior que no caso atual não é suficiente.

Pesquisador: Existe algum outro aspectos que considere importante destacar sobre o ensino de danças urbanas hoje? Se sim, qual?

Sujeito 2: Não sei te dizer um aspecto importante.

Como mencionei também é importante destacar a questão de musicalidade é o próprio, que muita gente não sabe o que é uma contagem musical contar 5,6,7,8 entender a dança na música como trabalhar isto. Então acho que isso é um aspecto muito importante de trabalhar nas danças urbanas. e seria basicamente as dificuldades que a própria questão corporal o conhecimento corporal por meio das danças urbanas e seria muito importante.

FIM DA ENTREVISTA.

Anexo C - Transcrição de entrevista realizada durante pesquisa de campo.

Transcrição Sujeito 3

Pesquisador: Qual sua experiência e formação em Dança?

Sujeito 3: Eu sou, dançarino, professor de Danças Urbanas, Hip Hop Dance, ou Hip Hop Freestyle.

Pesquisador: Você tem professor/es referenciais na sua formação? Quem e porque?

Sujeito 3: Eu tenho. Eu tenho, o vovo nhé!, Uanderson de Oliveira Farias, meu irmão, e dono do Piratas de Rua, eu tenho de referencia o Gugu, não posso esquecer o nome dele, que também fez faculdade de Dança, tenho o Taison Furtado e tenho o Paulo Renato Monteiro. Por que em 2004, eu tava, fui convidado pelo Paulo Renato a participar do projeto na escola Nossa Senhora dos Navegantes, que era um projeto do Piratas de Rua, pra Dançar. Aí a partir dali em 2004, eu comecei a dançar. No início eu não me interessava pela dança. Comecei a dançar a participar de festivais de dança nhé, festivais só de Hip Hop Dance, festivais que era de diversos outros estilos. Aí a partir daí a gente começou a participar de diversas, varios cursos, vários estilos, e eu me interessei mais me inspirei mais nessas pessoas por causa que a gente era um dos únicos grupos do Brasil, que cada um tinha um estilo diferente, uma característica diferenciada, um estilo diferenciado, uma forma de dançar diferenciada. E até, uma auto-didática de dar aula, um completamente diferente do outro.

Pesquisador: Quanto tempo pratica Danças Urbanas? Qual sua trajetória no gênero e nos sub-gêneros?

Sujeito 3: Faz 12 anos que eu pratico Danças Urbanas, e a trajetória, em que sentido mais ou menos? Eu comecei a dançar pelo projeto Piratas de Rua, depois eu passei a fazer parte do Grupo Piratas de Rua Adulto Nhé? E aí a partir daí, a formação era um pouco avançada. Depois em 2008, eu comecei a dar aula na estimulo com a Bere Fhuro Souto, 2010 eu passei a trabalhar na Corpo e Dança.com e hoje sou professor, coreógrafo e bailarino até mesmo de Dança de Salão da companhia Corpo e Dança.com.

Pesquisador: Há quanto tempo ministra aulas de danças urbanas? E Como foi seu percurso até se tornar professor de dança nesse gênero?

Sujeito 3: Faz... vai fazer 8 anos que eu ministro aulas de dança, e o meu percurso foi, a indicação que eu tive foi através do meu próprio irmão o Uanderson de Oliveira Farias, quando ele tava num momento muito ocupado da vida dele, ele me indicou pra trabalhar com a Bere Fhuro Souto. Comecei a partir dali, a desenvolver uma técnica, uma forma de trabalhar e de dar aula e por aí to, até hoje.

Pesquisador: Como descreve a estrutura da sua aula? Em quais partes e/ou momentos a aula está organizada?

Sujeito 3: Na realidade nhé, a minha aula... eu trabalho muito com a questão do improviso, entendesse? Não tem muito um pouco de organização, até por que eu trabalho com diversas pessoas. Está sempre entrando pessoas novas na dança, e

uns tem facilidade, outros tem dificuldade pra aprender, então a gente tem que estar sempre improvisando. Então eu nunca venho com uma aula montada. Na realidade eu sempre tento improvisar, e por aí vai.

Pesquisador: Você adota algum sub-gênero como prioritário? Se sim, qual e porque?

Sujeito 3: Sim, eu trabalho muito com as Danças Sociais né?, Os passos que foram criados nos clubes sociais, nos EUA, o Hip Hop Dance. Ou o chamado Dança Social, que um modo mais fácil e mais simples para qualquer um, tendo facilidade ou não a desenvolver a essa técnica e a desenvolver esses passos.

Pesquisador: Como você chegou ao formato da aula de Danças Urbanas que ministra hoje? Quais suas influências e/ou exemplos?

Sujeito 3: Na realidade, cheguei aqui até hoje, foi através do grupo, depois que eu passei pelo grupo adulto dos Piratas de Rua, e via que... e me inspirava muito no meu irmão. Depois no Gugu que começou a ministrar aula, e seguindo vem o Taison Furtado, não digo que participava, que fazia todas essas aulas, mas prestava atenção na auto-didática deles, na forma com que eles ensinavam os bailarinos a dançar. E acabei indo, criando a minha auto-didática e indo pra este rumo. As minhas maiores influencias então, pra eu me tornar professor, foi o Uanderson Farias. o Gugu e o Taison Furtado.

Pesquisador: Você prepara e/ou planeja suas aulas? Como?

Sujeito 3: Na realidade é que nem eu digo, as vezes eu planejo né, vou na cabeça quais são os passos que eu vou aplicar, e se aparece um aluno novo eu tento improvisar, entendesse? Até pela dificuldade que esse aluno pode ter ou não.

Pesquisador: Faz uso de que recursos de apoio? Quais?

Sujeito 3: Na realidade, nas academias que eu trabalho, eu trabalho somente com música das danças sociais, mas nos projetos que eu participei no Mais Educação, na escola da Aura, no bairro Vila Princesa e no Cecília Mairelles, no Areal eu dava uma aula prática e uma aula teórica, onde eu trazia texto contando a história, não só do Hip Hop Dance, como das Danças de Rua Original, entendesse? Dava uma aula, mais...a aula pratica era de... a aula técnica era de Hip Hop Dance, e a teórica era das outras dança que eu não tenho, me desenvolvido. Mas eu conheço a história conheço bailarinos, que dançam B.boy, Popper, Locker. Mas nas escolas, pra ter mais conteúdo e tava dando aula tanto teórica quanto prática contando a história da Dança de Rua.

Pesquisador: Como você descreveria a sua metodologia de ensino para a docência em Danças Urbanas?

Sujeito 3: A minha metodologia, é uma metodologia mais simples, entendesse?, mais educacional, entedesse? uma coisa básica, onde qualquer criança, adolescente, adulto, até eu trabalhei aqui na corpo e dança, onde eu dou aula atualmente, com pessoas apartir de 60 anos, dando aula de Hip Hop Dance, a minha metodologia é mais simples, trabalhando com aqueles passos bem simples, aqueles passos onde qualquer um consegue desenvolver. Eu me apresento, primeiro eu digo quem eu sou, por onde eu passei, eu explico pra elas, que eu vou

dar aula de Hip Hop Dance, que é danças sociais, que foram danças que foram criadas nos clubes sociais. Alguns passos eu cito o nome como o The Dime, Hare Cheik, Monaster, The Wap, que são passos simples básico né? Trabalho com contagem 5,6,7,8, contagem do 1 ao 8, trabalhando mais só o ritmo da música que é... um, dois, tres, quatro...usando mais a base do Hip Hop Dance, sem explorar todo o contexto da música. Demonstro os passos pra os bailarinos, depois passo um a um, para quem está desenvolvendo as aulas.

Pesquisador: Durante as aulas, você acredita que consegue comunicar plenamente o que deseja aos alunos? Necessita utilizar mais de uma estratégia para comunicar o que gostaria? Se sim, explique:

Sujeito 3: As vezes sim Nhé? E as vezes não. Sim, por que como eu ti disse são passos simples, eu consigo transmitir a mensagem, e as vezes aparecem pessoas com dificuldade motora, que não conseguem sair do lugar, e as vezes tem que estar improvisando, criando uma metodologia diferente, com mais calma, mais paciência. Tendo tranquilidade na hora de ensinar, então as vezes eu consigo transmitir, passar a mensagem que eu quero, e as vezes não.

Pesquisador: Na sua percepção, é recorrente os alunos saírem com dúvidas das aulas? Se sim, de que tipo?

Sujeito 3: Ah! Os alunos saem com dúvida sim, até por que o fato deles não saberem os passos que eles estão fazendo, ou não saberem o por que ou o nome do passo, do que estão fazendo, ou qual é a história. Ou por causa da cultura, que eles não sabem, a cultura que eles vivem na realidade, uma cultura americana, uma cultura afro-americana, então eles tem, eles saem com uma dúvida do que eles estão fazendo, se isso realmente é certo, se esse passo que eu to ensinando, realmente é um passo que vem lá dos EUA ou não.

Pesquisador: Quais as maiores dificuldades que você percebe nos alunos quanto ao aprendizado de Danças Urbanas?

Sujeito 3: As dificuldades, deixa eu ver... Até na realidade eu não vejo com as pessoas que eu trabalho, muitos não tem muitas dificuldades, o que eles realmente fazem aula de outros estilos e dizem que é ruim, é quando tu passa 300 passos em menos de uma hora, então eles tem dificuldade pra assimilar o que eles estão fazendo, mas como eu trabalho uns 3, 4 passos por aula, então até aí eles não tem tanta dificuldade. A questão é quantos, quantas informações tu vai passar ao mesmo tempo.

Pesquisador: Você atua para minimizar ou sanar essas dificuldades? Como?

Sujeito 3: Atuo sim, e como eu ti expliquei né? Eu não tento passar tanta informação no mesmo dia. Tantos passos ao mesmo dia, ou falar tantas coisas sobre o Hip Hop Dance ao mesmo dia.

Pesquisador: Você costuma pesquisar vídeos e músicas sobre Danças Urbanas? Se sim, Onde, como e com que frequência?

Sujeito 3: No início quando eu comecei a ministrar, a trabalhar com o Hip Hop dance, eu não procurava pesquisar vídeos, nem nada mais, até por que, quando eu

comecei nos Piratas de Rua, a partir de 2006, o vovo, o dono do grupo criou um... não é um estilo.. ele pegou, ele criou um nome que é o UANTEP Hip Hop, que a gente trabalhava as danças afro brasileiras, usava estilos, pegava um pouco do samba, um pouco do próprio afro, da capoeira, entendesse?, alguns movimentos que vinham até mesmo do próprio futebol, e a gente acabou adaptando, pegando esse estilo, pegando esses passos, tirando dessas influencia,também os movimentos, que vem da religião afro, a religião africanista, que é a umbanda, ou a nação. A gente, se inspirava nesses guia espiritual pra pegar movimentos ou gestos pra trabalhar e adaptar dentro do Hip Hop Dance, então no inicio das minhas aulas, e com as pessoas que eu comecei a trabalhar, até por que elas não tinham muitas, elas já tinham noção de dança, então eu trabalhar muito com a questão do UANTEP Hip Hop, que são os passos que a gente tirou da cultura brasileira entendesse?

Pesquisador: Você costuma pesquisar livros, artigos e fontes teóricas sobre Danças Urbanas? Se sim, Onde, como e com que frequência?

Sujeito 3: Pesquisar, e estudar, acredito que não. Até pelo fato de na época viajar bastante, conhecer diversos grupos, ou diversos americanos que davam workshop, e com eles aprender um pouco da cultura Hip Hop, aprender sobre a história, aprendi nos festivais de dança que a gente participava.

Pesquisador: Você participa de cursos, workshops, master classes e outros eventos de Danças Urbanas visando sua formação como professor? Se sim, explique:

Sujeito 3: Visando minha formação como professo não, eu vou mais como bailarino, pra absorver mais conhecimento e não como professor.

Pesquisador: Na sua opinião, quais aspectos são considerados essenciais para uma atuação qualificada como um Professor de Danças Urbanas?

Sujeito 3: É... buscar realmente de fato, pessoa, que realmente estudam, que são pioneiras da área, que realmente conhecem um pouco da história do Hip Hop Dance, ou do que vai aplicar nas aulas.

Pesquisador: Existe algum outro aspecto que considera importante destacar sobre o Ensino de Danças Urbanas hoje? Se sim, qual?

Sujeito 3: No momento que eu atuo, não vejo outros aspectos não. Ou em que sentido tu estava falando?... Acredito que Sim, pelo fato da gente, quando a gente participava dos festivais de dança, inclusive eu via muito os americanos contestar nós os brasileiros por a gente sempre copiar aqueles passos sociais que eles aplicavam nos workshops, e muitas vezes as pessoas não conseguiam desenvolver. Então, tem outros aspectos sim, tu pode buscar passos que nem eu ti falei, de diversas culturas, tu mesmo produzir e criar o teu próprio passo de dança social. Como foi dito nhé, que foi criado dentro de um clube, dentro de uma festa social, onde cada um criava um passo e todo mundo acompanhava. Então eu acho que se tu buscar outras histórias, outras culturas, tu pode sim explorar mais a questão do Hip Hop Dance.

Fim da Entrevista.

Anexo D - Transcrição de entrevista realizada durante pesquisa de campo.

Transcrição Sujeito 4

Pesquisador: Qual sua experiência e formação em dança? Você tem professores referencias na sua formação quem e porque?

Sujeito 4: Tenho... A minha experiência com dança começou em 2005 no Piratas de rua na Escola Nossa Senhora dos Navegantes e onde o professor era o "Paulinho" Paulo Renato o Anderson Farias do adulto, e a referência que tenho hoje é o Taison o Diogo que também foi uns dos que me ajudou também junto com essa pratica, e é mais ou menos isso.

Pesquisador: Qual sua experiência e formação?

Sujeito 4: Formação... A formação veio com a prática ao longo desses anos, faz mais de 11 anos quase. Muita prática ligado também com a... A pratica ligada a teoria. Mais prática, mas junto aliada a teoria dentro das aulas de dança, indo a festivais e participando de palestras e workshops.

Pesquisador: Quanto tempo pratica Danças Urbanas? E qual sua trajetória no gêneros e subgêneros?

Sujeito 4: sim, eu, praticamente a 11 anos ii... 11 anos né?! Quase doze, e aí já participei do Grupo Piratas de Rua, onde tive uma grande experiência participando de festivais, onde um dos que me marcou mesmo foi de Joinville e foi uma grande experiência pra mim.

Pesquisador: Qual sua trajetória no gênero e subgêneros das danças urbanas?

Sujeito 4: Sim, no gênero das Danças Urbanas minha trajetória foi sempre ligada mais pra cultura como bailarino e também ligada a dança Poppin' que é onde eu tenho... e sinto mais prazer em ta dançando, e Freestyle Hip Hop.

Pesquisador: ha quanto tempo ministra aulas de danças urbanas?

Sujeito 4: Eu ministrei acho que uns dois anos na academia corpo e dança. hoje em dia atualmente não ministro mais migrei para outras áreas da danças.

Pesquisador: sim mas é algo que..?

Sujeito 4: Sim é algo que tenho prazer se eu tiver que trabalhar e propriedade.

Pesquisador: Como foi seu percurso até se tornar professor de dança?

Sujeito 4: Meu percurso começou como bailarino em 2005, participando de etapas, por categorias de dança juvenil até chegar ao adulto onde fiquei uns dois anos até ter uma certa propriedade e conhecimento para estar ministrando essa modalidade.

Pesquisador: Como você descreve a estrutura da sua aula?

Sujeito 4: Minha aula é uma estrutura básica, vai muito depender do objetivo que o aluno vai ter e com o espaço que eu vou estar trabalhando.

Pesquisador: Em quais partes e momentos a aula está organizada?

Sujeito 4: Ela é como eu falei, né?! Dependendo do intuito do aluno a minha aula é voltada, se é para o iniciante uma dança mais ligada a cultura onde eu tenho que eu gosto mais de trabalhar que a parte do Hip Hop Dance montada em passos das Danças Sociais, onde o aluno pode tá tendo conhecimento tanto teórico como prático da dança.

Pesquisador: Como você chegou ao formato da aula de dança de danças urbanas que ministra hoje? Quais suas influências ou exemplos?

Sujeito 4: Exemplo vem muito da prática das aulas que eu pratiquei dentro dos espaços que eu praticava dança, pegando influência dos professores onde eu participava e tentando colocar meu jeito dentro dessa modalidade.

Pesquisador: Você prepara ou plana suas aulas? Como?

Sujeito 4: Sim, planejamento vem de acordo com o objetivo do grupo que eu vou estar trabalhando, dependendo, eu tenho um trabalho geralmente é formado por blocos, onde tento tá colocando os passos básicos junto com a informação daquele passo mas tentando colocar um pouco da história e tentar passar um pouco daquela influência pro aluno ter conhecimento.

Pesquisador: faz uso de recursos de apoio?

Sujeito 4::como assim?

Pesquisador: Recurso de apoio para ensinar sei lá vídeo, rádio!

Sujeito 4: Sim, rádio. Dependendo, se for numa escola mostrando vídeos mostrando coreografias.

Pesquisador: E pro ensino informal tu não trabalha com vídeo tipo para atuar nas academias e tal?

Sujeito 4: Não, geralmente não. Nem tanto na hora da prática, mas no pós né?! Pós a prática isso é bem legal.

Pesquisador: Como você descreveria sua metodologia de ensino para as danças urbanas?

Sujeito 4: ah uma metodologia...

Pesquisador: Desculpa, para docência em danças urbanas!

Sujeito 4: Ta, ela tá ligada muito a própria prática, sendo que essa modalidade veio muito da prática hoje em dia pelo que eu tenho conhecimento não se tem muita informação. Ainda os criadores ainda estão vivos e eles não trabalham, pelo menos que eu tenha conhecimento, para estar divulgando em livros acadêmicos, e eu acho que tem muito a crescer no desenvolvimento de pesquisas aproveitando que a maioria tá viva ainda pra tá colocando isso que fique história pra poder passar para as próximas gerações.

Pesquisador: Durante as aulas você acredita que consegue comunicar plenamente o que deseja aos alunos? Necessita utilizar mais de uma estratégia para comunicar o que gostaria? Se sim explique!

Sujeito 4: Sim, porque no meu trabalho, quando eu vou aplicar uma aula pelo menos a minha intenção não é tanto a prática ligada a muita técnica mas ao prazer de ta fazendo aquela session, aquele passo. Ta muito mais ligado ao prazer do que a própria técnica. Mas já, se for no intuito de competição aí sim tem que dar uma cuidada maior na técnica, no desenvolvimento.

Pesquisador: Na sua percepção é recorrente os alunos saírem com dúvidas das aulas? Se sim, que tipo?

Sujeito 4: Sim, geralmente quando o aluno não tem a vivência daquela modalidade muitas vezes assiste só em vídeo, mas aí quando vai aprofundar mais tem uma vivência muito cultural que a pessoa não tem aquela vivência cultural da qual aquela modalidade onde ela ta inserida e geralmente a dúvida maior e sobre isso. A questão da vivência, como, porque fazer aquilo e da onde vem, qual sentido daquele movimento. Porque muitos passos ta ligado ao próprio movimento ao fazer o movimento.

Pesquisador: Quais as maiores dificuldades que você percebe nos alunos quanto ao aprendizados de danças urbanas?

Sujeito 4: É, muito vai depender do estilo dentro das Danças Urbanas e dos alunos, da faixa etária e tudo mais e a maior dúvida talvez, é depende né?! Vai depender, pra mim isso depende muito.

Pesquisador: Você atua para minimizar ou sanar essas dificuldades? Como?

Sujeito 4: Ah... Tentando falar e demonstrar junto com a prática que ta ligada ao movimento da dança.

Pesquisador: Vou repetir uma pergunta aqui que não sei se cheguei a te fazer direito!

Sujeito 4: tá

Pesquisador: Quais as maiores dificuldades que você percebe nos alunos quanto ao aprendizado de danças urbanas?

Sujeito 4: A maior dificuldade pra mim assim vai depender do estilo ou então se a pessoa tem o conhecimento daquela modalidade muito ta ligada a própria historia talvez, e não pelo menos a prática, muitas vezes ta ligada ao conhecimento daquela história, porque aquilo que tu passa da história pra tua aula tu consegue passar a fluência o movimento a intenção daquela prática.

Pesquisador: Você costuma pesquisar vídeos e músicas sobre danças urbanas? Se sim onde como e com que frequência?

Sujeito 4: Sim, hoje em dia acho que é uma forma de atualização, ligado, tipo... tem muitos aplicativos, sites, só que ta tomando cuidado pra ta vendo onde tu vai pesquisar, se procede a informação e também tentar procurar, porque hoje em dia tem muitos vídeos dos criadores comentando, aí eu vejo que tem, que a pessoa tem que ter um certo conhecimento da língua inglesa pra ta sabendo daquela historia fidedigna, daquele historiador, daquele uns dos criadores da dança. (Barulho de porta abrindo.)

Pesquisador: Você costuma pesquisar livros artigos e fontes teóricas sobre danças urbanas se sim onde como e com que frequência?

Sujeito 4: Sim, embora hoje em dia ainda, há pouco conteúdo teórico tem um livro que costumo ler que é sobre a Dança Urbana, tem um sobre, não tanto sobre Dança Urbana, mas sim sobre a dança com condicionamento que acho bem interessante e também tem uns artigos acadêmicos, também pelas faculdades de danças também que hoje em dia com a internet temos acesso.

Pesquisador: Você participa de cursos, workshops, master classes e outros eventos de Danças Urbanas visando sua formação como professor? Se sim, explique:

Sujeito 4: Sim, tenho o prazer de ta podendo fazer cursos, participar de cursos, batalhas dentro dessa modalidade.

Pesquisador: Na sua opinião, quais aspectos são considerados essenciais para uma atuação qualificada como um professor de danças urbanas?

Sujeito 4: Tanto conhecimento prático e teórico, procurando sempre a procura da informação correta e eu acho que essa modalidade ela ta muito ligada a própria pessoa, ela ta ligada muito a própria pessoa, no sentido de sentimento, então é uma coisa que vai depender muito de si e muito pouco dos outros.

Pesquisador: Existe algum outro aspecto que considera importante destacar sobre o ensino de danças urbanas hoje? Se sim, qual?

Sujeito 4: Sim, como eu mencionei que ta muito ligado a prática da própria modalidade, mas também o conhecimento técnico ligado. Eu mesmo procurei ter uma formação em licenciatura em educação física e agora tentando concluir a modalidade bacharelado pra ligar a busca do conhecimento ligada ao condicionamento físico de bailarinos, prevenção de lesão, recuperação, desempenho físico, que eu vejo quando eu tenho essa prática eu sinto falta dessa pesquisa dessa área não só das Danças Urbanas, mas da dança em geral.

FIM DA ENTREVISTA

Anexo E - Transcrição de entrevista realizada durante pesquisa de campo.

Transcrição Sujeito 5

Pesquisador: Qual sua experiência e formação em Dança? Você tem professor/es referenciais na sua formação? Quem e porque?

Sujeito 5: Em primeiro lugar a minha experiência é a minha vivência néh! Eu vivo praticamente 24 horas por dia as Danças Urbanas. Só que eu comecei lá em 2001, néh! Eu Fazia parte do Grêmio estudantil, do colégio Navegantes, e a gente fazia algumas atividades. Aí! A gente resolveu criar um grupo de Dança, só que na época, néh! Eu até fazia umas passinhos de Dança com uma turma lá, a Dança do "É o TCHAN!" e tudo mais, mas a gente tava fazendo um cover, e a gente queria algo diferente... Que a galera olhasse e dissesse: Não! Aquilo é diferente, não tão copiando ninguém mais, não tão sendo cover de ninguém. Aí eu tive a ideia de chamar um amigo, que era o Uanderson, o Vovô e tal. Por que eu sabia que ele dançava. Não até falei para os outros que faziam parte do grêmio, o Talo, o Carlos e o Márcio, e falei pra ele: Não! Eu tenho um amigo de infância e tal, ele dança. Na época pra mim tudo era Hip Hop... ele dança Hip Hop, entendeu? Dança Rap, melhor dizendo a gente dizia que dançava Rap e tudo mais. Até por que era uma época que eu não tinha informação do que era o que... entendeu? Já tinha até feito uns passos, mas é que quando tu vai pra festa, tu imita o que todo mundo tá fazendo na festa, entendeu? Só que tu não tem nem noção do que é, só sabe que é um passinho, como a gente falava de rap. Entendesse? e Tal.

Daí eu tive contato com o Uanderson, falei com ele, por nós ser amigos de infância, morar próximo. Na época, era duas quadras de distancia que a gente morava. E ele também foi uma das primeiras pessoas que me levou numa festa de hip hop, com 12 anos, me levou numa festa chamada B52, primeira vez que eu fui numa festa de hip hop, e o que aconteceu, foi a primeira vez que eu tive esse contato com ele. Falei pra ele: Olha eu queria criar algo de diferente e tudo mais néh! Fazer uma seleção lá com as gurias; conversei com ele, só que aí pra pegar o pessoal, a gente tinha que partir pra o princípio da moda, na época as Rouge eram moda... E aí! eu o Márcio e o Carlos, conversamos em fazer um grupinho das Rouge néh! E aí! A gente fez, colocou lá no colégio, que iria um professor escolher as pessoas que queriam fazer parte, as meninas. Que eram só meninas, e eu lembro que o vovô foi lá e escolheu, as meninas treinaram e se dedicaram, e como tudo era festa pra nós... Ele escolheu pela dança, e nós falamos pra ele que era pelo padrão de beleza, a gente não! queria pelo padrão de beleza que a gente achava que era. O que era bonito pra nós, e não para os outros, entendesse? e aí o que acontece? O vovo acabou, ensinando esses passozinhos das Rouge, e foi um sucesso no colégio, a audição, acho que tinha mais de 100 meninas, na época...

Aí foi um sucesso e a gente falou pra ele montar uma coisa diferente e tal, e aí ele pegou na época uma música da Britney Spears, por que era as meninas, e montou um trabalho diferente. E nisso, começou o meu envolvimento com a Dança. Ele

montou uma coreografia de Hip Hop encima da música da Britney e... só que ele não tinha tempo, e ele disse pra mim: Não! tipo assim! Eu não tenho tempo pra treinar elas, não tenho tempo pra fazer isso, então eu vou ti ensinar e tu treina elas e tudo mais, e como tu vai fazer pra elas poder dançar. E daí ele me explicou e tudo mais, deixou praticamente tudo prontinho, só tive o trabalho de contar e mandar elas, esticarem os braços e tudo mais, mais esse trabalho. Nisso a gente começou a ter um envolvimento maior, por que eu morava duas quadras da casa dele, e qualquer coisa o nosso contato era na rua: E aí! como que tava o ensaio das gurias? eu: Ah! tava massa e tal.. Só que era um grupo, onde a gente mais se divertia do que dançava propriamente, por que não tinha aquela coisa de técnica, nada disso, era só brincadeira, todo o tempo no ensaio era frege, frege, frege! néh!

Até que chegou uma momento, que eu to no centro, e no calçadão e eu encontro o vovô, e ele perguntou: Como é que tá a Dança? E eu peguei e falei pra ele: Não, tá legal! tá indo!

Daí ele me fez um convite, olha tu não quer ir lá ver a Dança na Academia Adágio? Eu do aula lá, e eu também nem sabia que ele dançava em academia, eu conhecia ele por dançar, como se diz na vila, O rap!

E aí! ele me levou lá, chegando lá, o pessoal tava ensaiando uma quadrilha de São João. A Dona da Academia, a Juliana, estava uma quadrilha ensaiando e ele, os dois fazendo e ele ajudando e tudo mais. Daí faltava um par pra uma menina, e eu me lembro que ele falou: Olha aí negão, tá na hora de tu aí ó Dançar! E na hora, meio que eu tremi a perna, achava aquilo ali muito difícil em outro mundo. Daí a Juliana também, insistiu, e eu não não quis. Disso aí, eu pensei, bhá eu poderia aprender a dançar. Até por que tinha as meninas e tal, por que eu fui pra academia adágio por que lá tem muitas meninas. As meninas são bonitas e tudo mais, e aí eu já ó, vou lá pra academia. E aí nisso ele, pegou e me disse ó, eu dou aula tal e tal dia aqui, só que de Dança de Rua, na época ele falou, Street Dance, ele falou. E aí o que acontece? Eu peguei, e pensei... não eu fazer aí essa aulas pra depois aprender a dançar com as gurias. Tem um monte de guria aqui na academia. E nisso eu fui já tive o meu primeiro contato, numa dança, e aí fui indo, e gostei!m E aí comecei a conhecer outras pessoas que também começaram. Algumas que estavam lá, o Carlos, o Lasier, o Jorginho, daqui a pouco veio o Diego Rondan, e agente começou a ter esse contato com a dança e tal, não sei se os gurus já tinham, mas o contato que eu tive com eles foi naquele momento, e a gente começou a aprender os passos das Danças Urbanas. Só que como tinha toda a função da Dança aqui no colégio, eu cheguei na diretora, a dança e tudo mais, e como nós era do grêmio estudantil do colégio, organizado e fazia as atividades e ela também fazia a muito mais tempo que nós as atividades, disse “não, vamo se unir.” E nisso de se unir com ela eu cheguei no vovô e disse – eu posso ensinar pra galera o que eu aprendo lá? – ele disse, se tu aprender dois passos tu ensina dois passos, nada além disse, eu vou te explicando sobre história, aí eu fui. O que eu aprendia com ele na adágio eu ensinava no projeto.

E assim foi indo, depois eu tive contato com alguns percussores da dança, Link, Buddah, P. Lock, Gution, e assim vai, são vários, fora os brasileiros. Mas o ponta pé inicial foi o vovô.

Pesquisador: Quanto tempo pratica Danças Urbanas? Qual sua trajetória no gênero e nos sub-gêneros?

Sujeito 5: Eu comecei assim em 2000, a primeira dança que eu tinha pra mim era o break que eu nem conhecia, que era aquela coisa, a galera pulando saltando, fazendo foot work, top rock, mas eu não sabia o nome de passo nenhum né! Até o vovo era um dos que olhavam. Ele o Solismar também que dançamos juntos lá na Adágio, eram os que olhavam e Bhá! isso é show! Nhé! Então...tipo, tinha eles como referencia. E o meu primeiro contato, foi com o hip hop que foi onde eu comecei a aprender nome de passos, comecei a aprender tudo sobre o estilo...é,é! Logo mais eu aprendi sobre o popping, foi um contato que eu tive foi no internacional de Hip Hop. Não, Não! Foi no Dança Ribeirão se eu não me engano. Agora não me recordo o festival, eu tive um contato com o Frank Ejara, eaí era sobre o popping, sobre a contração, ele passou tudo, explicou a história e tudo mais, e eu no momento ali, não só eu como todos os meus colegas, e o vovô nhe! que já conhecia, que já tinha experiência, o resto tava só tentando. E eu me lembro que a gente voltou, e a gente queria aprender isso, e o vovô pegou e deu sequencia pra fazer assim, assado, por que tinha que ser mais devagar, não adiantava Hip Hop num dia, e no outro, outro, e outro, que a gente não iria entender nada, então ele começou com o Hip Hop e sempre com o Hip Hop, e quando ele tinha esses contatos ele partia também pra esses lados. Aí passou um tempo também, eu tive contato com o Frank Ejara também, sobre o Locking, e tinha alguém no grupo que ja era interessado também que era o Gugu, em Locking. E aí através dele, tive mais informação ainda sobre o Locking. Só que o Hip Hop é algo que eu gosto, que eu sempre gostei. e a galera que ia entrando, era sempre o Hip Hop, era aquela coisa, tinha um ou dois que iam pra os outros estilos. O Locking, eu fui ter uma paixão mesmo, mais no Trem do Sul, quando eu já estava no Trem do Sul, em 2006. Até dançava Locking, mas não com a intenção de ser um dançarino de Locking. A partir de 2006, foi que eu comecei a ter contato com o Locking. Só que o trem do sul começou como um grupo de hip hop, que começou com hip hop e daí, daqui a pouco a gente botava um pedacinho de Locking, daqui a pouco, nós estávamos, nossa o Locking é legal, as músicas... começamos a conhecer as músicas, entender sobre o estilo mesmo. Por que até então antes de 2006, eu sabia que criou, e o nome dos passos e deu, mas daí eu fui conhecer a história, como era, e aí foi que me despertou né! A paixão por dançar esse estilo. O Popping, na realidade assim, é muito influencia do pessoal do meu bairro, o pessoal gosta ,muito de dançar popping, então isso já vem... por mais que fui sabendo a história, tudo sobre os passos, amis adiante isso já vem do meu bairro, o breaking também, entendeu? Então tipo, são coisas que eu fui aprendendo com outras pessoas as informações, mas as danças os passos, sem nome, sem

história, sem nada. Eu já ia aprendendo com o vovô, e com outras pessoas que também eram referencia no meu bairro. Por que tinham umas pessoas que dançavam na época que era difícil, como não tinha fita cacete, o que eles tinham eram os passos, hoje tu vai na internet, tu bota ali e vem tudo, mesmo assim, eu acho que tem que procurar os precursores, as pessoas que tem a informação à fundo, pois mesmo assim a internet tem algumas informações distorcidas. Mas através deles que eu conheci os passos, eu até tenho, meus primos como referencia, pois alguns passozinhos de Danças Urbanas, mais do hip hop... o que acontece, eles faziam esses passozinhos, então eu imitava, fazia e tal. Eles também eram amigos do vovô, do Zuca, então tudo isso, era nossa dança. Ah eu era novinho, tinha lá 12 ou 13 anos. Então o que acontece nessa época eu ficava fazendo os passozinhos. Nessa época a gente aprendia assim, imita e faz, história e tudo mais era mais complicado.

Pesquisador: Há quanto tempo ministra aulas de danças urbanas? E Como foi seu percurso até se tornar professor de dança nesse gênero?

Sujeito 5: Olha eu comecei em 2002, eu fui aprender em 2000, e aí eu comecei em 2002, que aí foi todo aquele processo, de eu aprender na academia, e aí levar pra o projeto na escola. Por que aí a diretora, sentou com a gente e falou, olha eu quero criar um projeto, alguns não quiseram, ó meu esquema aqui é só o grêmio eu quero só me divertir, dança não é comigo e tal. Só que eu já tava envolvido, lá na academia. Daí eu comecei a me afastar do grêmio em si, não a me afastar dos meus colegas, mas sim do grêmio. E aí em 2002, foi que eu comecei. Mas era aquela coisa, pois eu queria dançar com alguém, com alguém do meu bairro. Eu gostava de dançar com o pessoal da academia, mas eu queria dançar com alguém do meu bairro, por que eu vivia, só ia pra academia, o resto do dia, era o bairro, eu estudava no colégio do bairro e vivia a vida do bairro. Então eu queria dançar com os meus colegas do bairro, por isso que eu levava os passinhos, nem com a intenção de ensinar eles, ser o professor, mas pra dançar com ele, só que aí vira projeto, coisa séria, daqui a pouco tu tem que parar pra estudar sobre aquilo, vai né!, daí aquela brincadeira vai ficando séria pra ti, pros outros não. Pros outros ainda é a diversão.

Pesquisador: Como descreve a estrutura da sua aula? Em quais partes e/ou momentos a aula está organizada?

Sujeito 5: Olha começa com um alongamento né! Depois um aquecimento, o aquecimento por si só já é a dança, por que automaticamente tu já está aquecendo o corpo, e aí depois a gente vai pra aula. Na realidade eles aprendem sempre os passos básicos, e aí tem aquela parte assim ó, dos passos básicos geralmente a gente faz uma coreografia, por quê? Se tu for passar passos básicos e depois tu for montar uma coreografia, as vezes tu vai trancar a cabeça de quem tá aprendendo, por que aí é muito coisa. Então eu passo os passos básicos. Tipo! Eu passo o Locking, com a repetição do Locking, até eles conhecerem... ahh, esse é o Locking, daí eu passo o Locking um vez, e passo pro Point, e aí eu fico repetindo o point, esse é o Point, 1...2...1...2, 3,4,5,6,7,8, e aí o que acontece?, aí depois eu junto o

point com o locking, entendeu? E aí no final eu tento explicar pra eles, que eles podem formar esses passos da maneira que eles quiserem, e depois botar algo deles, algo criativo deles, encima daquela dança entendeu? Que também a função do balanço, como é que funciona, né!? E assim vai...

Pesquisador: Você adota algum subgênero como prioritário? Se sim, qual e porque?

Sujeito 5: É o Locking né!? Por que é a característica do grupo. O grupo em si, se tornou. Quando o Trem do Sul iniciou, foi com o hip hop, mas a gente vinha da fase dos Piratas de Rua, que eu não cheguei a mencionar, mas a gente vinha da fase do piratas de rua, mas eu falei menos do Piratas de Rua, mas é que quando eu falo em Vovo, eu automaticamente falo em piratas, então o que acontece!? A gente vinha da fase do piratas de rua onde o Hip Hop que coordenava. Só que o Trem do Sul começou com o Hip Hop, mas em algum momento, a gente viu que a gente necessitava de uma identidade, e aí a identidade foi aquilo que a gente mais curti que era o Locking. Então a principal identidade do Trem do Sul é o Locking, só que a gente não faz as pessoas entrarem pro Trem do Sul e virarem Lockers. Não! A gente simplesmente mostra os estilos e deixa as pessoas opinarem, por qual quer. Mesmo assim ela pode fazer parte do grupo de Locking, por que a gente tem um grupo separado que é só pra dançar Locking. E aí a gente fala, olha tu pode não virar um Locker, mas tu podes dançar uma coreografia de Locking com nós. E aí na hora do improviso tu vai dançar o teu estilo, ou se tu quiser dançar Locking. Mas o estilo principal que nos levou até os EUA, e ir pra França foi o Locking, que fez o Trem do Sul ser conhecido, por que até então no início, nós dançava Hip Hop e as pessoas... Ah Vocês são os Piratas, confundiam. Por quê? O estilo, já vem, já era referencia como Hip Hop a referencia era o Piratas, até hoje a referencia é o Piratas, então a nossa referencia na cidade, a gente se tornou um grupo de nome, graças ao Locking. Que aí já é outro estilo. As pessoas as vezes até mexem comigo, ah! Vocês são melhor que os piratas. E aí! Eu falo assim: não a gente é melhor no Locking, eles são melhor no Hip Hop, por que eles dançam Hip Hop e nós dançamos Locking. E é melhor dizer, um estilo ,mais qualificado do grupo, a identidade.

Pesquisador: Como você chegou ao formato da aula de Danças Urbanas que ministra hoje? Quais suas influências e/ou exemplos?

Sujeito 5: É... Eu tive que... Primeiro foi o vovô né! E na realidade assim ó! Alguns foram pra virar grandes dançarinos, grandes bailarinos e tal! Eu já fui por outro lado, eu já fui sempre pensando em passar aquilo pra o pessoal do Navegantes. Só que aí, chegou uma hora que, não só eu vi como o vovô também viu, ó! O teu caminho é esse. Tu vai ser professor, por que tu já tens já tá pegando uma didática, já tá pegando o jeito. Então tipo! Ele foi a principal referência. E nas academias também, eu olhava... Aí o vovô notou que eu tinha futuro naquilo. Não que eu tava preparado, que eu tinha futuro que e poderia chegar a algum lugar entendesse? Mas aí já chegar já é uma questão, lá na frente que a gente poderia saber. O meu trabalho hoje por si, vai falar se eu Nhé! E tal!

E na academia eu assistia às aulas de Jazz, eu pegava os vídeos da academia, levava pra casa e ficava olhando as formações, às vezes de outros grupos, do festival de Joinville né! E de outros festivais. Aí! Eu ficava olhando, pra perceber o que era aquilo, aí eu perguntava muito, perguntava muito pra Juliana do Adágio. Perguntava pra o vovô, ah! O que é aquilo? Nem sabia o que era formação, nem sabia como se chamava. Ah! Por que eles ficam fazendo, e virando em fila numa diagonal. Aí ela falava: Ah! Justamente isso é uma diagonal, e aí! Falou das figuras pra mim e foi falando, e tal! E eu também fui estudando os outros grupos, vendo com outros coreógrafos, o Eliseu Correa, foi um que eu estudei muito, pois eu via ele ganhando os campeonatos e levando muito elogios, e aí! Eu ficava assim ó: O que esse cara faz? E comecei a estudar ele. Teve o Otavio Nassur, que trabalhava muito isso e falava muito. Sempre que eu tava em algum evento ele falava sobre isso. E aí! Eu sempre gravava, e eu vinha em casa. E eu tinha um caderninho, que hoje eu nem tenho mais, que eu pegava e anotava. Anotava tudo ah! Fulano falou isso, ciclano falou aquilo, tá ligado? E guardava tudo pra mim. As críticas dos jurados eu tenho até hoje. Nem tudo dá pra guardar né? Que às vezes é humidade, nós moramos numa cidade húmida, as coisas estragam e tudo mais. Mas eu tenho um monte coisa guardada, que eu anotava que eu riscava ainda hoje eu ainda olho alguma crítica, alguma coisa pra eu lembrar. Ou qualquer coisa que eu cometi de erro ali que eles botavam, eu né? E tal!

Pesquisador: Você prepara e/ou planeja suas aulas? Como? Faz uso de que recursos de apoio? Quais?

Sujeito 5: Na realidade, eu acredito que todo mundo prepara uma aula, não tem como tu chegar e... vou fazer isso! Quando tu fala vou fazer isso, tu já vai preparar né? Então, tipo! É a mesma coisa. Eu chego, no momento né? E tudo depende, por que eu tenho muita coisa, não é só eu ser o professor. Eu tenho, eu coordeno um grupo. Eu quero dançar, então tipo... Me consome um tempo... Então não tempo pra... Eu tenho que jogar com as coisas né? Às vezes eu chego na aula, e to fazendo o alongamento, e to pensando já como eu vou fazer a aula e tal! Às vezes eu já fiz uma aula, então tipo, eu tiro uma base daquela, da outra, junto as maneiras e tal, as vezes penso na hora. É uma coisa meio doida, entendesse?

Pesquisador: Como você descreveria a sua metodologia de ensino para a docência em Danças Urbanas?

Sujeito 5: Na realidade, eu não vou mentir, eu não uso isso. Nhé? O que eu tento fazer é levar eles nos festivais, pra ver, pra eles verem ao vivo. É escutarem as pessoas. Como eu fiz, eu tento fazer. Às vezes o pessoal fala, por que levar em festival? Competição. Mas eu levo justamente, pra eles verem ao vivo. Hoje em dia tem internet, então o pessoal bota na internet, e fica sentado em casa vendo, e depois vai pra academia, ou pra o seu espaço e tudo mais. Eu não. Eu sempre tentei levar o pessoal ver ao vivo. Pra ter o mesmo contato que eu tive. Por que na realidade, isso é ter uma aula de Danças Urbanas, é tu ter o contato, é tu viver aquilo, não tu sentar, e ler o que diz na internet, é tu escutar... vou dar um exemplo:

Uma pessoa que eu tive o contato o Dom Campbell, tu escutava o Dom Campbell, ele dizia que ele foi o criador, que foi em tal época, que o nome do passo é tal, que tem os amigos dele, que levaram ele também pra aprender a dançar, que ele teve um amigo, que levou ele pra festa pra aprender a dançar... e tu, e ele falando tudo isso. É a mesma coisa, eu quero que eles tenham o mesmo contato que eu. Eu não quero que eles fiquem presos a mim. E eu leve lá uma historinha pra eles da dança, com folhinha imprimida, então eu passe um videozinho, pra eles. Como se eu fosse lá, o Paulinho que tá. Eu levo eles, pra eles terem o contato direto. Até por que eu também to sempre aprendendo. Então, o que acontece? Juntos nós vamos aprender. Então eu tento levar eles pra festivais, Amostras, tudo o que tiver das Danças Urbanas eu tento levar o pessoal.

Pesquisador: Durante as aulas, você acredita que consegue comunicar plenamente o que deseja aos alunos? Necessita utilizar mais de uma estratégia para comunicar o que gostaria? Se sim, explique:

Sujeito 5: Olha né! EU prego, o mesmo que os percussores pregam. O principal de tudo é tu dançar. Tem que dançar, não adianta tu pegar e, pegar lá a historinha na internet, ou alguém ti contar uma historinha e tu ir contando pras pessoas. Tem que unir as coisas, tu tem que... Se não tu vai ser professor de história. Por que aí tu vai contar história. Então tu tem que unir as duas coisas, a dança com a história. Então a minha ideia é sempre essa, tentar passar só o máximo que eu puder, e tentar levar eles pra buscar também o máximo e muito aquela coisa assim, eu ensino passos pra eles, não pra mim, até acho que por isso o Trem do Sul, meio que tem essa coisa do individual, pelo fato de ter muito essa coisa de tipo... pow! Aprendi a Dançar. Vai pra festa, vai dançar, não tem como. Por que eu vou aprender pra dançar na festa, e aí! A coreografia já é uma outra forma e tudo mais. Mas não adianta tu ter a coreografia e ficar sem o balanço, sem o feeling da dança, sem o feeling da dança, entendesse? Por que toda a dança tem o seu feeling.

Pesquisador: Na sua percepção, é recorrente os alunos saírem com dúvidas das aulas? Se sim, de que tipo?

Sujeito 5: Olha, eu acredito que sim, eu vejo pela, e pessoa de nome na dança, jurados, percussores, já falaram dos dançarinos, não justamente da minha pessoa, e acho que o que eu tinha que fazer eu fiz. Que eu nunca botei a minha pessoa pra ser aquilo, e até por que eu sempre quis dançar. Só que tipo, eu já estou numa certa idade, não que me impeça de dançar. Mas tipo, a gurizada na aula tem mais oportunidade, daí eu sempre vejo alguns comentários dos jurados: Ah! Que é dançarino, que ele tem o feeling, aquele teu dançarino, olha o futuro dele, às vezes convites que eles recebem, e tudo mais pra dançar, então é dessa maneira que eu vejo eles se destacando também em festivais e mostras, e no meio das Danças Urbanas, e até assim ó! Dançando Danças Urbanas, eles se destacam em meio de outros estilos de dança. E eu vejo que isso funciona, entendeu? Eu vejo que dessa maneira, é que o meu trabalha tá né? Eu acho que quem pode dizer sobre o trabalho da gente são as pessoas. Nunca a gente mesmo, se eu disser que o meu trabalho é o melhor, eu não sei, é a minha visão só. Eu posso ter essa visão, mas é

só a minha. Mas quando tu tem uma visão de um conjunto de pessoas, aí tu: Pow! As pessoas estão dizendo, e acho que é isso que faz o trabalho, é o conjunto de pessoas falando de onde a gente chegou aonde a gente tá indo. Pow! Vocês tão evoluindo, vocês tão chegando lá.

Pesquisador: Quais as maiores dificuldades que você percebe nos alunos quanto ao aprendizado de Danças Urbanas?

Sujeito 5: Na realidade assim ó, eu não vejo eles saírem com dúvidas, por que eles aprendem aquela parte, e aí... Eu acho que eles saem com curiosidade, de saber mais. Não com dúvida entendeu? Sempre tem curiosidade de saber mais, e aí no meio dessa curiosidade, se eles tiverem dúvida de alguma coisa eles vão chegar lá. Por que na realidade, eles não podem ficar refém a minha pessoa, eles não podem ser uns robôs. Não podem ficar refém, só ao que eu estudei. Então eu sempre incentivo eles á estudar mais. Como o Locking, eu ensino os passos básicos, eu não ensino nada mais que os passos básicos. A criatividade, eu tento fazer com que eles explorem a deles. Por que se eu for ensinar a minha criatividade pra eles, eles vão dançar os passos básicos do Locking, e vão ser o Paulinho. Fazendo a criatividade do Paulinho. Aí é aquela coisa, como eu disse, um aluno pode chegar lá e se destacar mis do que eu dançando naquele festival, naquele momento. Justamente por que ele está sendo ele, e não por que eles estão sendo o Paulinho. Então é dessa maneira, eu faço eles explorarem mais.

Dúvida é normal, todo mundo tem, mas eu acredito que nunca vi alguém se questionando... Bhá será que isso, ah não sei se é assim. Se tá com dúvida, vai procurar, vai ti informar, não fica só preso a uma pessoa.

Pesquisador: Você atua para minimizar ou sanar essas dificuldades? Como?

Sujeito 5: A galera de projeto social, e tudo mais, e a galera de academia também, acho que de classes sociais diferentes, ultimamente a galera ser da periferia, eu não vejo eles com dificuldade, por que eles vem, parece que já dançando. Eles pegam os passos e parece que já estão dançando. Acho que a dificuldade maior pra eles, é de tu querer explorar aquela dança, através do mundo e tu não ter uma condição financeira. Acho que isso atrapalha muito no desenvolvimento deles. Por que aí entra aquela coisa psicológica, é eu não vou conseguir ir, eu não vou ter o dinheiro. Aí já desmotiva, já não pega o passo com tanta vontade. Eu acho que em relação a pegar o passo, assim... até o pessoal assim numa classe média alta. É só alegria, pega o passo, pega história, pega tudo brincando. Só que as dificuldades do dia a dia, só um trabalhador, um estudante de universidade sofre, é a mesma dificuldade, que eles tem, muitas vezes no aprendizado, não é muitas vezes a questão de aprender, é a questão das coisas que acontecem durante a sua vida, entendeu?

Pesquisador: Você costuma pesquisar vídeos e músicas sobre Danças Urbanas? Se sim, Onde, como e com que frequência?

Sujeito 5: Na realidade eu não pesquiso, ou pesquiso, não com a intenção de aprender naquele vídeo, eu só olho as pessoas dançando. Eu olho Pow! Olha lá! Vou dar um exemplo eu vi o P. Locking entendeu? Dançando Locking, nuns DVDs,

que eu consegui que do evento Just Debout do festival distribui, em Paris na França. Então... É aquela coisa, eu queria ter o contato com o P. Locking e também eu queria ir naquele festival, por que eu via que aquele festival era mágico, que tinha muita gente sabendo muita coisa, que eu poderia aprender muita coisa, entendeu? Então eu não descansei, eu tentei a todo o custo ir. E aí, o que aconteceu, eu tive o contato com o P. Locking, então tudo o que eu vi dele ali no vídeo, aquilo mágico, eu tive o contato com ele. E aí lá, eu perguntei pra ele, mas eu não tirei as minhas conclusões por um vídeo. Eu só apreciava ele dançando, como um espectador, que olha a pessoa dançando. Sem saber técnica, sem saber nada, só olha dançando, eu só olho dessa maneira os vídeos. Entendeu? Na realidade eu pesquiso muito os vídeos, pra saber qual é o festival do momento, qual é o grupo que tá no momento, até pra ter uma noção, ó! Aquele grupo tá em inserção no momento. Ó! Aquele professor tá se destacando. Como algumas pessoas devem pesquisar, ó! O Trem do Sul evoluiu o grupo deles, ah que legal. Naquele festival eles tiraram primeiro, naquele festival eles não ganharam. Dessa maneira, como qualquer pessoa pesquisa um vídeo, mas não na intenção de copiar, de plagiar, ou de fazer uma aula tutorial, por que eu gosto mesmo de fazer a aula pessoalmente.

Pesquisador: Você costuma pesquisar livros, artigos e fontes teóricas sobre Danças Urbanas? Se sim, Onde, como e com que frequência?

Sujeito 5: Eu não pesquiso livro, eu não pesquiso artigo, eu só pesquiso a história. Ah! O fulano lançou um livro, que ele escutou do criador, tal coisa. Por que eu não tenho o hábito de ler, nem é por... Eu não tenho hábito de ler livro... Então eu não pesquiso. Nunca li um livro sobre Danças Urbanas. Simplesmente eu fiz a mesma coisa que ele, fui lá no percursor. Eu fui lá no Dom Campbell, eu fui no Bogaloo Sam, eu fui no Link, eu fui no Buddah, entendeu? E tirei minhas dúvidas, pra isso né? Eu tive alunos que falavam inglês e a gente gravava e aí aquela coisa, um a pessoa pode ter um jeito de entender, em outra língua, na dúvida eu procurava outras pessoas, que falavam inglês, pra tudo se somar, ao que ele estava falando e eu entender. Não é meu costume ler livro, eu gosto de ler gibi, se tivesse um de Danças Urbanas ali, eu leria fácil.

Pesquisador: Você participa de cursos, workshops, master classes e outros eventos de Danças Urbanas visando sua formação como professor? Se sim, explique:

Sujeito 5: Eu participo, por que eu acho que a gente tá sempre aprendendo, justamente pra eu ter algo sempre a mais pra acrescentar aos alunos, eu participo. De workshop, palestra, tudo que tiver eu participo. Por que pra mim é uma diversão, é uma curtidão. Dançar, conversar, é uma troca de ideias. Às vezes assim, no meio de uma roda de dança acontece isso. Não preciosa exatamente ir pra um local, onde vai ter um telão, vai ter umas cadeiras, o cara vai passar um vídeo. Não, automaticamente na roda, tu tá dançando e tem um que dança do teu lado, que tá conversando sobre um estilo, sobre... e daqui a pouco ele fala sobre o passo que o

cara da roda fez. Então, da tua maneira tu vai tendo, tu vai evoluindo e tendo mais conhecimento. Daqui a pouco tu fala, ah! Mas eu não tenho certeza, mas quem sabe mesmo é o fulano. Aí tu vai procurar o fulano. Daí numa roda tu vai conversar com ele, até tu chegar em alguém que é o ponto de referencia. Foi assim que eu cheguei no Dom Campbell, as pessoas... Não! O Dom Campbell, é um ponto de referencia, aí eu fui nele.

Pesquisador: Na sua opinião, quais aspectos são considerados essenciais para uma atuação qualificada como um Professor de Danças Urbanas?

Sujeito 5: Acho que o principal de tudo é tu estar sempre estudando, tu tem que ter, no mínimo tu tem que saber dois passos, pra tu ensinar dois passos e aí tu vai ti informar e estudar pra saber mais dois. Entendeu? Tu vai ensinar o que tu sabe, não que nem eu falei, não adianta tu ver um vídeo, de estilo e vou ensinar esse estilo por que tu viu um vídeo. Sendo que tu não sabe nada. Então tu tem que ir pegando a informação, vai aprendendo com uma pessoa, e outra e outra. E assim tu vai ti atualizando, e assim tu vai. Eu também a tua aula, se atualizando e tal. É claro que numa aula tem todo aquele aspecto né? Do preparo físico, do aquecimento, do alongamento e outras coisas básicas, até nessa parte de alongamento e aquecimento, muitas vezes eu procuro, eu vejo na tv, pessoas que trabalham com o físico, professores de educação física falando. Por que eu costumo ver muitas coisas. Mas, aquela coisa assim ó! Eu não sou médico, e eles também não são. Então acredito, que até um professor de educação física, que conhece tudo sobre Danças Urbanas, sobre a aula, tivesse dano aula ali, não tem como prever se acontece um acidente. Ele tenta fazer com que não aconteça, pois ele sabe os movimentos que podem forçar, mas se tu for ver as Danças Urbanas, é uma coisa que vem de festa, como é que tu fazia na festa? Tu dizia pro pessoal, vai um professor de Educação física e vai dizer pra o dançarino que tá no meio da festa: Ó! Tu não pode fazer esse movimento, por que tu não alongou, tu não aqueceu. Como é que tu faz na festa, fica o pessoal no meio alongado, vamos lá pessoal, vamos aquecer. Por que sinceridade, tudo o que os grupo fazem hoje tudo o que os professores passam pra os alunos, o pessoal já fazia a muitos anos atrás, só que sem ter esse professor. É aquela coisa assim, encosta do lado e vai aprendendo. Ah! Vai imitando, tem a troca de conversa.

Pesquisador: Existe algum outro aspecto que considera importante destacar sobre o Ensino de Danças Urbanas hoje? Se sim, qual?

Sujeito 5: Eu acho que é importante, em alguns lugares, eu vejo assim o pessoal, eu quero ser professor de Danças Urbanas. É como eu disse, tu pode começar com dois passinhos e começar com dois passinhos, só que no outro dia tu vai ti atualizar, e no outro dia mais ainda. Só que o problema todo, é que o pessoal faz um workshop né, e vira professor de Danças Urbanas, e não se atualiza mais, é simplesmente aquele workshop. Aí eu vou numa escola, muitas vezes, eu que trabalho com projeto, vejo muito isso. Vou na escola muitas vezes, e por eu ter passado, por uma aula de Jazz, uma aula de Street Dance, eu sou professor de tudo isso. E aí o que acontece, eu não me atualizo, não faço nada. Simplesmente eu vou

lá, do aula fazendo uns videozinhos e ensino os passos. E aí, eu viro professor. Eu acho que não. Eu acho que tu tem que pegar, se tu resolve ser professor de Danças Urbanas, tu tem que estar em tudo que é evento, em tudo que tiver ligado às Danças Urbanas, tu vai ter que estar. Aqui na cidade, acontece muito isso, tem os eventos de Danças Urbanas e aí tipo, tu olha e os eventos estão vazios, tu vai ver tem 100 professores. Vou dar um exemplo: tem 100 professores na cidade, daí tu chega no evento tem 10 fazendo aula. Peraí? Será que o pessoal tá se atualizando, ou tá sentado na cadeira, no face, entendesse? Falando que isso é, e aquilo não é. Se tem um evento tem que ir, eu tento ir a todos, pra mim não é só caso de necessidade, entendesse, vou ter correr atras de outra coisa, daí eu vou ter que deixar aquilo pra fazer outra coisa, mas eu tento ir a todos, pra participar de tudo que é evento, pra estar sempre me atualizando sempre me informando. Só que o pessoal geralmente, é aquela coisa... Não gaste o seu dinheiro. É que nem isso, pra ti formar um profissional de alguma área, tu vai ter que gastar o teu dinheiro, tu vai ter que estudar, tu vai ter que correr atras, e por que com a Dança não é assim? Só com a Dança... principalmente com as Danças Urbanas, o professor de Danças Urbanas, ele tem que dar aula de graça, não é o profissional, por que? Por que é Danças Urbanas. Aí o pessoal caí naquele contexto... ah! Aí é uma dança de festa, por que tu vai dar aula de graça, então eles dizem, é uma dança de festa... aí se tu quer pagar por uma aula, valorizar o meu trabalho e tudo mais, eu to estudando pra isso e tudo mais, aí o pessoal... Não para aí, é uma dança de festa. Mas quando é pra eles, gritarem e falarem, aí não é uma dança de festa mais. Aí é uma dança que tem técnica me metodologias, tem isso e tem aquilo e tal. Mas quando é pra fazer uma aula não. Quando é pra pagar, pra valorizar o profissional, que tá gastando dinheiro, que tá indo estudar, tá indo em outros países, ta indo, Aí não! A apresentação é na rua, vou dar um exemplo: Na rua no navegante, todo mundo já fala: Bhá navegante, ah rua é de areia, manda a Danças Urbanas, então quer dizer, que as Danças Urbanas, servem sempre pra quebrar o galho, e não é valorizado. Eu considero dessa maneira.

FIM DE ENTREVISTA.

Anexo F - Transcrição de entrevista realizada durante pesquisa de campo.

Transcrição Sujeito 6

Pesquisador: Qual sua experiência e formação em dança?

Sujeito 6: Formação em dança eu tive foi na rua, com amigos mesmo, e através de internet em si, pra conseguir aprimorar um pouco mais. É... Experiência e?

Pesquisador: E formação.

Sujeito 6: Formação mesmo eu acho que, nunca fiz aula em nenhuma escola de dança, aprendi com a vida mesmo, eu vim mesmo do funk pra depois chegar nas Danças urbanas, então aprendi mesmo com a vida, com a galera da rua, mesmo. Danças urbanas eu tive mais contato primeiro, inicialmente com galera de danças urbanas gospel, no Rio de Janeiro e depois que eu fui ampliando um pouco mais a visão, acho que seria isso.

Pesquisador: Você tem professores referenciais na sua formação? Quem e porque?

Sujeito 6: Não tive! Eu tive assim, um bailarino, que tinha um próprio grupo no caso, que era desse grupo gospel e antes era um dos grupos mais famosos lá da Baixada Fluminense, lá no Rio de Janeiro, acho que era Tigers Street o nome, e era Daniel o nome dele, acho que foi o que mais realmente tinha domínio e conhecimento mesmo, mas acho que foi só, que eu tive foi só. De professor.

Pesquisador: Quanto tempo pra ti que é danças urbanas, e qual sua trajetória no gênero e nos subgêneros?

Sujeito 6: Que eu pratico desde 2008. Quanto tempo eu to aqui? Não sei. (risos). Depois soma aí (risos)

Pesquisador: Aham!(Risos)

Sujeito 6: Desde 2008 que eu comecei que foi com esse grupo gospel, depois em 2010 quando eu entrei pra fazer Educação Física na Federal do Rio de Janeiro, eu comecei a aprender sozinho com a galera de lá mesmo, tipo, a galera que faz Educação Física então alguns vinham já da dança, de escolas e tal, então eu fui aprendendo e ao mesmo tempo eu já comecei a dar aula, entrei como coreógrafo lá da Companhia e criei meu próprio grupo, que era mais de dança popular junto com danças urbanas, sabe. Era funk, era axé, street, acho que é isso.

Pesquisador: Há quanto tempo ministra aula de danças urbanas? E como foi o percurso até se formar professor de danças nesse gênero?

Sujeito 6: Vai fazer 6 anos e percurso surgiu mesmo quando eu entrei pra fazer Educação Física, que eu tive a oportunidade de coreografar na Companhia e dei aula no Centro de Arte e Cultura da Universidade de lá, aí lá foi onde comecei em 2010 a dar aula e ao mesmo tempo eu criei meu grupo, então fiquei até o final de 2014 dando aula lá e depois eu vim pra cá pra Pelotas e comecei a dar aula na Adágio, de Danças Urbanas.

Pesquisador: Como descreve a estrutura da sua aula? Em quais partes e momentos a aula está organizada?

Sujeito 6: Sim. Então, eu vou falar mais pelo atual que eu tenho mais vivido nas danças urbanas mesmo como professor, que é específico dessa área que eu to dando agora. Eu divido muito de acordo com que a Escola pede. A Escola ela visa um espetáculo e competição, a minha aula tem que ser muito voltada pra isso, então toda a técnica é passada dentro da coreografia, como dá tempo ou na dúvida dos alunos, eu explico a técnica, quando não o que é que eu faço, eu dou a coreografia, falo um pouco e lanço vídeos depois, que a gente tem grupos na internet, lanço lá pra eles aprimorarem a visão, entender um pouco do movimento, mas é muito corrido, não dá pra realmente se aprofundar em si, entendeu, de danças urbanas, também porque a visão da Escola não dá muito tempo pra isso.

Pesquisador: E tu adota algum subgênero como prioritário? Se sim, qual?

Sujeito 6: Não.

Pesquisador: Não?

Pesquisador: Como você chegou ao formato de aula de danças urbanas que ministra hoje? Quais suas influências e/ou exemplos?

Sujeito 6: Minhas influências sempre foi muito pedagógicas, então, eu fiz formação de professores com 14 anos, ai tipo, formação de professores, ai depois fui pra Faculdade de Educação Física licenciatura plena então tipo, sempre teve uma visão tipo, de progressão pedagógica, desde o movimento mais fácil e assim vou aprimorando de acordo com o desenvolvimento dos alunos, sempre foi, muito pedagógico. Nunca foi muito avulso, tipo, movimento pelo movimento, sempre teve em sentido progressivo.

Pesquisador: Você prepara ou planeja suas aulas? Como?

Sujeito 6: Bem, por ter essa ordem pedagógica é muito, tipo assim, eu planejo o que eu vou dar em uma aula, dessa aula eu vejo o que eu vou planejar pra outra, e tipo, as vezes não supri e as vezes até passa, tipo, flui muito mais rápido do que eu pensei, então, acho que é mais ou menos assim. É de aula em aula eu vou planejando, eu não faço um planejamento grande. Então, por ser essa questão coreográfica, tipo, eu crio partes coreográficas dali eu vejo como flui o corpo da galera, os bailarinos, e eu penso no que vai vim na próxima.

Pesquisador: Como você descreveria sua metodologia de ensino para docência em Danças Urbanas?

Sujeito 6: Eu sou muito aberto ao diálogo, não sei se seria essa a resposta mas, é... Atualmente tipo, é o que eu to testando com a galera lá é tentar criar composições coreográficas de movimentos que já venham do próprio corpo deles, Então. Na aula retrasada eu fiz filmagem de improvisações deles, tipo músicas avulsas, eles não sabiam qual era a música que eu botava, e, já conheciam a música, mas não sabiam que eu ia colocar aquela. Aí começavam a fazer movimentos livres e desses movimentos eu analiso e transformo nas técnicas de danças urbanas, então tipo um

movimento que o próprio corpo deles já tem eu pego e transformo nas técnicas que eu quero pra determinado momento na coreografia.

Pesquisador: Durante as aulas, você acredita que consegue comunicar plenamente o que deseja aos alunos? Necessita utilizar mais de uma estratégia pra comunicar o que gostaria? Se sim, explique.

Sujeito 6: Ah cara, tipo, eu sempre faço ligações engraçadas, não sei, tipo, quando eu vejo que tá difícil entender eu sempre ponho um jeito divertido, tanto com as pequenas quanto com os grandes. Sempre falo uma palhaçada, então tipo, a descontração é, dando exemplos bobos as vezes faz com que a galera entenda melhor. Tipo, exemplos do dia a dia. Vamos colocar assim.

Pesquisador: Na sua percepção, é recorrente os alunos saírem com dúvidas das aulas? Se sim, de que tipo?

Sujeito 6: Olha, dá aula em si, eles não saem com dúvida não, eles tem mais dúvida quando que vai ter aula (risos) . Mas acho que não, eles não tem não, que tipo eu sou muito aberto, tenho muito diálogo, até, principalmente com as pequenas que estão na fase, entrando na adolescência então é bem difícil, elas as vezes deixam passar algumas coisas e não falam, mas tipo, eu sinto, eu vejo que tem alguma coisa que tipo, elas estão cochichando então já chego, "tá com problema em algum movimento?" aí elas vão e falam, que as vezes elas, por si, não falam, então tipo, eu tenho que observar bastante pra ver se tá tendo alguma dificuldade, mesmo, tendo muito aluno numa sala pequena, aí fica difícil , mas eu sempre tendo analisar isso. Pra não existir.

Pesquisador: Quais as maiores dificuldades que você percebe nos alunos quanto ao aprendizado de danças urbanas?

Sujeito 6: Ah cara, falando mais pelo atual, é, tá sendo muito difícil porque os meus bailarinos em si, vou falar da turma maior que são das menores, são bailarinas de jazz, então tipo eu to tendo que desconstruir muita coisa que já tá empreguinado nelas, elas dançam desde pequeninhas, jazz... Então tipo, tá sendo uma reconstrução do que elas já tinham. Então tipo, tá sendo difícil, elas nem sempre aceitam, que acham um movimento muito diferente, falam: "Ah, isso é muito estranho" eu falo: "Calma, a gente tem que fazer isso pra vocês conseguirem chegar nesse nível" aí tipo, elas mesmo trazem vídeos as vezes pra eu ver, de outras garotas dançando, da faixa de idade delas, "Ah olha que legal!" eu falo: "É legal chegar aí, mas primeiro você tem que passar por isso, e isso, pra elas tentarem compreender mas eu acho que o mais difícil atualmente tá sendo trabalhar com galera que vem de outro gênero e tá querendo agora aprender as danças urbanas, mais difícil então, porque dá um trabalhinho.

Pesquisador: Como você atua para minimizar ou sanar essas dificuldades?

Sujeito 6: As minhas composições coreográficas principalmente com essas, que são as menores, que já vivem o jazz mesmo, desde pequenas, eu tento, eu to fazendo jazz também, então tipo, eu tento ligar movimentos, tipo assim, eu pego mesmo,

tipo, de giro que elas fazem e desconstruo pra usar nas danças urbanas, de repende eu tiro o pé que não é em ponta, eu falo: “Não vai girar em ponta, vai girar com o pé em flex, gira com a base toda do pé no chão” os movimentos de mãos, tipo, eu pego o mesmo movimento as vezes que elas fazem no jazz e desconstruo porque lá tem toda uma mãozinha que elas tem que ter nas danças urbanas eu começo a quebrar os movimentos, é, acho que seria isso, eu to tentando desconstruir a partir do que elas já tem do jazz.

Pesquisador: Você costuma pesquisar vídeos e músicas sobre danças urbanas? Se sim, onde, como e com que frequência?

Sujeito 6: Olha, foi o mesmo que eu conversei com a Pucca ontem, antes de ontem! É, cara, a gente tem uma precariedade muito grande, eu falei com ela, tipo assim, a gente não encontra um workshop de danças urbanas a torto e direito igual a gente vê das outras áreas, a gente não encontra pessoas que tragam de foram realmente as raízes pra gente conhecer mesmo como é que é, então a gente vai tendo ideias através de vídeos, óbvio, que é o nosso foco principal de pesquisa. É em vídeos de outros países e tal, que a gente consegue absorver algum coisa de diferente que a gente aprende no nosso ciclo aqui no Brasil. Então tipo, eu costumo ver no canal do Youtube mesmo, não costumo ver o mesmo canal porque ao contrário eu gosto de ver os corpos diferentes, eu costumo pesquisar vídeos japoneses, aí procuro algum dos Estados Unidos, procuro algum Europeu, algum tipo, da Ucrânia, lugares diferentes com culturas diferentes pra tentar analisar essas diferenças então acho que a minha pesquisa vai muito disso. Tem, óbvio que grupos, My Way, que tem uns movimentos que eu gosto, da galera das danças urbanas de lá, tem uns outros também mas sempre tento buscar diversos pra não ficar preso ao mesmo coreografo, pra não pegar vícios de um coreografo, eu preciso criar um misto pra mim, então não me baseio em um só.

Pesquisador: Você costuma pesquisar livros, artigos, e fontes teóricas sobre danças urbanas? Se sim, onde, como e com que frequência?

Sujeito 6: Olha, eu to criando uma pasta de artigos, teses de danças urbanas, até mesmo porque o meu tcc também pretendo fazer dentro da área só que puxando outras vertentes de outros gêneros junto, então, tipo, já tenho uma pasta que eu to criando com vários artigos, teses que eu tenho encontrado, do Guaratto, por exemplo, eu tenho a tese dele, a dissertação dele, e várias outras. Então eu sempre, eu vivo muito a área da pesquisa agora aqui no curso de dança, tenho pasta de vários gêneros, tenho de danças modernas, danças urbanas, mas de danças urbanas especifico eu tenho procurado mais porque eu iniciei já uma ideia pro meu tcc e to vendo se vai pra frente, já tenho bastante parte escrita que eu encontrei, não consegui ler tudo ainda, mas ao fundo tipo, falam da mesma coisa tipo, a mesma coisa, encontrei alguns erros, distorções, tipo, um fala uma coisa e outro fala outra e ai a gente já começa a ficar assim, nessa hora que eu sinto falta realmente de workshops, de pessoas que realmente talvez tenham vindo dessa cultura dos Estados Unidos, da cultura hip hop, pra nos falar, nos dar uma certeza realmente do

que é, a galera ainda não consegui traduzir muita coisa pra gente, então tipo, até então to começando a pesquisar tem já um bom acervo em mãos, acho que é isso.

Pesquisador: Você participa de cursos, workshops, bastglasts e outros eventos de danças urbanas visando sua profissão como professor? Se sim, explique.

Sujeito 6: Então, não. Porque não se acha facilmente. Queria, tipo, eu to aqui agora, em Pelotas, ai tem um agora lá em Porto Alegre, nossa veio, pra ir em Porto Alegre ai acabou o dinheiro, no Rio não tive tanta oportunidade porque lá a Faculdade era integral, era manhã, tarde e noite, tinha aulas todos os horários então tipo, não sobrava tempo, então eu fiquei preso na cidade que era a Universidade, não tinha condições de ir, apesar do Rio de Janeiro ter muita workshop, tem muita coisa, fiquei preso por causa da graduação, não tive, eu sinto falta disso, de aprender mais, tanto que eu adoro ser coreografado, tipo assim, preciso dos momentos que eu não sou coreografo, que eu não sou professor, sinto falta disso, em mim.

Pesquisador: Na sua opinião, quais aspectos são considerados essenciais para uma atuação qualificada como um professor de danças urbanas?

Sujeito 6: Atualmente, e desde quando eu fiz a graduação em Educação Física eu vejo que a falta de preparo de quem ta lecionando as danças urbanas, seja na rua, seja em projeto, seja em escolas de dança, é um pouco de conhecimento anatômico, do corpo humano. Porque tipo assim, eu vejo a galera alopando, tipo, é lindo, é maneiro, tu vê lá a galera ultrapassando um limite tipo, não é qualquer pessoa que faz tal movimento mas com anatomicamente a gente vê que ela ta se destruindo sabe, daqui a 7, 8 anos acabou, não vai conseguir fazer mais, principalmente a galera do break lá, que faz varias aloprações, tipo, eu fico olhando aquilo e fico pensando tipo: "Cara" essas pessoas não param pra conhecer o seu corpo, saber seus limite, não é porque você ta conseguindo agora é que você vai ta conseguindo depois, ou você não esta se ferrando pra depois, sabe, a galera não se questiona disso, então acho que falta o que, pra quem ta lecionando danças urbanas, principalmente ter um conhecimento, pelo menos um pouquinho de anatomia, de fisiologia, de biomecânica que o curso aqui no caso dá um pouquinho disso, mas que, vou ser sincero, pelo que experienciei a galera da Educação Física tem um preparo muito maior pra se trabalhar com danças urbanas por conhecer melhor anatomicamente o corpo do que quem faz de repente um curso de dança, somente. Então acho que sei lá, acho que fazer especializações nessa área de anatomia, de biomecânica principalmente, pra quem quer danças urbanas acho que é um bom caminho, pra melhorar os movimentos, melhorar técnica.

Pesquisador: Existe algum outro aspecto que considera importante destacar sobre ensinios de danças urbanas hoje? Se sim, qual?

Sujeito 6: Assim, igual eu tava lendo, teve , eu tava lendo um tcc de um , não sei se era Rafael o nome, não lembro o nome dele, que ele escreveu sobre danças urbanas da rua ao palco, alguma coisa do tipo, e tem também um que eu tava lendo de, da URGs lá, teve uma garota também que escreveu idêntico só que falando

tipo, de Porto Alegre. Eu acho interessante a gente parar pra pensar da diferença das danças urbanas da galera mesmo que vive a cultura do hip hop na rua, tipo, os grupos independentes e da galera da academia, das escolas que tipo, não adianta a gente acaba tendo que seguir uma outra visão porque a escola pede isso sabe, então tipo, quando a gente entra pra área de competição mesmo, competição que eu falo é essas onde se encontram todos os gêneros, nas as específicas de danças urbanas, a gente acaba mudando nossa filosofia, tipo assim, eu conheci a galera de danças urbanas, de street dance, a galera de rua, nossa, é uma visão totalmente diferente quando entrei pra área de academia, de escola dança, tipo, é uma outra visão, é outro fundamento, eu acho que a gente só não perde a essência de família, tipo, eu sempre tratei meu grupo ou a escola por onde eu to passando como família, eu acho que isso é a única coisa que ta restando da cultura mesmo, da galera se unir pra tudo sabe, e ta ali pra conversar independente de dançar você é amigo, acho que isso continua, coisa que você não vê muito nos outros gêneros, que é tudo um querendo engolir o outro, querendo diminuir. Eu acho que aspectos que eu vejo é isso, atualmente, tipo, tem essa contradição ainda e eu acho que vai continuar pra sempre porque não tem como a gente trazer a cultura da rua pro palco sem modificar sabe, as pessoas não iam entender. Eu acho certo, palco é palco, a rua é rua sabe são filosofias diferentes. Então acho que são aspectos que a gente vê e a gente fica dividido, ou a gente fica no meio ou se divide, eu to tentando ficar no meio, mas eu já to vendo que to mais pra palco do que pra rua, atualmente.

FIM DA ENTREVISTA

Anexo G - Transcrição de entrevista realizada durante pesquisa de campo.

Transcrição Sujeito 7

Pesquisador: Qual sua experiência e formação em dança?

Sujeito 7: ...em dança, eu vejo que minha formação em dança foi a partir do ano de 1999, na academia Adágio, quando eu conheci na verdade o Jazz e o Contemporâneo, porque na verdade eu fazia, eu achava que fazia dança de rua do tempo em que eu dizia que era Breakin', só que não era Breakin', e aí, por acaso eu entrei na academia Adágio onde comecei o Jazz e o Contemporâneo, essa foi minha formação. Aí, fiquei um ano fazendo só o jazz e o contemporâneo, depois eu conheci, aí sim, eu conheci o tal do Street Dance dentro da academia, que pra mim era danças urbanas, depois daí sim, depois daí deu continuidade de dois anos com a academia, comecei a fazer parte do Piratas de Rua, que aí, a gente se aprofundou, eu também me aprofundei no Hip Hop e no Freestyle, e comecei a enchergar que dentro das danças urbanas tem vários caminhos, e aí tu escolhe o melhor pra ti, neh? Eu escolhi o Popping, mas também fazia B.Boy, fazia outros estilos, e aí eu fui me aprofundando me aprofundando, e querendo aprender mais, que é o que eu procuro fazer com os meus alunos. "Achem o caminho de vocês, porque não é o mesmo meu caminho". Acho que...não sei se era isso.

Pesquisador: você tem professores referenciais na sua formação? Quem e porque?

Sujeito 7: Eu, considero hoje o Vovô, porque a gente foi amigo, a gente é amigo até hoje, a gente se conheceu, em 1996, então a gente se conheceu nesse ano, a gente começou a andar junto, ele começou a se aprofundar nessa dança de rua, no tempo de andar com ele eu comecei me aprofundar só de ver, me aprofundar me aprofundar também, porque, eu fazia capoeira, aí ele começou a andar comigo e começou a fazer capoeira, depois ele começou o Hip Hop a dança de rua e eu comecei também, então hoje eu vejo que ele é minha referência pelo esforço, pela vontade de aprender, de se aprofundar, de querer assim... Que nos moramos em uma cidade que não tem muito acesso da dança assim, principalmente a dança de rua, então ele sai daqui sozinho assim, saia daqui ia lá, buscava informação, trazia pra gente, e aí claro, ele pra mim serviu como exemplo, que uma vez ate conversei com ele e ele falava assim pra mim:

-bah negão, tu tem um baita potencial e tal, porque tu não te encarnou e tal, e não sei que, -bah negão sempre tive medo e tal, e aí ele falou assim - ... eu tenho só ate a quarta serie, e eu nunca tive medo, porque pra mim era aquilo ali, se eu fosse naquele caminho e desse certo, me dei, se não der certo, me ralei.

Então eu vi que ele arriscou, tentou, e hoje eu vejo que ele é um ícone pra mim e é com quem eu me espelho, e também a gente brinca de ficar competindo... "a tu ta melhor que eu", mas só que um aprende com o outro assim...

Pesquisador: Quanto tempo de prática, quanto tempo pratica danças Urbanas? Qual sua trajetória no gênero e subgênero?

Sujeito 7: uhum, como eu falei no inicio, lá em 85, 86...eu , que nem o ícone pra todo mundo, o Michel Jackson, então a gente tentava imitar o M.J, só que tipo, a vida também me proporcionou coisas boas pra mim encaminhar para o lado da dança né, e por um acaso, ah, a mãe, uma senhora amiga da minha mãe, cuidava de mim e da minha irmã, e o filho dela dançava um monte, ai eu vendo, eu criancinha com 5, 6 anos, eu vendo, ai comecei a também fazer neh?! (risos) continua a pergunta que eu me perdi...

Pesquisador: Quanto tempo pratica dançando?

Sujeito 7: Então assim, resumindo, eu considero, como eu pratico a dança de rua, depois que eu conheci mesmo a dança de rua, eu não considero antes, o antes foi só um complemento, que apareceu para que eu aprendesse de verdade, então eu considero que eu sei dançar dança de rua, a partir de 2003, 2004 por ai. Que ai eu comecei a me aprofundar e aprender ... isso é Poppin', isso é Lockin', B.Boy, eu fazia alguns movimentos e noção sabia o que era.... Isso é slide, isso é não sei o que, então ai sim, quando eu comecei a saber o que eu fui , tava fazendo, ai eu considere que eu sabia, claro, ainda tenho que aprender muito mais... porque a dança de rua a cada ano ta se expandindo ,ta mudando também o jeito assim, sabe? mas que nem eu tava falando com o Luciano, a dança de rua ta mudando, ta evoluindo, eu só considero dança de rua a dança que evolui mas não foge das origens, aquela dança pra mim é a dança de rua, verdadeira.

Acho que até sai fora do contexto...

Pesquisador: Ha quanto tempo ministra aula de Danças Urbanas e como foi seu percurso até se tornar professor de dança desse gênero?

Sujeito 7: Ahh...eu dou aula desde 2005, comecei, dando aula ali, na Igreja, foi engraçado, eu sabia o que era que eu fazia, mas eu não sabia ensinar, mas ai depois de uns 6 meses, 1 ano, eu criei meu próprio método de aula, meu jeito, e ai comecei a dar aula, e até hoje eu dou aula, cursos, tranquilão assim sabe? com meu próprio jeito.

Pesquisador: Não considera, aquela fase dentro do Piratas que tu coreografou, passava uma sequência, tu não considera como aula já?

Sujeito 7: Sim, eu considero, mas só que como foi tão poucas, porque eu sempre fui medroso, pra fazer algo que eu não tinha segurança, eu sabia fazer mas não tinha segurança de passar, então as vezes o vovô dizia : - ah hoje a aula é contigo, ai eu chegava ali e não tinha segurança, pensava que minha aula era assim uma droga, sabe....e por ali fui me cobrando, querendo me afastar, porque não queria ser professor, queria ser um bailarino, então tem aquela divisão...do cara que vai ali entra no palco e brilha e nos ensaios não faz nada, nada na aula mas é um baita coreografo, então eu fiz a escolha de ser um baita bailarino na época, mas claro não era o que era pra mim, ou acho não sei. Então acabou que eu fiquei um pouco de dançar bem razoável e procurei ser bom no ensino, comecei a me encarnar só em ensinar, ensinar, ai criei minha própria técnica. Nada como outras experiências... porque eu era professor de capoeira, jeitos, mesmo jeito que dava aula lá, comecei

estudar, ler um livro... método do ensino, pra como o cara pegar e falar, na frente de público, então fiz uma mistura lá e fiz do meu jeito.

Pesquisador: Como descreve a estrutura da sua aula?

Sujeito 7: Eu começo a minha aula com alongamento, que eu vejo que é, aquecimento e alongamento que é essencial, neh, aí depois eu vou pra base de algum estilo que eu levo pro dia...tipo a base do looking, o nome e aquilo que estou fazendo...aí eu faço aquela sequencia, , levo pra eles, procuro que eles aprendam, não consigo parar enquanto eles não aprendem, depois dali que passei toda aquela sequencia de aula, daquele estilo, aí sim, depois vou para o estilo livre da dança de rua. Aí eu estudo tudo e coreografo uma coreografia, uma sequencia meio grande, mas no inicio eu sempre levo um estilo diferente.

Pesquisador: Você adota algum subgênero como prioritário? Se sim, porque?

Sujeito 7: Eu...gosto do popping, mas eu não ensino popping, então eu uso muito o looking, o hip hop, mas eu não tenho um estilo certo, mesmo porque eu vejo que eu tenho o meu estilo que eu considero como freestyle, hip hop, como tenho conhecimento misturo e monto esse é meu diferencial ate quando eu vou dar um curso, eu chego em um lugar e as pessoas:- ah não vamos fazer qual estilo...aí eu não, eu vou fazer o meu estilo e procuro fazer o que te falei neh, procuro levar a historia do que eu to fazendo, porque eu vejo que hoje em dia as pessoas dançam mas não sabem nada, do que fazem, quem fez, se esta vivo se esta morto, isso não existe neh, então...procuro fazer isso, na verdade...

Pesquisador: Como você chegou ao formato que voce ministra a aula de dança, e quais suas influencias ou exemplos?

Sujeito 7: Minhas influências, eu, claro, a base do Piratas e Rua, que aquilo ali é a base base mesmo, mas eu vejo que cada pessoa tem que correr pro seu lado assim, não adianta eu ser o xerox do piratas de rua, eu tenho a base, o que eu aprendi na academia que eu dançava, aí, ah...tem uma coisa do Jazz que da pra colocar aqui...ah o contemporâneo, da também pra colocar algo aqui...então eu faço uma mistura desses estilos e tudo que vejo ao meu redor, se eu to andando na rua e eu vi algo assim que me chamou atenção ou eu estou olhando tv assim, algo nada a ver com dança, derrepente circo, algo artístico, me vem uma ideia, então eu..em cada coreografia, em cada aula, eu to procurando trazer coisa novas, mais ao meu redor.

Pesquisador: Você prepara ou planeja suas aulas? Como?

Sujeito 7: Eu não preparo minhas aulas (risos) "que nem o vovô neh"...antes eu preparava, quando não tinha segurança...aí começou a surgir as oportunidades de dar aula, e eu sabia que tinha que saber e pensava.... bah o vovô nunca preparava aula, chegava lá e fazia do nada....ah eu quero ser assim também, e aí, eu sempre escolhia a música e fazia um oito só pra ter a base, pra iniciar, e o resto era na hora... poh uma vez eu tava em uma aula e tava fazendo os movimentos neh, e eu olhava e via uma pessoa fazendo um troço nada a ver, não tava errado, mas nada a ver com o que eu fiz, aí eu tirava dali um movimento (risos) bahh que legal o que tu

fez, no próximo movimento é esse que a fulana fez...ai claro, colocava um pouco de ironia pra alegrar o pessoal...e criava movimentos assim...

Pesquisador: Faz uso de recursos de apoio? Quais?

Sujeito 7: Recursos de apoio...se eu faço pesquisas?

Pesquisador: Material de apoio pra dar aula, no caso? Tipo, traz video...

Sujeito 7: Eu trabalho muito com reflexão assim...tipo, ah, eu tenho alunos que começam e enxergam os outros na frente neh, deles na dança, e querem desistir, então que eu faço, eu pego e trago algo de reflexão pra que eles olhem e vejam aquilo que eles também podem. E coloco meu exemplo, o do Vovô. Sempre eu falo pra eles:

- bah quando tu nasceu, nasceu caminhando? nasceu falando? Então...a gente aprendeu com o tempo, tem aquele que aprende mais rápido etem aquele que aprende mais lento, então eu sempre procuro trazer um video de reflexão as vezes nada a ver com aquilo ali, com a dança, mais algo que mexa contigo e te crie algo, um negocio, pra que tu te esforce e enxergue...poh eu posso, ele conseguiu, aquela pessoa, porque eu não vou conseguir também. Então eu trabalho muito com material de reflexão e um estudo que eu trago sobre o estilo que eu passei.

Pesquisador: Como você descreveria sua metodologia de ensino para docência em danças urbanas?

Sujeito 7: É que é como te falei né, não , tipo quem faz aula comigo a algum tempo. Eu trabalho com varias ferramentas, principalmente a ferramenta de trabalhar em grupo ne, então eu trago, quando eu dou a minha aula eu procuro não fazer uma sequencia que eles façam apenas para o espelho ou pra mim, mas que eles façam entre eles, que eles consigo trabalhar entre eles...ai, tipo, eu pego uma pessoa de um lado uma pessoa de outro...ou uma pessoa de uma certa panelinha outra de outra, desmancha bah, dancem, depois desmancha, bah dancem de novo, e vou desmanchando e acaba que todo mundo acaba trabalhando em grupo e ao mesmo tempo eu faço que eles sejam professores também, porque estão dançando e ao mesmo tempo estão corrigindo.

-bah amigo, esse movimento não é assim..

-tu me cuida, bah, cuida vai lá...

Então...eu trabalho para que todos trabalhem comigo e me ajudem também. (Risos)

Pesquisador: Durante as aulas você acredita que consegue comunicar plenamente o que deseja aos alunos ou necessita usar mais uma estratégia para comunicar o que gostaria? Se sim, explique.

Sujeito 7: Eu vejo que as vezes sim as vezes não....é que nem eu falei, se eu tenho tempo... As vezes eu chego na aula pra passar alguma coisa e vejo que eles ficam boiando, mas sempre tem...dai o que acontece: eu estou dando a aula mas eu estou observando, sou muito de me cobrar, preciso dar uma aula boa neh. Entãoeu vejo que acontece iso ai, na mesma hora me vem aquele estralo, eu tiro algo que não

tem...algo que não tem nada a ver com a dança, mas tem a a ver com o lado da....tipo assim de trabalhar com a pessoa, e não trabalhar com a dança que ta na pessoa, então, ah eu vejo que as vezes acontece e as vezes não acontece, as vezes eu chego na aula...as vezes estou passando e vejo, pohh os acara pegaram a todo fole...ai tem vezes que tem uma demora...então, não tem muito o certinho sabe, mais o que vem na hora,o que o momento me reservar, eu vou trabalhar ali...

Pesquisador: Na sua percepção, é recorrente os alunos saírem com duvidas das aulas? Se sim, de que tipo.

Sujeito 7: Ah...eu não gosto que saiam com duvidas, a principio eles não tem saído com duvidas, porque como eu trabalho com esse jeito que todo mundo ao mesmo tempo, bem dizer trabalha comigo, então eles não saem com duvidas, estão toda hora perguntando e se ajudando, tem uma que não chega, que não tem coragem de perguntar, mas ai a outra chega e diz.... ah mas não é assim e de tal forma e o nome e tal...

Que acaba que eu, as vezes tu enxerga o meio ali, os que estão fazendo , os que estão meio que com dificuldades tu não enxerga, ou estão no fundo ou meio que nos lados, mas só que ai meus outros alunos fazem esse trabalho, então pra mim eles não saem com duvidas.

Pesquisador: Quais as maiores dificuldades que você percebe nos alunos quanto ao aprendizado em Danças Urbanas?

Sujeito 7: Eu vejo que é a falta de identidade de estilo, é o que eu vejo, que tu começa a fazer danças urbanas, e quando tu não conhece e ve um cara fazendo movimento de b.boy, ...ah tu quer ser b.boy, poh tu fez um ali...poh o cara não sei o que...então esses movimentos acrobáticos, ah chamam atenção...e também claro, tu ve uma guria dançando firme e tremendo, quem é mulher também se apavora e acha que vai entrar e sair fazendo, mas ai o que acontece, fez uma aula, fez duas, um mês, a pessoa acaba vendo que não é que achava que era...então as vezes, que nem eu falo pra quem eu dou aula, as vezes não é pra ti, ou é, mas o processo é mais lento. Por isso procuro trabalhar com vários estilos, que eu também consigo enxergar meus alunos e ver para que lado eles estão puxando.

Pesquisador: Você atua para minimizar ou sanar as suas dificuldades? Como?

Sujeito 7:: Se eu atuo...

Pesquisador: É.... (risos) acho que tu deu uma resposta tão completa né...

Sujeito 7: Não...é, que nem eu falei, procuro fazer... (risos novamente)

Pesquisador: Você costuma pesquisar vídeos e músicas sobre danças urbanas?

Sujeito 7: Ah...sim, músicas principalmente porque eu gosto de ser diferente...ah tem uma musica, bah que tem uma base...que bah, mexe comigo, então o que eu faço..ah não quero ser igual, então vou colocar algo nela...vou lá coloco um programa no computador, ah...vou mexer na voz, vou colocar tal coisa, então eu não gosto de ser igual aos outros assim, eu gosto de ser diferente, então toda vez

que eu pego uma musica eu faço um diferencial nela, pra que as pessoas olhem e notem a diferença, fez um diferencial, cara diferente...então na dança eu gosto de estar pesquisando na internet, eu gosto de fazer comparações...poh esse grupo é parecido com esse que é parecido com aquele, mas na verdade eles não são iguais, da pra ser diferente, e vem outro também parecido, mas um pouco mais que aquele,e pra eu também ficar atualizado no que eu gosto de trabalhar, porque gosto mais de trabalhar com composição coreográfica, então eu gosto de ver também para criar ideias, poh dento daquilo ali da pra fazer tal coisa e tal coisa da pra fazer tal coisa, então eu gosto de ta sempre atento em tudo...olhar, tudo que eu posso, tudo que tiver de informação, que nem um estilo neh, sempre pega a nose e enche a arvore dele até...então, quanto mais informação tiver, melhor pra mim e pro meu trabalho.

Pesquisador: Você procura pesquisar livros, artigos e fontes teóricas sobre danças urbanas? Se sim, onde como e com que frequência?

Sujeito 7: Eu...eu pesquiso muito não compro livros...eu pesquiso muito com a internet com os criadores, ah vou lá no face e entro no criador de tal estilo...ah vou ler a história do cara, quero saber como começou neh, ai leio, depois dali vou outro, mas vou mais para criador da dança assim, ah vou lá no tal cara que criou isso, ah da onde veio, e pra mim poder até explicar quando eu vou dar uma aula ou um Workshop, ai eu procuro falar, eu não chego lá só pra dar uma aula só de movimentação, eu gosto de chegar lá e falar um pouco também, reservo um momentinho ali pra falar um pouco...mas tem que saber neh, não adianta falar da boca pra fora, do que eu vi alguém falar pra mim neh, ai eu procuro ir lá no cara assim, porque senão fica, como tu vai me falar assim se o cara que criou falou assim, então procuro fazer isso...e é um estilo que eu gosto. Por isso que eu digo, quando tu gosta tu vai atrás neh, reserva o tempo que for.

Pesquisador: Você participa de cursos, workshops, masterclasses evisando outros eventos de danças urbanas sua formação como professor? Se sim, explique.

Sujeito 7: Ah...agora já faz um tempinho que eu não tenho participado, mas sempre quando tem eu procuro ficar atualizado, não importa a pessoa que vai dar o curso...não tenho interesse assim, ah eu vou ir só porque é o fulano lá, conhecido e tal, eu vou, vou e ver, alguma coisa que eu ver e não me agradar eu vou procurar tirar alguma coisa de bom dali. Mas, eu sempre que tem algo eu procuro fazer. Fazer aula, se tem curso, eu faço, e...festival faz um tempinho que eu não vou, mas agora esse ano sim, esse ano, vou voltar de novo com uma turma nova, ai eu vou começar a só participar de festival, porque meu trabalho, como alguém pergunta pra mim...foi meio difícil pra mim, porque meu trabalho foi uma dança de rua, mas...pelo lado gospel assim que da meio que uma quebrada, eu não tenho como fazer muito, tanta coisa que nem se faz em um grupo de fora então...esse ano sim estou com um projeto pra fazer um grupo separado da igreja gospel. Vou ter um grupo lá e vou ter um pra competição...

Pesquisador: Na sua opinião, quais aspectos são considerados essenciais para uma atuação qualificada como um professor de danças urbanas?

Sujeito 7: O que que é principal? Ahh...caraça (risos)... eu vejo que o professor tem que gostar do que faz, eu não posso, aquilo não pode ser meu ganha pão, mas sim aquilo que eu amo, o principal...Tu olhar teu grupo e não enxergar o melhorzinho, mas enxergar pra todo mundo e ver que são iguais...esse aqui dança, vocês podem achar que ele dança um pouco melhor mais vocês podem ser igual a ele, é só vocês se encarna, se ela ta assim e ele ta assim é porque ela correu atrás, então vamo correr atras. E outra, eu tento fazer com que eles sejam melhor que um dia eu fui. Façam a diferença, e assim, nunca sejam "o Baiano" ou o "Solismar", mas que sejam eles...isso que eu vejo assim...o essencial.

Pesquisador: Existe algum aspecto que considere importante destacar sobre o ensino de danças urbanas, hoje? Se sim, qual?

Sujeito 7: Que nem eu falei...o importante de tudo é o amor com que tu faz...que é o importante de tudo pra mi. Tu tem que chegar e que nem eu tava dando exemplo pro Luciano, tu ta num serviço que nem eu (que todo mundo diz que trabalho bom e tal) mas eu não queria ta lá, as vezes pedem no meu trabalho pra fazer uma horinha e eu bahh, ta louco fazer uma horinha...já chego sete da manha louco pra ir embora. Mas aula de dança não, eu chego ali na frete dos meus alunos...e se a aula é uma hora, deu duas, deu tres e eu to ali ...não tenho vontade de ir embora. Eu gosto de dar aula, então acho que o importante é ter amor pelo que tu faz, e se tu for fazer, tem que fazer com excelência, não pode fazer meia boca...eu amo, eu gosto...mas não pode ser meia boca.Tem que saber que assim como a dança evoluiu e ta evoluindo foi porque surgiram pessoas assim, e ta surgindo pessoas assim, e ao mesmo tempo eu amo de verdade e vou melhorar mais ainda..oq ue eu acho de principal, amar..

FIM DA ENTREVISTA

Anexo H - Transcrição de entrevista realizada durante pesquisa de campo.

Transcrição Sujeito 8

Pesquisador: Qual sua experiência e formação em dança?

Sujeito 8: Ah, na verdade a minha experiência em dança...ah, eu sempre falo que comecei dançando desde que estava na barriga da minha mãe. Porque ela dançava neh, e no entanto, quando ela estava grávida de mim ela fazia aula de ballet, e tudo mais, então já tenho uma experiência desde sempre. Ai, depois eu comecei a dançar com três anos de idade no ballet, ballet clássico, com a Juliana Rezen, fazia baby class, dançava inclusive aqui na CIA da Dança...ah depois de um tempo, fui dançar na academia dela, ela criou um espaço dela, daí me convidou para ir dançar lá, que aí, era Jazz e não ballet, daí fui então para o Jazz...ganhei uma bolsa e fui dançar lá, fiquei por lá dos meus cinco até os meus nove anos...aí foi quando terminou minha bolsa né, aí eu não tinha mais condições de pagar aí resolvi, a minha mãe resolveu me tirar, daí então eu fui pra escola, comecei a ter experiência com a dança escolar né, fiquei durante bastante tempo lá, até meus 14 anos onde eu fui pra Cia de dança Afro, com Daniel Amaro, que aí tive experiência com dança afro também, fiquei lá durante 3 anos, nesse meio tempo as meninas que dançavam, algumas meninas que dançavam no grupo da Adagio, saíram da Adagio e formaram um grupo independente, também era de Jazz, dança contemporânea e dança de rua e aí eu saí então do Daniel e passei a dançar com esse grupo, que era o grupo Estimulo. Ah...nesse meio tempo eu comecei a dar aula, mas dava aula de Jazz, então o lugar que eu comecei, foi o lugar que dancei quando era criança, foi o lugar que voltei depois para dar aula, isso é muito legal assim...se parar pra pensar. Ah...quando eu tava com as gurias eu comecei a ter mais experiência com danças urbanas, que aí eu fazia algumas aulas com o Grupo Piratas de Rua, onde eu tive um contato bem bacana assim.. e acho que é isso.

Pesquisador: você tem professores referenciais em sua formação? Quem e porque?

Sujeito 8: Tenho vários na verdade, porque como eu tive contato com vários estilos de dança né, várias modalidades, porque eu sempre gostei muito assim de aprender um pouco de cada coisa né...então eu tenho vários...o Daniel Amaro é uma referência pra mim né, a Juliana Rezen, também é porque foi minha primeira professora, muitas coisas a organização, a disciplina, né, respeito a relação professor aluno, esse tipo de coisa eu aprendi muito com ela. Teve a Darla Duarte também, que foi minha professora dentro do ensino escolar, ah...vamos ver, Monica Borba, Thiago Amorim, depois os outros professores dentro da universidade, que foram pessoas que agregaram muito valor ao meu aprendizado...falando no geral, não vou falar especificamente de cada um, mas...como, como se tornar professor, como desenvolver as aulas com metodologias né, um planejamento, a questão da Arte, como encher a arte, da dança, dentro da escola, dentro do espaço formal, do espaço não formal, então isso, isso contribuiu muito, não só como eu sou como professora, mas como eu sou como pessoa hoje.

Pesquisador: Quanto tempo pratica danças urbanas? Qual sua trajetória no gênero e nos subgêneros?

Sujeito 8: Então, danças urbanas, eu comcei a ter, contato, aquele contato mais quando eu fui pra Adagio assim, mas na verdade eu ainda nem dançava dança de rua, eu só observava, porque o Vovô dançava lá, os guris, alguns meninos do piratas de rua, que não era ainda dos piratas mas dançavam lá, ah...tinham essa trajetória muito forte, eu me lembro que observava eles dança e achava aquilo o maximo sabe...e queria muito dançar, mas eu era do grupo dos menores, e quem dançava eram as maiores, que dançavam dança de rua...então aquilo me instigava muito. Quando eu comecei a dançar na dança escolar, a Darla arriscava algumas coisas da dança de rua porque ela também gostava, mas ainda não entendia bem o que era cada estilo né, quem eram os criadores, as referencias, depois quando eu comecei a dançar com as meninas, que ai..eu tive aula com o Vovô, ele dava aula pra gente, pro grupo estímulo no período que ele deu aula pra gente, comecei a esclarecer algumas coisas...paralelo a isso, tive contato com o Eduardo Menezes né, que é de Rio Grande, que hoje é um baita professor, um baita profissional, ah...e comecei a ter mais interesse, saber descobrir o que que era, dai...nesse meio eu comecei a fazer aula com os piratas e comecei a ver o que era cada estilo...Quando eu tinha aula e quando era o Vovô, ou quando era o Gugu que dava aula, eles se preocupavam muito em falar o que que era, pesquisavam sobre isso, que era o feeling, o feeling de cada dança, o que era Pooping, o que era Looking, então isso se tornou bem interessante, a partir dai comecei a desenvolver meu conhecimento com danças urbanas, a querer pesquisar também sozinha, que eu acho que é algo que se constrói muito na pratica, então tu ta ali dentro do meio das pessoas tu vai aprendendo bem mais com quem é lider daquele grupo, então, consequentemente tu vai adquirindo experiencia.

Pesquisador: Ha quanto tempo ministra aulas de danças urbanas? E como foi seu percurso até se tornar professora de dança nesse gênero?

Sujeito 8: Ta, não faz tanto tempo quanto eu danço. Faz mais ou menos uns 6 anos, que eu resolvi, ah, dar aula desse gênero, porque como eu era bailarina né, dançaria, eu não me sentia preparada pra dar aula de danças urbanas, eu queria muito aprender, ter experiência, sentir isso no meu corpo pra depois eu ter coragem e me sentir preparada pra dar aula nesse gênero. Então, foi mais ou menos isso...primeiro eu experimentei muito, depois eu resolvi..então não faz muito tempo, uns 6 anos mais ou menos.

Pesquisador: Como descreve a estrutura da sua aula? Em quais partes ou momento, a aula está organizada?

Sujeito 8: Ta, ah...como eu trabalho atualmente dentro da escola que eu não estou trabalhando como professora na área de danças urbanas no ensino não formal, eu estou trabalhando no ensino formal, que é na escola, então...isso ta dentro dos conteúdos programáticos da escola, o que eu trabalho com eles é não só a danças urbanas (é o genero que eu mais trabalho) porque pra mim é o que ta mais perto

do jovem, querendo ou não, é o que tá dentro dos bairros e tudo mais...é um gosto muito deles, e eles sentem muito interesse, então eu trabalho muito, acredito até que pra aprender, ensinar os outros estilos de dança eu comecei...(ah tudo mundo fala, que começa com ballet clássico, mas na verdade, não) comecei bem ao contrario, para me aproximar bastante deles que são jovens. Então, eu separei minhas aulas em teóricas e práticas, eles tem momentos que eu sempre começo com aulas teóricas, que começo falando da cultura Hip Hop, o que são os quatro elementos da cultura Hip Hop, o que cada um deles é...e aí desmembrando os 4 elementos, tem a dança, e aí eu falo sobre os estilos, o que é cada dança, qual o feeling indicado a ela, apresento vídeo, fotos, que é algo, imagens sobre cada estilo, e ..depois a gente vai pra prática, então eu sempre procuro esboçar teoria pra ir despertando interesse e depois eu vou pra prática...na prática, na maioria das vezes eu começo pelo Hip Hop dance, que é algo de um gingado e um balanço mais deles assim, que eles conhecem mais também, do que os outros estilos dentro do gênero. A partir disso eu vou desmembrando, trabalhando outros estilos...

Pesquisador: Você adota algum subgenero como prioritário, se sim, qual? e porque?

Sujeito 8: Tá...o Hipo Hop Dance que eu já falei, que eu acho que tem um feeling bem próximos deles, como muitos deles escutam rap, hip hop, e pelo próprio balançar da música, já é o hip hop do feeling, eu acho que é mais fácil começar por ele, mas eu já trabalhei com eles o Waacking que foi bem difícil por causa dos meninos, eu primeiro fiz eles experimentarem a dança em si, depois eu expliquei o que era o gênero, tipo eu não expliquei antes, da onde que surgia, toda aquela movimentação, que vai toda mais pro lado de quem é gay, que foi construída pelos bares gays e tal, então eu não quis começar já falando com medo que eles renegassem fazer, então comecei ensinado o estilo pra depois explicar bem o que era. E aí foi bem tranquilo assim, bem legal o retorno deles. Mas me se surpreenderam bastante quando falei da história.

Pesquisador: Como você chegou ao formato da aula de danças urbanas que ministra hoje. Quais suas influencias e/ou exemplos?

Sujeito 8: Então, foi através dos professores que eu tive, isso é uma coisa óbvia. Porque se foi importante pra mim quanto aluna, eu aprendi né, também algo que tá em mim neh, como aluna...tem a referencia também de aula do Vovô, do Gugu, ah, a tua referencia de aula que é a pessoa que depois eu mais tive contato, ah...depois quando eu fiz cursos, sai pra fora, vi outros tipos de aulas, ah...com Edson Guiu, Ah Frank Ejara, Otavio Nassur, ah quem mais...Andre Bidu, tem mais gente, só que eu me esqueci (risos) Cleber de Paula também, então que era um pouco diferente de ministrarem aula aqui de Pelotas, aquela questão da interação, dos alunos, é diferente de quando a gente tá numa aula que tu vai toda semana, a energia é outra, então isso foi muito legal porque me acrescentou muito assim, nas minhas aulas hoje, eu trago muito essas referencias.

Pesquisador: Você prepara e /ou planeja suas aulas? como?

Sujeito 8: Ta, assim, eu tenho muito a questão do diario de aula, eu tenho isso, sempre tive, na verdade depois que eu entrei na universidade ficou mais nítido porque é algo que funciona. Tu ter ali um registro de como é a turma, tu ter um contexto do ambiente, faz muita diferença pra como tu vai planejar tuas aulas. Então, ah...eu divido em aquecimento, alongamento, uma parte da sequencia coreográfica, e sempre no final eu faço de interação em grupo, faz duplas ou trio, ou o rodão né, e ai cada um entra e faz uma movimentação do seu corpo de improvisação, e no final faço um relaxamento pras pessoas não irem pra casa a milhoes (risos) acho que é isso.

Pesquisador: Faz uso de recursos de apoios? quais?

Sujeito 8: Sim, o tempo inteiro. Agora eu estou super feliz que eu consegui na minha escola a sala de dança, que depois de um ano trabalhando eu consegui e recursos de data show que agora todas as salas tem...porque antes era...a gente sabe que pra gente da dança a internet é um meio muito importante, então visualmente falando se eu não consigo levar outras pessoas que dançam danças urbanas dentro da escola é difícil eu sozinha.. é difícil, porque eu não danço todos os estilos. Então atraves do video é muito mais facil, então eu uso..uso também, o recurso de livros, que inda bem que consegui o livro didático de artes, então dentro do livro de artes fala sobre o hip hop, e tras o conteudo bem legal para trabalhar sobre dança, sobre o corpo, e também uso recursos de livros didático...o som, música, imagens também, trabalho as vezes com desenho...ah tipo, tentar fazer com que eles representem atraves do desenho, ah...o que eles aprenderam corporalmente falando...ou ao contrario, levar uma imagem pra eles, eles ter que representar pra eles o que eles entendem no corpo deles, então é mais ou menos isso.

Pesquisador: Como você descreveria sua metodologia de ensino para a docência em dança urbanas?

Sujeito 8: Então...acho que já falei um pouco sobre isso... acho que é questão muito de trazer o que é deles, sabe, uma das coisas que o hip hop tem, eu resumiria em poucas palavras é a questão, do ...eu sou daqui! eu estou aqui...trazer essa questão da identidade deles, é uma coisa que as danças urbanas tem de muito forte. Eu sempre tento trazer nas minhas aulas isso entendeu, a questão da diferença, que também faz parte da metodologia, porque também não adianta tu chegar lá e não trazer todas essas questões que são da identidade deles mesmo, sabe? Que é um dos principais motivos da dança da cultura hip hop, que é as pessoas chegarem ali e se afirmar com outras pessoas, e isso dentro da escola ta muito presente. E a gente como professor tem que dar ênfase pra isso principalmente.

Pesquisador: Durante as aulas acredita que consegue comunicar plenamente o que deseja aos alunos? Necessita utilizar mais de uma estratégia para comunicar o que gostaria? Se sim, explique.

Sujeito 8: Eu to falando isso dentro do contexto formal ta...é diferente do contexto não formal. Porque na maioria das vezes o aluno ele ta lá porque ele quer...

brigando ou não sabe, seja numa ong ou em um projeto, ele tá lá porque ele quer fazer parte daquilo dali... quer aprender, agora no espaço formal, na escola, onde eu to trabalhando, é difícil, porque muitos alunos ali, principalmente os adolescente, eles já estão saturados, e assim...é tão louco a questão do aluno esta sempre de frente pro quadro sabe...copiando..uma realidade muito louca...quando chego para dar aula de dança, parece que tira eles da zona de conforto, agora eles estão se acostumando mais, as vezes eu tenho que fazer quase que ser bem diretiva porque senão não tem como, aquela coisa de deita no chão e respira ainda não funciona, porque é um sistema muito fechado. O que facilita pra mim é que eu sou uma professora mais nova, do que todas as professoras que eles tem, então eu querendo ou não, eu to mais próxima deles, falo um pouco da linguagem deles, então eles me entendem melhor do que elas e não fico o tempo inteiro brigando ou chamando a atenção porque não da simplesmente tá afim da minha aula faz se não dou outra atividade pra ti fazer entendeu...e daqui a outro momento e vou insistir de novo pra ele participar. Mas eu não tenho como em uma sala onde tem a 30 alunos eu ficar o tempo inteiro parando a minha aula pra chamar o aluno para participar, então eu tento varias estratégias, mas quando não da...paciencia...infelizmente é assim, depois pode ser que o aluno observando os outros que estão fazendo (isso já aconteceu) venha a participar mais.

Pesquisador: Tu diria que no contexto informal também?

Sujeito 8: No informal acontece também, mas é como eu falei, no informal o aluno tá lá porque ele quer...não que tu não vai exigir, vai exigir, mas é diferente, as vezes o aluno tá na escola, ele chegou na escola e nem comeu entendeu...tem aluno que levanta de manha cedo e não tem nem café pra tomar, tu quer que teu aluno numa aula pratica de educação física como, se ele tá louco de fome...louco que chegue o horário das 11 horas pra ele poder ir pra merenda, nesse sentido tem que ser compreensiva, sabe...

Pesquisador: Na sua percepção, é recorrente os alunos saírem com duvidas das aulas, se sim, d que tipo?

Sujeito 8: Eu acho que saem com bastante duvidas assim, acho que no sentido de curiosidade, de querer saber mais. Porque direto... principalmente nas aulas teoricas, por ser algo novo pra eles, a arte, a história do hip hop, que é umas das coisas que eu sempre trabalho, na maioria das vezes, eu tenho a maioria deles no facebook, internet, então quando eles tem duvidas de trabalho, me perguntam me mandam, eu sempre procupo responder, mas as duvidas mais decorrentes, é...ah que site eu posso pesquisar tal coisa? porque é algo bem importante pra eles assim, eu fico as vezes...porque os outros professores não fazem isso, porque se eles, qualquer coisa que eles queiram pesquisar a internet tá aí abe..e se o professor ajuda com fontes confiáveis é melhor ainda para eles conseguem compreender, sabe...

Pesquisador: No contexto informal também?

Sujeito 8: No contexto informal, acho que é diferente um pouco...por exemplo: se tu tem um grupo que já tá contigo a algum tempo, ele já tem uma autonomia maior

porque o teu trabalho artístico ele é mais focado, como tu já tem um interesse, ele já vai esclarecendo as duvidas ali, no momento...e na escola tu tem prazos, a realidade e totalmente diferente...os alunos tem outras disciplinas pra dar conta...e acaba que isso é um pouco difícil, eu acho que o trabalho artístico é mais fácil no espaço não formal, do que dentro da escola, meio que isso atrapalha, mas é algo que vai sendo construído, não adianta...

Pesquisador: Quais as maiores dificuldades de você percebe nos alunos quanto ao aprendizado de danças urbanas?

Sujeito 8: A questão do...ritmo e do tempo, pode ser, mas sei lá, pode ser bem a questão, a gente sabe que dentro das danças urbanas a gente usa, falando bem da parte pratica mesmo...a gente usa muito recursos da musica, do tempo, as vezes é dançado na voz, outras vezes é dançado no tempo de alguma percussão, do ritmo, na marcação daquele tempo, e...na maioria das vezes eles nunca tiveram uma experiência ah...com dança, então eles nem sabem o que é isso...o que é ritmo o que é tempo, então tu vai ensinando... e a referencia do professor é bem igual, porque tu dançar pra eles, mostrar, é algo que a uma referencia, além de tu trabalhar isso. E isso, a questão do feeling, de como sentir a musica, isso é...é complicado um pouco...

Pesquisador: Você atua para minimizar ou sanar suas dificuldades? como?

Sujeito 8: Sim, o tempo inteiro (risos) ah, essa questão aí também é do professor fazer, eu acho que muitas vezes, se o aluno nunca fez aula a referencia dele é o professor, então não adianta tu passar meio dúzia de movimentos e pedir para eles repetirem se tu não vai mostrar, entendeu? A referencia dele é tu, eles podem ter outras fora, pra improvisação, ou por exemplo tu tá num trabalho coreográfico, tu é a referencia, então tu mostrar como se faz e como acontece o movimento a qualidade do movimento é importante para que eles aprendam.

Pesquisador: Você costuma pesquisar vídeos, e musicas sobre danças urbanas? se sim, onde, como e com que frequência?

Sujeito 8: Claro..o tempo todo..o tempo todo quando estou com internet. hoje em dia é difícil a gente conseguir viajar para outros lugares, principalmente onde a gente mora, ainda bem que a gente tem contato com esses outros profissionais que são lá de cima e estão sempre mais atualizados, a internet ajuda muito, como trazer referencias e deixar mais atualizados. Sites de dança que a gente encontra, paginas no facebook, paginas nacionais, de pessoas que trabalham com danças urbanas, a gente consegue entrar e perceber o quanto que as danças urbanas tá se modificando o tempo inteiro. Acho que antigamente era bem mais difícil. Bem mais pra gente conseguiria material...a uns 10 anos atrás era bem complicado. Hoje em dia com nossos recursos, internet é bem mais fácil saber o que está acontecendo.

Pesquisador: Você costuma pesquisar livros, artigos e fontes teóricas sobre Danças Urbanas? Se sim, Onde, como e com que frequência?

Sujeito 8: Ai meu Deus...(risos) sim né, é acho que, depois que a gente entra na universidade é outra realidade, a gente vê como é importante a pesquisa dentro da

dança, como é importante. A gente saber o que as pessoas do meio acadêmico estão construindo nas danças urbanas, até um tempo atrás não se tinha, tanto artigos livros, ainda falta, tem, bastante agora em comparação a anos atrás...é o tempo inteiro, até porque como eu tô trabalhando na escola, eu estou sempre tendo que estudar alguma referência, sempre atualizada..não só com as danças urbanas, mas outros gêneros e a história da dança também.

Pesquisador: Você participa de cursos, workshops, master classes e outros eventos de Danças Urbanas visando sua formação como professor? Se sim, explique:

Sujeito 8: Sim, sempre quando eu consigo, porque sabe, a gente trabalha, muito..e hoje em dia é difícil a gente sair pra outra cidade e outros estados, pra ver, fazer esses cursos workshops e tudo mais. Acho que antes de eu me tornar professora, isso é uma carencia inclusive, eu conseguia fazer com muito mais que agora, pela questão do tempo, financeira e tudo mais e também porque seria interessante se mais desses cursos acontecessem aqui mesmo na cidade, se agente conseguisse se unir mais e trazer referências pra gente...seria uma troca bem interessante.

Pesquisador: Na sua opinião, quais aspectos são considerados essenciais para uma atuação qualificada para um professor de danças urbanas?

Sujeito 8: Eu acho que primeiro é a questão da experimentação, foi algo que fez muita diferença pra mim..acho que todos são assim sabe, na maioria das vezes como dançarino...ninguém se torna professor do dia pra noite...o hip hop a cultura hip hop é muito mais que isso...tem que vivenciar, te colocar no meio, entender o porque é necessário, pra tu conseguir levar isso pra outras pessoas é o que eu penso. Eu sei que pra mim, pra outras pessoas pode ser que não seja, mas pra mim é importante tu conseguir experimentar, depois questão da pesquisa, tu entender como começou e até onde tu pode ir entendeu...ah pesquisar o porque que surgiu, pra que surgiu, quais são os estilos, quais criadores...qual ambiente ela tava, qual contexto surgiu aquela dança...acho que é isso, e depois quando tu for dar aula, estudar qual contexto tu tá inserindo, pessoas que vão fazer parte daquela aula daquele ambiente, pra depois tu contruir a aula, metodologia...

Pesquisador: Existe algum outro aspecto que considera constatar sobre o ensino de danças urbanas hoje? Se sim, qual?

Sujeito 8: Acho que isso que eu falei antes...preocupar-se mais com que as pessoas sintam aquilo dali, saibam o contexto sabe, não é só uma dança, é muito mais que isso, tem uma importância muito grande, dentro da sociedade, que é o que eu vejo, tanto que quando eu escrevi o meu tcc minha preocupação maior era conseguir deixar o material pra outros colegas poderem utilizar e melhorar aquilo que consegui como pesquisa e que levassem a outros professores, fazer compreender um pouco da história, como isso pode ser no meio pedagógico, ah..entender que não faz parte só de uma cultura, que tem todo um contexto histórico.

FIM DA ENTREVISTA

Anexo I - Transcrição de entrevista realizada durante pesquisa de campo.

Transcrição Sujeito 9

Pesquisador: Qual sua experiência e formação em Dança? Você tem professor/es referenciais na sua formação? Quem e porque?

Sujeito 9: Minha experiência em dança, falando especificamente, minha experiência mais é a vivência prática é com a Danças Urbanas desde que eu comecei a dançar, desde a infância até a minha adolescência foi só as Danças Urbanas. Profissionalmente eu tenho o Paulinho (Paulo Renato Monteiro), foi quando eu comecei no Grupo Piratas de Rua, foi meu primeiro professor de Dança, no Juvenil, sênior, e depois no adulto, Anderson Farias conhecido como Vovô, são minha duas bases ter uma qualificação de movimento nas Danças Urbanas. Depois tem outra referência que não é nas Danças Urbanas, que é o Thiago Amorim, que já é outra linha, linguagem de dança que é as danças folclóricas. São as minhas referências quanto as danças. Fora outros.

Pesquisador: Quanto tempo pratica Danças Urbanas? Qual sua trajetória no gênero e nos subgêneros?

Sujeito 9: Eu pratico acho que a menos de 10 anos, mais?! Desde 2005, 2004, é foi a partir daí quando eu comecei no Grupo Piratas de Rua, a partir daí um só me qualificando, ganhando, não, não é ganhando, qualificando de modo geral. Minha trajetória é bem longo digamos assim, por que uma trajetória de mais de 10 anos não é pouca coisa não. E nos subgêneros o que eu mais me identifiquei foi o Hip Hop FreeStyle. Claro, eu tive outras práticas, outros contatos, não sabia definitivamente o que eu queria, comecei com o locking e passei pro popping, e quase todas vertentes do subgêneros de Danças Urbanas. Então me identifiquei com o Hip Hop Freestyle, foi o que eu mais me identifiquei e até hoje no nesse âmbito. Depois descobri o stilto, que é um subgênero das danças urbanas, que não é bem foi implementado nas Danças Urbanas.

A partir daí to dando aula nessa linhagem do stilto e acho que é isso.

Pesquisador: Há quanto tempo ministra aulas de danças urbanas? E Como foi seu percurso até se tornar professor de dança nesse gênero?

Sujeito 9: Aula em academia de dança foi a pouco tempo início desse, já trabalhei coreografei mais nunca dei aula em academia, isso falando em academia, foi no início desse ano, em fevereiro pra ser mais exato, não só no aqui, mas em outro espaço que não é uma academia de dança, mas de musculação. Foi na Cia da dança.

Foi um convite que eu recebi do Taison, era ele que lecionava as aulas aqui com o pessoal a tarde das 17h às 18h. Aí ele me convidou para substituir ele em determinado momento, mas depois eu fiquei no lugar e o substituí permanentemente. Então dente então estou aqui dando aulas de Hip Hop FreeStyle.

Pesquisador: Como descreve a estrutura da sua aula? Em quais partes e/ou momentos a aula está organizada? Você adota algum sub-gênero como prioritário? Se sim, qual e porque?

Sujeito 9: Bom, geralmente eu começo as aulas e tem uma estrutura, óbvio né! Faço um plano, eu começo fazendo um alongamento, básico, nada de difícil, depois vou para o aquecimento, depois trabalho com bases do Hip Hop Freestyle, não só o

Hip Hop no caso e a partir dessa base eu faço uma sequência. Então finalizando a aula depois de uma hora de que ministro. Eu sempre puxo pro lado que me sinto confortável, que é o Hip Hop Freestyle, mas sempre tento trabalhar sempre com outras vertentes das danças urbanas, já trabalhei com o Popping, House, mas eu trabalho com o Hip Hop Freestyle, é um movimento que é mais flexível de trabalhar com os alunos, também é onde eu tenho mais experiência, então me sinto mais confiante, mas seguro dando aula de Hip Hop Freestyle.

Pesquisador: Como você chegou ao formato da aula de Danças Urbanas que ministra hoje? Quais suas influências e/ou exemplos?

Sujeito 9: As influências tem de monte, tenho muitas influências. Eu sempre to pesquisando um bastante vídeo, fruindo né! Também tem os alunos, peço pra eles trazem músicas ou um estilo de dança que eles queiram aprender ou curiosidade. Nessa troca de diálogo aluno professor.

Quando eu não tinha ideia de como se planejava uma aula prática, a influência que do curso superior em dança é muito gratificante a gente muita coisa não só teórica quanto prática também. Mas é mais teórico do que prático, mas não vem ao caso.

Pesquisador: Você prepara e/ou planeja suas aulas? Como?

Sujeito 9: Preparar eu sempre preparo, mas planejamento é intangível. Eu faço ele na cabeça não no plano físico, no papel. Tipo, eu to no ônibus e já to planejando a aula, ouço uma música e uma parte daqui já planejo a aula e acabo sempre tento um retorno muito bom, dos alunos no caso. E isso é bom, é um experiência entre aspas arriscada, mas está funcionando, a partir do momento em que eu ver que não está funcionando mais eu vou. A questão é sempre estar testando , experimentando.

Pesquisador: Faz uso de que recursos de apoio? Quais?

Sujeito 9: Como tinha dito anteriormente, as referências de vídeos sempre pesquisando sobre os estilos na linguagem das Danças Urbanas, subgêneros e tal. E tem essa outra questão que é a questão troca de diálogo professor aluno. As vezes eu peço pra eles pesquisarem o que eles querem aprender ou ter contato. Engraçado que aqui o público é bem variado, tem o pessoal do K-Pop, do Popping, aí tem outro aluno que não se achou ainda, mas sempre faz a aula. Então eu acabo pesquisando e descobrindo coisas que eu nem sabia que existia.

Pesquisador: Como você descreveria a sua metodologia de ensino para a docência em Danças Urbanas?

Sujeito 9: Ta aí uma questão muito mega difícil de responder por que ela é uma questão muito subjetiva.

A minha aula é estruturada a partir dos alunos, eu percebo através deles, se eu vejo que eles não estão conseguindo fazer o que propus, eu vou lá e adapto algo que é mais flexível pra eles. Eu nunca sei. Por mais que se planeje, pense e repense sobre a estrutura da aula, metodologia, nunca é aquela coisa. No teórico é uma coisa na prática é totalmente outra, então a minha base é sempre os alunos, me espelho neles pra fazer a metodologia da aula.

Pesquisador: Durante as aulas, você acredita que consegue comunicar plenamente o que deseja aos alunos? Necessita utilizar mais de uma estratégia para comunicar o que gostaria? Se sim, explique:

Sujeito 9: Geralmente, não sai, eu não consigo oferecer toda aula que é planejada, mas conseguir com a metade da aula ou mais que a metade da aula. Tem uns que não muita facilidade em dançar, mas não se abalam e continuam ali na vibe da aula. Falando objetivamente, não tenho resultado 100 por cento, digamos assim. Digamos que 60 por cento.

Pesquisador: Na sua percepção, é recorrente os alunos saírem com dúvidas das aulas? Se sim, de que tipo?

Sujeito 9: Até então meus alunos nunca tiveram dúvidas quanto as aulas. Até por que eu não sou do tipo de pessoa que faz uma coreografia hard, no caso difícil, eu tento fazer uma coisa mais sensata.

Pesquisador: Quais as maiores dificuldades que você percebe nos alunos quanto ao aprendizado de Danças Urbanas?

Sujeito 9: Os alunos vem muito afobado de vez em quando. E tipo, falam demais e fazem de menos, era isso que eu queria dizer. Então isso acaba, omitindo, porque tu acha que é uma coisa e é outra e tu tem que ir lá e mudar tudo e acaba complicando a vida do professor entre aspas. Aí o professor tem que saber jogar, ter um jogo de cintura quanto a isso.

Os alunos geralmente já sabem, já tem um conhecimento prévio antes de entrar nas aulas, fazer a aula. Claro, tem gente que tem dificuldade de fazer o movimento, mas o que supre é que professor percebe que o aluno tem dificuldade e vá lá traga o aluno pra si, pra todo mundo tentar trabalhar junto. Basicamente era o que eu tinha falado anteriormente.

Pesquisador: Você atua para minimizar ou sanar essas dificuldades? Como?

Sujeito 9: Claro, tem que atuar, não faria sentido se eu não atuasse. Eu pergunto se tá difícil aí vou lá e repito algumas vezes até que fique uma certa quantidade que não fique maçante até por que não é só aquela pessoa que tá na aula tem outras, outros alunos que estão ali na aula, já tem uma facilidade para aprender, não tem tanta dúvida quanto alguém que dificuldade em executar o movimento. Então ou vou nessa pessoa pergunto se está tudo bem, se está tranquilo está favorável e bola pra frente.

Pesquisador: Você costuma pesquisar vídeos e músicas sobre Danças Urbanas? Se sim, Onde, como e com que frequência?

Sujeito 9: Sim, pesquiso sim, bastante música, sempre busco trabalhar com outros estilos de música, geralmente trabalho mais com música americana, K-pop que eu descobri graças a uma aluna.

Pesquisador: Você costuma pesquisar livros, artigos e fontes teóricas sobre Danças Urbanas? Se sim, Onde, como e com que frequência?

Sujeito 9: Eu trabalho basicamente, com o que eu aprendi na Universidade, não só na universidade mas no meu processo de pessoa com as danças urbanas, fora as referências práticas, mas não tenho muito leitura constantemente.

Pesquisador: Você participa de cursos, workshops, master classes e outros eventos de Danças Urbanas visando sua formação como professor? Se sim, explique:

Sujeito 9: Gostaria muito, mas tem aquela dificuldade econômica, distância, logística. Estamos em uma cidade que é basicamente parada praticamente, no sentido das artes, danças urbanas, então é uma coisa difícil eu estar presente em eventos por que é tudo lá pra cima.

É questão econômica, acaba dificultando essa vontade.

Pesquisador: Na sua opinião, quais aspectos são considerados essenciais para uma atuação qualificada como um Professor de Danças Urbanas?

Sujeito 9: Acredito que ter uma experiência prática com as danças urbanas é fundamental, não digo teórica por que qualquer um pode ter. Vamos ser direto, mas agora prática é uma questão muito importante. Não faria sentido eu querer dar aula de balé e não ter uma vivência, não faia sentido eu dar aula de balé sem saber a prática.

Mas é aquilo, se a pessoa quiser trabalhar com isso ela que vá buscar, esse conhecimento prático, sempre que possível estar juntamente a teoria. Saber os dois reforça.

Pesquisador: Existe algum outro aspecto que considera importante destacar sobre o Ensino de Danças Urbanas hoje? Se sim, qual?

Não respondeu.

FIM DE ENTREVISTA

Anexo J – Termo de declaração de uso de imagem e depoimentos

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu Daniel Garcia Siegas, e RG 411596351, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, o graduando Taison Furtado Duarte, sob orientação do Professor Dr. Thiago Silva Amorim de Jesus, responsáveis pelo desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso do graduando em questão, cujo título é Ensino de Danças Urbanas hoje: Reflexões sobre práticas contemporâneas na cidade de Pelotas, a realizar as fotos que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização de fotos (seus respectivos negativos) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor dos responsáveis pela pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto N.º 3.298/1999, alterado pelo Decreto N.º 5.296/2004).

Pelotas, 24 de Maio de 2016.

Thiago Amorim
Thiago Silva de Amorim Jesus

Taison Furtado Duarte
Taison Furtado Duarte

Daniel Garcia Siegas
Entrevistado(a)

Anexo K – Termo de declaração de uso de imagem e depoimentos

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

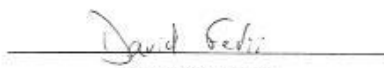
Eu David Ferreira Vieira, e RG 1026766086, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, o graduando Taison Furtado Duarte, sob orientação do Professor Dr. Thiago Silva Amorim de Jesus, responsáveis pelo desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso do graduando em questão, cujo título é Ensino de Danças Urbanas hoje: Reflexões sobre práticas contemporâneas na cidade de Pelotas, a realizar as fotos que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização de fotos (seus respectivos negativos) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor dos responsáveis pela pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto N.º 3.298/1999, alterado pelo Decreto N.º 5.296/2004).

Pelotas, ____ de Maio de 2016.


Thiago Silva de Amorim Jesus


Taison Furtado Duarte


Entrevistado(a)

Anexo L – Termo de declaração de uso de imagem e depoimentos

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu Diogo Silva Oliveira RG 31032615.03

depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, o graduando Taison Furtado Duarte, sob orientação do Professor Dr. Thiago Silva Amorim de Jesus, responsáveis pelo desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso do graduando em questão, cujo título é Ensino de Danças Urbanas hoje: Reflexões sobre práticas contemporâneas na cidade de Pelotas, a realizar as fotos que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização de fotos (seus respectivos negativos) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor dos responsáveis pela pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto N.º 3.298/1999, alterado pelo Decreto N.º 5.296/2004).

Pelotas, 27 de Maio de 2016.

Thiago Amorim
Thiago Silva de Amorim Jesus

Taison Furtado Duarte
Taison Furtado Duarte

Diogo Oliveira
Entrevistado(a)

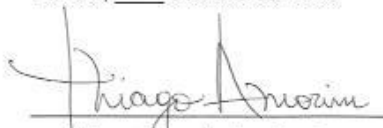
Anexo M – Termo de declaração de uso de imagem e depoimentos

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu PAULO RENATO C. MONTEIRO RG 3079808014, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, o graduando Taison Furtado Duarte, sob orientação do Professor Dr. Thiago Silva Amorim de Jesus, responsáveis pelo desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso do graduando em questão, cujo título é Ensino de Danças Urbanas hoje: Reflexões sobre práticas contemporâneas na cidade de Pelotas, a realizar as fotos que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização de fotos (seus respectivos negativos) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor dos responsáveis pela pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto N.º 3.298/1999, alterado pelo Decreto N.º 5.296/2004).

Pelotas, ____ de Maio de 2016.

	
Thiago Silva de Amorim Jesus	Taison Furtado Duarte


 Entrevistado(a)

Anexo N – Termo de declaração de uso de imagem e depoimentos

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu Ramon de Oliveira Granado, e RG 204338925, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, o graduando Taison Furtado Duarte, sob orientação do Professor Dr. Thiago Silva Amorim de Jesus, responsáveis pelo desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso do graduando em questão, cujo título é Ensino de Danças Urbanas hoje: Reflexões sobre práticas contemporâneas na cidade de Pelotas, a realizar as fotos que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização de fotos (seus respectivos negativos) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor dos responsáveis pela pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto N.º 3.298/1999, alterado pelo Decreto N.º 5.296/2004).

Pelotas, 27 de Maio de 2016.

Thiago Amorim Taison Furtado Duarte
Thiago Silva de Amorim Jesus Taison Furtado Duarte

Ramon de O Granado
Entrevistado(a)

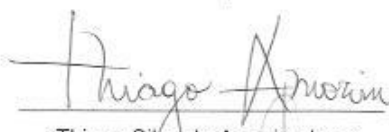
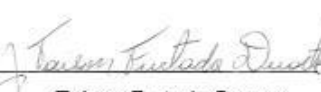
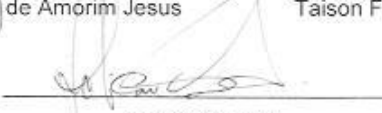
Anexo O – Termo de declaração de uso de imagem e depoimentos

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu Solismar Silva da Rosa, RG 10.697.476-06, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, o graduando Taison Furtado Duarte, sob orientação do Professor Dr. Thiago Silva Amorim de Jesus, responsáveis pelo desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso do graduando em questão, cujo título é Ensino de Danças Urbanas hoje: Reflexões sobre práticas contemporâneas na cidade de Pelotas, a realizar as fotos que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização de fotos (seus respectivos negativos) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor dos responsáveis pela pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto N.º 3.298/1999, alterado pelo Decreto N.º 5.296/2004).

Pelotas, ____ de Maio de 2016.

 Thiago Silva de Amorim Jesus	 Taison Furtado Duarte
 Entrevistado(a)	

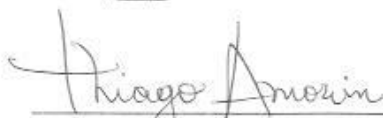
Anexo P – Termo de declaração de uso de imagem e depoimentos

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu Taísona Oxley Pereira, e RG 3085281156, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, o graduando Taison Furtado Duarte, sob orientação do Professor Dr. Thiago Silva Amorim de Jesus, responsáveis pelo desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso do graduando em questão, cujo título é Ensino de Danças Urbanas hoje: Reflexões sobre práticas contemporâneas na cidade de Pelotas, a realizar as fotos que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização de fotos (seus respectivos negativos) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor dos responsáveis pela pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto N.º 3.298/1999, alterado pelo Decreto N.º 5.296/2004).

Pelotas, 24 de Maio de 2016.


Thiago Silva de Amorim Jesus


Taison Furtado Duarte


Entrevistado(a)

Anexo Q – Termo de declaração de uso de imagem e depoimentos

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu Thiago S. Melo/les, e RG 4422159394

depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, o graduando Taison Furtado Duarte, sob orientação do Professor Dr. Thiago Silva Amorim de Jesus, responsáveis pelo desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso do graduando em questão, cujo título é Ensino de Danças Urbanas hoje: Reflexões sobre práticas contemporâneas na cidade de Pelotas, a realizar as fotos que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização de fotos (seus respectivos negativos) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor dos responsáveis pela pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto N.º 3.298/1999, alterado pelo Decreto N.º 5.296/2004).

Pelotas, 24 de Maio de 2016.

Thiago Amorim Taison Furtado Duarte
 Thiago Silva de Amorim Jesus Taison Furtado Duarte
Thiago S. Melo/les
 Entrevistado(a)

Anexo R – Trechos do diário de campo

18 de Abril (Criação da Nova coreografia coletiva)

Hoje estávamos em cinco integrantes no ensaio e demos início a mais uma coreografia coletiva do espetáculo, que a princípio terá somente três coreografias coletivas (de grupo) e demais coreografias em conjuntos, duos, trios e solos.

Estamos nos aproximando da reta final do processo, e todos já sentem isso, mesmo ainda sem entender a proposta na sua totalidade sentem que o momento de apresentar está próximo.

Primeiro ensaio com minha perna lesionada, foi bem desconfortável. Não por estar machucado, mas por perceber que o elenco está sentindo a minha lesão mais do eu mesmo.

Por outro lado, sinto que o elenco buscou ficar mais concentrado, focado para entender minhas explicações, acredito que por eu não poder demonstrar a movimentos fez com que a concentração fosse maior por parte deles.

Logicamente, explicar o momento verbalmente e ir mostrando as características dele através das repetições e corpos tem sido bem difícil, um desafio.

Anexo S – Trechos do diário de campo

O ensaio começou hoje com 16 minutos de atraso da equipe diretiva, pq estava eu, juntamente com Felipi resolvendo questões da produção da companhia. Isso não comprometeu o andamento do ensaio, pois como de costume, o elenco aqueceu individualmente para começarmos o ensaio e no tempo que estamos fora os mesmos já estavam passando as cenas iniciais do espetáculo sozinhos.

Acredito que hoje tenha sido uns dos ensaios mais focados por parte de todo o elenco, que estava completo, justamente, pela inclusão dos novos integrantes nas cenas iniciais do espetáculo, ao mesmo tempo em que a ampliávamos.

O elenco está em um clima bom, focado, mas é visível que ainda não sabem o que estão dançando. Ainda não entenderam a lógica do espetáculo. O que acho natural, porque ainda não estou me achando dentro da poética e conceito do trabalho também. No entanto, percebo que essas definições estão bem próximas.

Ficou definido que apenas um dos veteranos participará da estreia do espetáculo.

Anexo T – Foto da Estreia de Relógio de Areia



IMAGEM: Apresentação de estreia do espetáculo Relógio de Areia
CRÉDITOS: Deko Oliveira e Rodrigo Chagas

Anexo U – Foto da Estreia de Relógio de Areia



IMAGEM: Apresentação de estreia do espetáculo Relógio de Areia
CRÉDITOS: Deko Oliveira e Rodrigo Chagas

Anexo V – Foto da Estreia de Relógio de Areia



IMAGEM: Apresentação de estreia do espetáculo Relógio de Areia
CRÉDITOS: Deko Oliveira e Rodrigo Chagas

Anexo W – Foto da Estreia de Relógio de Areia



IMAGEM: Apresentação de estreia do espetáculo Relógio de Areia

CRÉDITOS: Deko Oliveira e Rodrigo Chagas